



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Débora Brandão de Lima Maia

PODER (PARA) DIZER DE NÓS:
LEITURAS FEMINISTAS NA PASSAGEM DE UMA ÚNICA HISTÓRIA
A UMA HISTÓRIA ÚNICA DE MULHERES MÃES

Maceió
2023

DÉBORA BRANDÃO DE LIMA MAIA

PODER (PARA) DIZER DE NÓS:

LEITURAS FEMINISTAS NA PASSAGEM DE UMA ÚNICA HISTÓRIA
A UMA HISTÓRIA ÚNICA DE MULHERES MÃES

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro.

Maceió

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Livia Silva dos Santos - CRB 1670

M217p Maia, Débora Brandão de Lima.

Poder (para) dizer de nós: leitura feministas na passagem de uma única história a uma história única de mulheres mães / Débora Brandão de Lima Maia. – 2023.

158 f.

Orientadora: Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 152-156

Apêndice: f. 157-158

1. História - Mulheres. 2. Leituras feministas. 3. Mulheres – Histórias - Grupos.
4. Maternidade. I. Título.

CDU: 159.942

À vovó Flora, à vó Noêmia e ao vô Toinho
Meus últimos antepassados aqui na terra.
Partiram no tempo desse mestrado,
e eu muito não sabia ainda sobre elas e
ele. Meus amores, escrever essa história
me fez saber mais sobre mim,
e me aproximou também de vocês.

AGRADECIMENTOS

A Maria, minha filha única, cujo sentido de ÚNICA é construído dia a dia no nosso viver juntas, com dedicação e cuidados meus a ela e delas a mim. Obrigada, meu amor, pela sua presença e parceria que, em especial, encheram de esperança e até de beleza esses últimos anos tão difíceis. Obrigada por compartilhar o tempo e o espaço das suas aulas remotas com os das minhas aulas do mestrado remoto. Obrigada pelos “bilhetinhos de cuidado” colocados por debaixo da porta do escritório, quando eu estava fazendo meus atendimentos psicoterapêuticos online e você ficava aguardando em outro cômodo da casa, com as perninhas ansiosas por movimento e liberdade: “Mamãe, fui brincar na casa da Maya”. Foi lindo sermos “Eu e tu, Tu e eu”; é lindo ainda, quando acontece. E eu espero que por muitos anos nas nossas vidas seja assim.

À mainha, pela sua maternagem dançante, que me tomou no colo de formas tão diferentes ao longo das nossas vidas. Obrigada, meu amor, por ainda me pôr no colo. Por ter corrido e ajustado tudo que estava ao seu alcance na sua vida e no seu trabalho para atender ao meu grito de socorro ecoado de Maceió a Porto de Pedras-AL, pelo WhatsApp. Meu corpo estará para sempre marcado de amor pelas memórias daquela semana de 10 a 24 de abril de 2023, em que você “se mudou” para a minha casa, cuidou dela, da nossa comida, da Maria e de todas as rotinas me permitindo ter tempo de qualidade, de concentração, para tentar terminar a escrita dessa dissertação.

Ao painho, pelo tão imenso amor que se permitiu me ouvir quando fui me conhecendo mais e lhe contando de mim lá atrás, ainda me “tornando gente”. Obrigada, meu amor, por aceitar que eu narrasse minha própria história, mesmo quando isso lhe doía e talvez não fazia sentido para você. Sua generosidade foi grande, e eu fiquei grande. Seu cuidado se faz presente na minha vida, e foi muito importante também para a realização desse espinhoso percurso acadêmico, que tantas vezes parecia estar empenhado em destruir (meus) afetos. Um desses momentos, foi quando você nos apoiou na organização da festinha de 9 anos da nossa Maria, e fez junto conosco acontecer a magia do 12 de março que quase ficaria perdida.

Ao meu irmão Lucas, pela alegria, incentivo e orgulho expressados com cada passo meu.

Ao meu companheiro Gilson, por não me deixar só na experiência das jornadas duplas, triplas e quádruplas. Pela companhia no conhecer, no sentir e no viver as dores e as delícias do cuidar. Obrigada, meu amor, pela vontade de me ver caminhar até o fim. Por ter trabalhado em casa e fora para unir forças e recursos comigo. Pelo tempo “aumentado”; e aguardado. Por cada vez que ouvi sua voz grave, gentil, resistente, e sobrevivente, buscando me compreender: *Do que você tá precisando agora? O que a gente tem que fazer? É ir pra cima!*

À tia Rejane, minha sogra. Mais uma mulher amorosa e forte a me maternar. Obrigada, querida, por sempre (sobretudo desde que a Maria nasceu) cuidar de nós. Por buscar ela na escola, quando não podíamos; por fazer as tarefinhas com ela; por ir comprar o tecido e adereços para o traje da festinha junina (e por confeccionar). Quantas vezes encheu meu coração de emoção, meu rosto de lágrimas silenciosas e meu corpo de segurança, quando ao chegar em casa do trabalho, eu encontrei tudo (muito mais do eu esperava) tão atenciosamente cuidado: nossa casa organizada,

nossa comida preparada, as roupas recolhidas do varal... conviver com você tem sido uma rara experiência de aprender a beleza de ficar vulnerável para ser cuidada.

À Cláudia, minha cunhada, por fazer a Maria reconhecer na vida dela a relação com uma “Titiiiiiiiia!!!”. Obrigada pela alegria de vê-la correndo pros teus braços, de receber os teus abraços e xêros. Pelo apoio e cuidado tão presentes que viram coisas em nossas vidas: brinquedos feitos a mão e brincadeiras feitas com entrega; telas que ornamentam as paredes da nossa casa; colares que enfeitam nossos corpos... Obrigada também pelas vezes que buscou a Maria na escola; que a acompanhou nas tarefas e nos estudos; que ficou responsável por ela. Pois, além de ter me possibilitado, em tantos momentos, trabalhar, estudar, escrever; teceu/tece com a gente uma rede de cuidado e amor para fazer viver e crescer bem a Maria.

Às mulheres com quem eu me encontrei e fiz esta pesquisa. Às do meu cotidiano, em especial à Angel, que cuida da minha casa e de mim. Que enche as minhas manhãs nas segundas-feiras com histórias da sua vida, e me presenteia, no final do dia, com a experiência de chegar do trabalho e encontrar a casa pronta (do meu jeito e do dela!), fazendo acontecer em mim a sensação de também estar pronta para recomeçar a semana. Seu trabalho doméstico, como já sabemos, querida Angel, fez e faz eu conseguir produzir este trabalho acadêmico. Obrigada!

E às mulheres do grupo de leitura “Maternando-se”, por confiarem a mim suas histórias tão lindas, íntimas e potentes que encantaram meu pesquisar, fazendo o meu corpo dançar para escrever. Minhas mais importantes leitoras, o apoio, o carinho e o acolhimento de vocês, transformaram-me como pesquisadora e autora. Segui, porque cada uma de vocês permitiu e quis que eu fosse. Obrigada por lerem e acompanharem a produção deste texto; por retornarem mensagens tão atentas, afetuosas e participativas pelo WhatsApp. À Leka, em especial, por nos permitir a ocasião única de conhecer sua história única, de nos envolvermos com ela e nos responsabilizarmos pelo mundo que estamos criando (e que queremos construir) para você, querida, e para todas as mulheres mães; cada uma com suas histórias singulares.

Às minhas amigas da infância e da vida. Com as quais partilhei olhares, gritos alegres e sussurros, brincadeiras e molecagens que marcaram o meu ser e viver, disputando (sem eu saber) versões com a única história que era contada sobre nós meninas, e mulheres. Cotidianamente, obrigada por serem também rede de apoio, do tipo que vem e faz. Como no domingo de Páscoa, 09 de abril, em que eu precisei esticar o tempo para esta escrita, quando a Nana atendeu ao meu pedido de socorro e em menos de uma hora já tinha incluído minha filhota na programação dela com a família e chegava à porta da minha casa para levá-la. Foi um dia lindo, divertido e recheado de chocolates para a Maria; e foi um dia produtivo para mim. E assim, com ações práticas, afetivas e coletivas, esta pesquisa foi acontecendo. Cada linha a mais escrita, teve cuidado, teve alguém cuidando de alguma coisa por mim. Obrigada!

Teve também muita gente cuidando de mim. Acompanhando e ouvindo as minhas dores. As alegrias, em geral, foram compartilhadas por todas/os/es com quem eu cruzava. Mas as tristezas, as angústias, as perdas, algumas pessoas em especial carregaram comigo. Thaisa e Rafa, vocês foram meu colo e minha força. Foram, comigo, esperança e revolta. Conhecem tão bem minha vivência com o mestrado e com esta pesquisa, que poderiam vocês mesmas escreverem sobre ela. É impossível achar palavras para dizer da nossa parceria, então, vou usar as da Rafa: “Foi ótimo mesmo, amiga. Mas **a gente** não aguenta mais nada nesse caminho”.

Agradeço às pessoas lindas que encontrei no mestrado, colegas de turma. Ao José Junior e à Wanessa, pelas primeiras partilhas de escritas, tão afetuosas. À Dina, pelo exemplo de coragem e pela disponibilidade em me socorrer, oferecendo logo

tapioca e café quentinhos. À Maria e à Juliana, pelas trocas, aconselhamentos e apoios no WhatsApp que deram algum sentido a essa coisa esquisita de termos cursado um mestrado remoto, atravessadas pela pandemia.

Às minhas leitoras amigas. Nádia Meinerz, por validar as minhas experiências e os meus movimentos de aproximação com a academia; por validar os meus fuxicos e o eu-pesquisadora surgido com esta pesquisa. Telma Low, por tecer com o texto comentários tão encanta-dores que me fez lhe sentir conversando comigo. E em especial à Ligia Ferreira, prima querida que a vida e a família do meu companheiro me presentearam. Querida, sou tão feliz e grata pelas inúmeras vezes que você parou o que estava fazendo, apoiou o corpo na porta de casa ou sentou-se no chão da garagem para conversar comigo sobre esta pesquisa. Qualquer ocasião de passadinha na sua casa: - Prima, a Maria tá por aí? Você já vinha: - E aí, como tá a pesquisa? E aquele encontro cotidiano logo se tornava também um encontro de apoio acadêmico.

À minha orientadora Maria Auxiliadora Ribeiro, por ter me escolhido como sua orientanda, permitindo-me reingressar na academia. E especialmente, por ter deixado os caminhos abertos para nós, mesmo re-conhecendo os próprios limites e sabendo dos meus. E ao grupo de pesquisa Prosinha pelas quintas-feiras dedicadas aos nossos tão difíceis encontros remotos. A cada mestranda, agradeço por partilharem de seus trabalhos. Agradeço em especial à Ray e à Simone. Queridas, as palavras de gratidão e emoção, já cochichadas aos seus ouvidos, por tudo que nós três vivemos e fizemos juntas, para nos sustentarmos umas às outras em nossos percursos e chegarmos à defesa, não cabem nessa folha. Nós sabemos.

Ray, minha principal, mais presente e envolvida leitora. Amiga, obrigada por acompanhar minha escrita, por ajudar a ajustar o texto até nos aspectos de formatação. Obrigada por construir me permitir compreender a mim mesma na pesquisa e no pesquisar, por construir isso comigo cada vez que se envolveu e se entregou às minhas histórias e confusões. Foi tão lindo, tão potente, amiga, que dá vontade de fazer um podcast com os nossos áudios trocados pelo WhatsApp.

E à Simone por me ler de forma encantada. Querida, sua presença foi como a de uma mãe encantadora de histórias. Aquela mãe que nos conta coisas incríveis sobre nós mesmas, que nos apoia incondicionalmente, fazendo a gente acreditar que é e que pode ser. Fazendo ficar pequenininha a história que parece maior que a gente, que assusta como um monstro, a ponto de nos fazer encolher debaixo de cobertas. Você encantou minha história como escritora e acadêmica, querida, com suas versões tão lindas sobre mim-mestranda, sobre mim-pesquisadora; e cada conto seu tornou também possível eu me sentir maior do que o monstro, sair do esconderijo e fazer.

À Débora Allebrandt e à Carla Guanaes, pela participação e gentis contribuições na minha banca de qualificação. Débora, a primeira a me contar que pesquisa pode ser tanta coisa que haveria de me caber de alguma forma, em algum lugar. Obrigada, querida, por me aproximar da pesquisa acadêmica, primeiro com o projeto “Desafios e estratégias de educação permanente na saúde materno-infantil em Alagoas” e depois como aluna ouvinte nas suas aulas de Pesquisa Autoetnográfica. Obrigada, Carla, por me ajudar a perceber a beleza e a força com que eu fui me apropriando desse meu processo de reaproximação depois de 15 anos de conclusão da graduação. Pude perceber a potência no jeito como as leituras feministas abriram caminhos para mim e me conduziram.

Às professoras Marília Silveira, Aline Kelly e Simone Hüning por me apresentarem às escritas e políticas de pesquisa contra hegemônicas, e às escritas de mulheres do terceiro mundo. Academicamente, nesse mestrado, foi para mim o

mais importante de conhecer. Agradeço em especial à Marília, por continuar me acompanhando tão atenciosamente, pelo WhatsApp, por e-mail, nas leituras às minhas escritas... Por me escutar com interesse e respeito capazes de fazer existir o que eu intuía e pensava para esta dissertação.

A Ester Mambrine, por se entusiasmar com a minha escrita de modo a me fazer desejar criar mais com as palavras e com as histórias. Querida, eu nunca esquecerei todos os áudios de orientação e acolhimento pelo WhatsApp; todas as conversas dedicadas a conhecer e fazer crescer a minha autoria. Com você, eu soube que a escrita é um lugar para o qual eu sempre vou querer voltar.

A Márcia Moraes, por ter me acolhido generosamente como convidada nos encontros online do grupo PesquisarCOM e a todas/os/es as/os/es demais pesquisadoras/res integrantes por me fazerem sentir partilhando aquele espaço. Obrigada, queridas/os/es, pelo tanto de políticas de pesquisa que conheci com suas práticas. Em especial, à Ellen e à Lucila, pelas trocas e escutas mais ao pé do ouvido. É lindo perceber como suas palavras (faladas e escritas) viajaram com as materialidades das redes de computação e influenciaram meus processos de pesquisa e escrita aqui em Maceió.

Agradeço às queridíssimas amigas Natasha e Rosi, ao querido amigo Rafael. Tantos nomes, mãos, rostos e histórias eu poderia contar em agradecimento. Você, que em algum momento encontrei nessa caminhada, que esteve comigo, está também aqui. E eu lhe agradeço imensamente.

*Rodando a minha saia
Eu comando os ventos
Quem vem a minha praia vai ver
A força que se espalha de alguns
movimentos
Que sei desfazer e refazer
Quem pode compartilhar dos meus
sentimentos
Na hora que o refletor bater.*

(Maria Betânia, 'Nossos Momentos')

RESUMO

Esta dissertação é um produzir e contar histórias. Produzir, contar, produzir, contar, produzir, contar... de um jeito tão intenso, e intencionalmente misturado, que se fizemos aquela brincadeira de repetir em voz alta essa sequência sem parar, “produzir contar”, tem uma hora que a ordem sonora se confunde, e parece mudar: Contar, produzir. Buscamos esta inversão, assim quisemos; pois as referências feministas com as quais nos encontramos nesse fazer nos dizem que pesquisar e escrever é contar histórias, que isso faz produzir mundos, e que importam também os modos de narrar. Escrevemos e contamos histórias esperando construir um mundo melhor para mulheres mães viverem. Produzimos histórias comandadas pela dor, reunindo a força que se espalha de movimentos que nós mulheres, juntas, sabemos desfazer e refazer, na vida e na pesquisa. Assim acompanhadas, ficamos instigadas para o como as nossas histórias de mulheres se movem no nosso texto “rodando as saias”, fazendo giros nas histórias contadas sobre nós; é o que nos inspira a perceber a imagem sonora do canto de Maria Betânia. Por isso a escrita é uma narratividade que reúne nossas vozes, permitindo movimentar a questão de como nos apropriarmos das nossas próprias histórias de mulheres e mães. Para isto, fizemos a passagem narrativa de uma única história a uma história única; esta é a nossa peça. Ela foi tecida com retalhos recolhidos de três experiências: a minha maternidade, o grupo de leitura Maternando-se, e o meu pesquisar no mestrado acadêmico em Psicologia. Com estes retalhos, embaralhamos as minhas histórias e as das mulheres com as quais me encontrei, e as quais eu li e reli, no caminho do viver e do pesquisar. Confundimos também os tempos e os contextos desses encontros. Imaginamos. Inventamos. Sem nos apegarmos a conceitos como realidade ou ficção. Pesquisamos com a vida, e a vida tem dessas coisas. A maternidade, a leitura e o cuidado foram os nós para costurarmos as histórias e fazermos existir uma peça única, singular. Tudo isso aconteceu, não é preciso provar. O momento agora é de colocar o refletor nessa direção e convidar a quem quiser vir perceber, sentir e compartilhar.

Palavras-chave: Histórias–Mulheres. Leituras feministas. Mulheres–histórias. Grupos. Maternidade.

ABSTRACT

This dissertation is about producing and telling stories. Produce, tell, produce, tell, produce, tell... in such an intense, and intentionally mixed, way that if we play that game of repeating this sequence aloud non-stop, "produce count", there is a time when the order sound gets mixed up, and seems to change: Telling, producing. We sought this inversion, that's what we wanted; because the feminist references with which we find ourselves in this work tell us that researching and writing is telling stories, that this produces worlds, and that the ways of narrating are also important. We write and tell stories hoping to build a better world for women mothers to live in. We produce stories driven by pain, gathering the force that spreads from movements that we women, together, know how to undo and redo, in life and in research. Accompanied in this way, we are instigated to see how our stories of women move in our text "turning the skirts", making turns in the stories told about us; this is what inspires us to perceive the sound image of Maria Betânia's singing. For this reason, writing is a narrative that gathers our voices, allowing us to move forward with the question of how to appropriate our own stories of women and mothers. For this, we made the narrative passage from a single story to a single story; this is our play. It was woven with scraps collected from three experiences: my motherhood, the Maternando-se reading group, and my research in the academic master's degree in Psychology. With these scraps, we shuffle my stories and those of the women I met, and whom I read and reread, on the path of living and researching. We also confuse the times and contexts of these meetings. We imagine. We invented. Without clinging to concepts such as reality or fiction. We research with life, and life has these things. Motherhood, reading and care were the knots to sew the stories together and make a unique, singular piece exist. All this happened, there is no need to prove it. Now is the time to put the spotlight in that direction and invite anyone who wants to come and understand, feel and share.

Keywords: Stories-Women. Feminist readings. Women-Stories. Groups. Maternity.

SUMÁRIO

1	MULHER, DEIXA EU FAZER UM FUXICO.....	13
2	DE UMA ÚNICA HISTÓRIA A UMA HISTÓRIA ÚNICA	23
2.1	A dor como lugar de teorização	26
2.2	As coisas que sabemos na vida como lugar de produção	29
2.3	O grupo de leitura como lugar de fuga.....	33
2.4	O caminhar vulnerável como lugar de potência	37
2.5	A implicação como lugar de cuidado.....	43
3	DO GRUPO DE LEITURA ÀS LEITURAS DO GRUPO.....	51
3.1	Um reencontro fora do comum	55
3.1.1	Novas linhas	58
3.1.2	Nós-leitoras.....	64
3.2	Leituras, “remeximentos” e caminhos	69
3.2.1	Reler-nos	71
3.2.2	Leitura com	77
3.3	Tem que ser uma leitura com cuidado.....	84
3.3.1	Cuidado para	87
3.3.2	Cuidar com	94
4	MATERNANDO-NOS.....	102
4.1	HistóriaS.....	106
4.2	(Des)embaralhando as histórias	111
4.3	Fazer histórias	116
4.4	Só mais uma história?.....	125
5	UMA HISTÓRIA DE TODAS NÓS	136
6	PÓS ESCRITO	147
	REFERÊNCIAS	152
	APÊNDICE	157

1 MULHER, DEIXA EU FAZER UM FUXICO...

Se eu lhe autorizo a contar a minha história!?
 Vixe que emoção! Menina, eu fico é lisonjeada.
 Só não sei o que você vai escrever, Debi¹, acho a
 minha história tão sem graça.... Mas escreva, e
 comigo não se preocupe em nada.
 Só conte essa nossa história, amiga, do seu jeito.
 Não me importa nem se é 'verdade ou mentira'.
 O importante para mim é você contar.

Leka²

Durante um tempo, eu caminhei pela pesquisa e pela escrita dissertativa me sentindo uma mexeriqueira. E esse era um sentimento ruim. Eu era uma fuxiqueira má.

Eu tentava me haver com as questões de como produzir uma pesquisa-escrita com mulheres e mães, e usando as falas delas, as histórias delas, mudando os lugares das coisas como explicarei daqui a pouco que faço nesse texto, sem as anular ou as silenciar. Como eu poderia problematizar a apropriação das nossas histórias de mulheres e mães tomando as suas vozes?

Tinha também a questão da autoria da dissertação, de encontrar a minha voz, de a erguer de modo que se materializasse como texto; que diz também do processo de me aprimorar da minha história de mulher e mãe pesquisadora na academia. Construir eu mesma essa narrativa, do meu jeito, foi para mim uma experiência de autorecuperação (bell hooks, 2019). O que, como veremos no curso de uma história maior, passa por podermos nomear o que vivemos e a nós mesmas.

No momento da fala da Leka, colocada como epígrafe, quando lhe perguntei se no capítulo final desta dissertação eu poderia contar a história dela, a primeira sensação com a sua autorização e apoio incondicional foi de alívio. Depois, veio uma força que me levou a assumir mesmo esse lugar: sou uma pesquisadora fuxiqueira.

¹ Debi sou eu. É a minha personagem na relação com as mulheres que encontrei na vida e nesta pesquisa. É a forma como elas, quando me conhecem com mais aproximação, ou intimidade, ou carinho (só elas saberiam confirmar) costumam passar a me chamar. Assim, me nomeei nos diálogos no texto

² Leka é uma das mulheres parceiras dessa pesquisa. Os nomes das demais parceiras, mulheres e mães integrantes do grupo de leitura Maternando-se, cujos trechos de falas e de histórias fazem composição neste trabalho, são reais e fictícios. A maioria delas optou por usar seus próprios nomes, e outras escolheram outros nomes próprios para o texto.

Tenho dúvidas se isso resolve todas as minhas questões, mas cria uma figura que acolhe e transforma minha antiga experiência de fragilidade e desconforto.

Uma coisa que você deve saber logo sobre a pesquisadora fuxiqueira, é que ela tem um jeito de dizer as coisas como causando má impressão, como gerando desconfiança. Um jeito de dizer velado, “escondendo” parte da história: “Que conversa é essa, mulher!? Não sei onde você vê essas coisas”. Pois bem, há muitas coisas que eu não vejo mesmo; mas sinto e posso perceber. Assim, conheço e penso. Foi desse modo como primeiro eu soube que para nós mulheres e mães pesquisadoras contarmos as histórias que tenhamos, é preciso antes negociar e encontrar caminhos para ocupar lugares de poder (para) dizer. E isso, muitas vezes, passa por (se) convencer de que sabemos narrar nossas próprias histórias.

Assim inscrita, vou aproveitar logo a chamada “Mulher, deixa eu fazer um fuxico...” para já afirmar que na minha escrita usei sim uma linguagem de gênero. Escolhi, para as palavras sem gênero, os pronomes e terminações do feminino “a/s”, e assim por diante. Escrevi os primeiros nomes das autoras referenciadas, e me dirigirei a você como “minha leitora”; pois escrevo com mulheres, por mulheres e também para mulheres.

Talvez a minha composição textual (e não só ela!) faça surgir desconfortos no seu percurso com a leitura. Eu também não fiquei nem estou totalmente confortável, confesso. É que a pesquisadora fuxiqueira tem um jeito de passar as histórias adiante mexendo na ordem das coisas, confundindo o tempo cronológico, as vozes; como quem está pouco preocupada com as in-verdades. Uma pesquisadora fuxiqueira, quando tem uma história para contar, quer mesmo provocar, quer confundir o que já é/era sabido.

Então, o que eu fiz foi recolher retalhos das histórias que vivi, acompanhei e conheci no curso da minha experiência de me tornar mãe, da experiência com o grupo de leitura Maternando-se, e do meu mestrado acadêmico em psicologia e da pesquisa; para produzir textos com elas, afim de contar uma outra história. Os retalhos são histórias que conheci, falas curtas ou relatos que escutei, episódios que vivi e/ou testemunhei, frases e trechos inteiros que li. Tudo isso aconteceu de março de 2014 a junho de 2021. De modo que, um dos registros documentais da pesquisa foram as minhas lembranças. Não importa que tenha me falhado a memória.

Alguns retalhos viraram pequenos diários, no sentido dos caderninhos da minha adolescência, nos quais eu escrevia as coisas que aconteciam e me tocavam

de tal maneira que eu precisava contar a mim mesma, para elaborar. Esses registros, que usei como textos na pesquisa, são escritas que eu vinha fazendo no bloco de notas do meu celular, quando um acontecimento da vida ou do grupo de leitura me afetava, interferindo também no meu pesquisar. E são trazidos para o texto, no capítulo “De uma única história a uma história única”, com a intenção de afetar, fazer perceber e pensar as mudanças no meu processo de me inventar pesquisadora.

Outros pedaços de retalhos eu fui unindo uns aos outros, fazendo relatos meus da experiência com o grupo de leitura. Somos um grupo que reúne mulheres mães, desde maio de 2020, em formato gratuito e virtual, para fazermos leituras sobre a maternidades e conversarmos com e a partir delas. Começamos com a leitura da obra “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, de Elisabeth Badinter (1985), e seguimos com as leituras de alguns capítulos dos livros “O conflito: a mulher e a mãe”, da mesma autora (2011), “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação” de Valeska Zanello (2018), e “Olhos D’água” de Conceição Evaristo (2020); usamos, ainda, outros escritos e materiais, incluindo vídeos, filmes e podcasts.

Hoje somos 19 mulheres cis, sendo: duas negras e as demais brancas; uma bissexual e as demais hetero; todas de classe média; com idades entre 31 e 44 anos; com escolaridades de nível médio a pós-graduação. Todas temos pelo menos um/uma filho/a com idades de sete meses a 22 anos (à época dos encontros); umas estão solteiras, algumas vivem uniões estáveis e outras estão casadas civilmente; uma residindo em Mogi Mirim – SP, uma em Vitória da Conquista – BA, uma em Arapiraca – AL, e as demais em Maceió – AL.

Os relatos que me referi nesta dissertação foram produzidos com os registros das nossas conversas ocorridas no espaço fechado do grupo no WhatsApp, e com as gravações dos vídeos dos nossos encontros online síncronos, que ocorreram de maio de 2020 a junho de 2021. Primeiro, eu revisei todo esse material. Li nossas conversas e assisti aos vídeos. Fui retirando dali coisas que me interessaram, que chamavam a atenção, que eu queria passar adiante; sem saber ainda como nem precisamente com que objetivo acadêmico.

Essas passagens misturam narrativas das participantes e ocorridos em diferentes momentos do grupo, que eu escolhi para narrar. São textos às vezes confusos, às vezes incertos, quem sabe instigantes, ou até enigmáticos; que, talvez, fazem surgir “histórias mal contadas”. Por isso eu os nomeio de fuxicos. São meus

testemunhos. Episódios que conto sobre nós mulheres mães no grupo de leitura como coisas “que ouvi dizer”, “disse me disse”, “conversas a respeito de alguém”.

Os fuxicos aparecem no texto formatados em *itálico*. Com eles eu faço minhas leituras da experiência do grupo Maternando-se e de processos nossos, de mulheres mães, vivenciados nele e com ele. Influenciada por algumas leituras feministas, fui relendo os fragmentos de suas histórias e fazendo interpretações, especulações sobre as vidas delas de mulheres e mães, sobre suas experiências com o grupo de leitura, e sobre a própria experiência do grupo.

Depois, veio o momento de eu ir aproximando coisas: falas nossas, situações, processos, movimentos, leituras, literatura (científica e não) que unidas diziam alguma outra coisa. Visto que este “produto” não foi a unificação dessas coisas todas, não foi uma identificação das nossas histórias até uma única tradução, tomo a imagem do fuxico também para nos prevenirmos desta interpretação. Assim como na técnica do artesanato fuxico³, eu uni as peças, uma a uma, ciente das suas singularidades e atenta às suas diferenças.

O fuxico é um tradicional artesanato brasileiro, feito com restos de tecidos, em grupos de mulheres que viravam também “rodas de conversa”, em que elas discutiam seus problemas do dia a dia ao mesmo tempo que podiam incrementar a renda de casa. Algo semelhante aconteceu com a gente no grupo de leitura, e nesta escrita. No capítulo “Maternando-nos” fizemos rodas de conversa, cujos diálogos produzi com fragmentos de falas e relatos nossos, de histórias contadas por nós mesmas: as minhas e as das outras integrantes do grupo de leitura, confiadas nos encontros online e nas interações pelo WhatsApp; e as das autoras, oferecidas ao mundo em seus próprios processos de escritas, que recebi para compor junto conosco não apenas pelas conceituações em si, mas pelos efeitos que produziram para o meu conhecer, para o meu escrever e para o grupo de leitura.

Essas rodas de conversa re-produzem coisas que observei, escutei, li e/ou imaginei saber das mulheres com as quais realizei esta pesquisa e esta peça dissertativa única. Surgem com as narrativas delas; que eu emendo com as minhas e umas com as outras, fazendo uma “foteca” na medida que proporciona diferentes conversas e partilhas. Cada uma que chega para contar aumenta um ponto da história.

³Vídeo sobre como unir fuxicos: https://www.youtube.com/watch?v=gTZiGYWJsxs&ab_channel=f%C3%A1cildefazercomjanaina.

E é assim que as autoras - minhas referências teóricas, literárias e afetivas - também entram nessa prosa: eu uno nossas vozes às delas, a partir das narrativas chegadas a nós no grupo de leitura e a mim no curso desta pesquisa com seus livros, escritos, obras e publicações.

Nossas conversas na roda são feitas no sentido do dito popular “cada conto aumenta um ponto”. Cada uma de nós diz alguma coisa que aumenta um ponto na conversa, na (nossa) história de mulheres e mães. De modo que não damos conta de explicar a história; de definir nem concluir. Seguimos fazendo uma “conversa sem início, meio e fim”. Pois ao contrário do que nos foi/é dito desde que somos meninas, fuxicar não é se apropriar da verdade da outra. O que a pesquisadora fuxiqueira quer é fazer saber mais. Saber mais com as histórias.

Bem, mas essa conversa é longa e eu não estou muito certa de que precisaríamos aprofundar nela aqui. Então vou optar por deixar a própria narrativa escrita retomar e mostrar. Por agora, vou só explicar como as nossas vozes aparecem no texto. Em alguns momentos, eu faço conversas entre elas, é quando elas aparecem como diálogos. Outras vezes, elas surgem fazendo narrativas juntas; afirmações, reflexões, confrontações e por aí vai. É quando elas estão no trecho de um único discurso e são “separadas” pelo surgimento de aspas e a nomeação da autoria de pelo menos uma das interlocutoras.

Mais do que isso seria contraproducente eu explicar, aprendi com a querida Ester Mambrini⁴, pois a escrita mesma deve permitir a você, minha leitora, entender. E se em algum momento as nossas vozes ficarem tão misturadas que não seja possível as situar separadamente, é por que, nessa pesquisa-escrita, a nossa mobilização para ler o mundo de outras formas e para fazer as coisas de outras maneiras vem de feridas causadas pelo discurso do patriarcado; donde aprendemos a unir os enredos das (nossas) experiências vividas às construções teóricas e críticas (bell hooks, 2017). E aqui, eu ainda estou aprendendo a fazer isso.

⁴ Fui apresentada à Ester pela minha eterna Professora Marília Silveira. Fiquei tão visivelmente envolvida e identificada com a experiência que vivemos na disciplina optativa Políticas de Pesquisa e Escritas Contra Hegemônicas, que ela me apontou um caminhar com a Ester como possibilidade de apoio para a construção da minha escrita na dissertação. A Ester é licenciada em Letras pela UFRGS e mestre em Letras – Linguagem no Contexto Social pela mesma instituição. É editora, escritora. Publica crônicas, textos opinativos e poesia em www.emaju.wordpress.com. Isso é o que diz o lattes. Para mim, ela é uma mulher sensível e corajosa, que faz mulheres acreditarem nas suas escritas, e insistirem na busca e construção de um caminho onde se dizerem. Pelo menos assim que foi para mim.

Então, querida leitora, se as coisas lhe parecerem remendadas, ou atravessadas, talvez não seja só impressão. Podemos considerar que esta peça dissertativa foi feita de fuxicos. Os fuxicos são as formas de produzir os textos e são as próprias formas textuais. Eles são feitos em forma de trouxinhas de panos costuradas por recortes de sobras de tecidos, que resultam em peças inteiras. Essa lógica do recorte, de um pedaço de algo que não dá para saber de onde veio, qual era o tecido (a peça anterior e sua origem) é dela que me valho para explicar o uso de partes de narrativas costuradas com outras, muitas vezes sem trazer a origem, o contexto dessas falas. Pois o que eu quero não é a verdade sobre o que aconteceu ou não, mas o efeito como história; ou melhor, quero a própria história.

E tem mais, os fuxicos não foram produzidos a um só tempo. Fazer fuxicos é um processo de ir encontrando, escolhendo e experimentando retalhos. Assim, eu voltei várias vezes aos registros memoriais e documentais para recolher novos pedaços; de modo que até o fechamento dessa escrita outras peças foram sendo colocadas, e algumas foram retiradas. Esse fazer foi influenciado também pelas leituras dos referenciais teóricos feministas, pela escrita dissertativa mesma (como ia se encorpando), e pelas releituras dos próprios fuxicos e da experiência com o grupo de leitura.

Diante do desafio de produzir uma narrativa nossa das mulheres e mães, porém numa versão singular, a minha, experimentei uma costura arriscada. Que foi intencional, mas também foi acontecida. Pela leitura da Ester, a minha maneira de conversar com as múltiplas vozes no texto lhe parecia um novo método, que ela nomeou como sororidade discursiva.

Fiquei provocada a pensar essa escrita entremeada com as vozes das mulheres como ela (me) lia. Comecei pelo conceito de sororidade de bell hooks, e fui ousando considerar: “É mesmo uma sororidade”, refleti; “pois reúno as nossas vozes num ato de traição ao patriarcado”. É uma discursividade que nos conecta para “proteger nossos interesses de mulher” (bell hooks, 2021, p. 42). Mas também, é na dor que nos encontramos e nos conectamos, segui analisando. Um tempo depois, lembrando da leitura do livro “Dororidade” de Vilma Piedade (2017), pensei: vou nomear como dororidade discursiva!

A “dororidade discursiva” é a per-form-ação escrita do meu posicionamento ético e político na pesquisa: produzo com mulheres e com as nossas dores; carregando as nossas dores, para criar mundos melhores de vivermos e maternarmos.

A dororidade discursiva é o como deslizo a linha e a agulha nos retalhos, é o meu movimento-intenção para fuxicar. Movo-me com as dores - assim encontro-me com as falas das mulheres e das autoras - para lutar contra o patriarcado. É a minha forma escrita para pensar e performar as análises dissertativas unindo as vozes das diferentes mulheres no texto, com seus diferentes corpos, ideias e perspectivas.

E é também uma forma de ficar com as dores que surgiram no processo do pesquisar e do viver: a dor de produzir na “lógica do enquanto”, sem tempo para pensar e quase sem tempo para escrever, em meio a uma pandemia que soterrou ainda mais as mulheres e diminui suas produtividades; a dor de não saber qual é a (minha) própria língua, há tanto tempo silenciada e colonizada e ainda assim querer e insistir em falar (GLORIA ANZALDÚA, 2000; bell hooks, 2017); a dor de ser uma mulher mãe, branca, de classe média, escolarizada, habitando um corpo sem deficiência e não poder impedir tantos males das indignidades sofridas por corpos marcados de formas diferentes do meu.

Não posso impedir, mas posso me responsabilizar por meus posicionamentos e seus impactos nas relações com esses corpos. No caso aqui, com elas. Por isso, peço licença às mulheres negras, inclusive às parceiras desta pesquisa, e especialmente a Vilma Piedade, para usar o conceito de dororidade neste meu texto. Ciente que este conceito nomeia originalmente as dores e vivências dolorosas das mulheres negras, aproximo-me dele quando a autora nos fala de concebê-lo em razão de o conceito de sororidade não dar conta do que vivem as mulheres negras. Ela nos explica que a dororidade pertence ao domínio da história de Dor das mulheres, e que essa Dor “só pode ser sentida a depender da cor da pele” (Piedade, 2017, p. 17). É, portanto, uma Dor que eu e as demais mulheres brancas do grupo Maternando-se não podemos/pudemos sentir. Posso/podemos escutar, acolher, me/nos implicar.

Dororidade discursiva me permiti, aqui, dizer de um processo de se saber e não saber, que é diferente do “não saber” que eu conhecia antes. Pois é um não saber sobre si também. É estar com a outra sem se saber por silenciamento, por opressão, e por diferenças de cor da pele, e de corpos também. É um não (se) saber como por não caber onde está e estar buscando lugar para ir. Por “falta” de história própria. É um processo de conhecer e produzir conhecimento desfazendo e refazendo. Unindo as vozes das mulheres. E situando nossos lugares singulares, nossas diferenças.

É dor E é potência, acredito que já deu para notar. Potência de teorizar com as dores; potência de tornar as coisas que vivemos, fazemos e sabemos na vida lugar

de produção; potência de caminhar vulnerável e criativa, permitindo caminhos para mim e para as outras; potência de conhecer e produzir com cuidado. É potência de ler com mulheres nossas histórias de mulheres. De cuidarmos juntas das nossas histórias. Essa potência quando reúne muitas e diferentes mulheres, com seus corpos, ideias e pensamentos particulares, é como saias rodando e comandando os ventos.

Embalada nesse movimento de mulheres, esperecei com Márcia Moraes e Alexandra Tsallis (2016), confiando no poder das pequenas histórias para povoar o mundo. Com bell hooks (2017) me engajei para aprender a transgredir nas nossas práticas. Com Conceição Evaristo e suas necessárias Escrevivências, inspirei-me para uma escrita de nós (2020). Com Donna Haraway (1995) me comprometi para o aprendizado de me situar parcial no conhecer, e de objetivar o que produz e ofereço para o mundo. Com María Puig de la Bellacasa (2012), cuidei(-me) para reaprender a me implicar. Com Marília Silveira (2013; 2019, p. 359), localizei minha força para me escrever numa “escrita povoada”, cujos “nós dos encontros” levam as nossas histórias adiante. E com Michèle Petit (2009, p. 82), a-firmei minha insistência nos “jogos com o imaginário” que fazem existir o meu pensamento.

Com todas elas, e com muitas outras com as quais faço minhas leituras, encorajei-me a pesquisar-escrever deixando soltas as pontas no avesso dos fuxicos; como uma provocação epistêmica à abertura para uma composição de uma ciência cuidadosa (e cuidadora), que se implica em compartilhar desse fazer com as (nossas) biografias, com os (nossos) nomes, acompanhando-nos pelas (nossas) histórias vividas em (nossos) corpos, dia após dia.

O texto que surgiu in-corpora e movimenta a questão de como nos apropriarmos das nossas histórias enquanto mulheres mães e das nossas maternidades/maternagens, fazendo pensar o que isso produz para nós mesmas e para a história hegemônica da ciência. As análises para essas questões vão ocorrendo à medida que - e nas ocasiões em que - as personagens do história-dissertação vão sendo interpeladas pelas leituras feministas e pelos fuxicos; e voltam para compor a própria história.

Para isso (como método), escrevi esta dissertação fazendo uma passagem de uma única história (da minha maternidade culpada, insuficiente, inadequada; e do meu reencontro com uma ciência dura no meu mestrado) a uma história única, que é “Uma história de todas nós”. Quando a nossa escrita carrega a palavra “única” para frente de “história” faz referência às histórias hegemônicas. Aquelas das quais sempre

tínhamos ouvido falar, aquelas que sempre eram repetidas e visibilizadas, e que, portanto, parecia-nos ser A história sobre as coisas (CHIMAMANDA ADICHIE, 2019).

E quando a palavra “única” é posicionada no texto após “história”, apoiamo-nos em Josselen Conti (2015) para evocar o sentido e o efeito das histórias singulares. Estas, que têm o poder de desfazer histórias hegemônicas. Ou melhor, ora as complexificam, ora as equivocam; ou, no nosso caso, confundem-nas, permitindo aparecer mais histórias. Aprendemos com Conti (2015) que esse re-posicionamento das histórias também faz marcar como conhecemos e produzimos ciência: acompanhando e acompanhadas. Aqui, fazemos fuxicando, e queremos colocar em cena os “nós” que marcam o feminino nessa feitura.

O fuxico é uma forma de narrar que não oferece certezas, ou explicações. É uma forma narrativa que aguça nossa imaginação de leitoras, que nos provoca a sensação de que se não interferirmos a história não estará pronta para seguir adiante. Faço, portanto, um investimento para a minha forma escrita acompanhar a passagem da única história à história única. Nesta aposta, os fuxicos textuais vão se diferenciando de uma forma tradicional acadêmica a medida que percorrem a dissertação, passando a uma forma mais cotidiana e doméstica.

A primeira forma, a meu ver, faz um esforço para produzir (e produz, talvez) um efeito de não deixar dúvidas, de garantir que quem lê compreende o que está sendo argumentado. Ela usa uma narradora tradutora - a pesquisadora - para interferir e analisar as histórias. Assim, distancia a leitora. A segunda, acredita que a pesquisadora fuxiqueira se constitui na desistência de uma única autoria, pois ela precisa de outras e de mais vozes narradoras para a história continuar. A forma como é escrita a história única - ou seja, o capítulo final desta dissertação - tem a intenção de levar a leitora querer entrar na conversa; a querer fuxicar.

Essa história singular tem como protagonista uma das mulheres do grupo de leitura. A personagem surge como uma leitora trânsfuga, que Michèle Petit (2009) me inspirou a imaginar a partir de algumas breves descrições. Nossa leitora trânsfuga, a Leka, é uma mulher mãe que depois de começar a ler conosco no grupo, apropriou-se de fragmentos de conhecimento e foi sentindo o desejo de outras leituras. E partir da conquista concreta desse espaço de leitura isolada, o espaço dela, passou a se ver outra; e passou a ler as coisas – ou, no nosso caso – a sua própria vida e a experiência com o grupo Maternando-se, de uma forma diferente. Foi também nessa mudança de um modo de leitura pública - conosco no grupo - para um modo mais

privado em que ela encontrou novas palavras para nomear e expressar o que vive de mais íntimo, que apostamos para fazer a passagem para uma história singular.

Pronto! Agora que já temos as referências de uma pesquisadora fuxiqueira, de uma dissertação fuxico e de uma leitora trânsfuga, posso lhe convidar para irmos encerrando essa primeira conversa.

Ah! Mas é preciso lhe prevenir também a não se instigar para uma história ficcionada com fabulosas personagens e suas aventuras. Como disse a Leka lá no começo, nossas histórias são comuns e reais.

E antes que eu esqueça. Se vai nos acompanhar nessa leitura, você precisa saber que escrever essa história (em forma de dissertação) foi para mim uma experiência também de vulnerabilidade. E mais, ainda carrego dores.

Por mim, tudo bem.

2 DE UMA ÚNICA HISTÓRIA A UMA HISTÓRIA ÚNICA

Eu conhecia uma única história da maternidade⁵, e com ela vivia. Quando criança, até brincávamos juntas. Não me dava conta disso, mas ela estava sempre ali a me acompanhar; como quem poderia se tornar minha amiga, mas com energia de um algoz. Quando minha filha nasceu, curioso que passei a notar mais a presença daquela história; ou comecei a ouvir mais sobre versões dela, não sei. Só sei que enquanto ia me tornando mãe ela estava ali, sempre por perto. Tal como uma amiga, ela me aconselhava: “Isso é o que você deve fazer”. E seguia a se espalhar na minha vida, ocupando os meus lugares: eu a ouvia na clínica obstétrica durante o período de pós-parto; ouvia já nas primeiras consultas pediátricas; e até no meu ambiente de trabalho, quando retornei da licença maternidade.

Ela passou a estar sempre ali, à espreita. Sentia-me observada por ela; e às vezes cercada. Andava triste pelos cantos, uma tristeza do tipo dor. Andava cheia de solidão. Mas não uma solidão qualquer, uma solidão do tipo desamparo. Andava contida, paralisada. Mas não uma paralisia de qualquer tipo. Era como um sequestro de corpo, como se eu estivesse presa num lugar desconhecido; ou como se meu corpo nem mesmo tivesse um lugar. E todo mundo sabe que assim não se dança. Então, eu parei de dançar. Eu caminhava, me deslocava como era preciso, para o que fosse necessário. Mas não conseguia mais dançar.

Ela, a única história da maternidade, me contava que eu não estava só; que eu nunca estaria, mas eu estava, sentia o peso da solidão; ainda que as mulheres, todas elas - ou pelo menos aquelas que eram mães, que sabiam o que era ser mãe - estivessem nessa comigo. Demorou para que eu e elas pudéssemos nos encontrar e partilhar aquilo que sentíamos e não vinha descrito na única história. Anos depois, aquilo que eu não sabia foi revivido também quando iniciei o mestrado.

“Tem alguma coisa acontecendo, e eu não sei”. Este era meu lugar no momento da vida em que me tornava pesquisadora. Eu tinha processos abertos sobre a minha mulheridade e maternidade, eu tinha dúvidas e questões enquanto psicóloga perinatal, eu tinha incertezas sobre a mudança de rumo profissional e de vida a que

⁵ Aqui faço referência à história da maternidade cuja versão é narrada e construída pelo discurso norte ocidental, sobretudo a partir do século XVII com a fabricação da “boa mãe” e da santa-mãezinha (BADINTER, 1985; DEL PRIORE, 2009; DONATH, 2017); e grafo com “única” na frente por se tratar de uma narrativa hegemônica, que ainda predomina nos dias de hoje e cujas tecnologias de gênero reforçam e reiteram (ZANELLO, 2018).

estava me propondo, eu tinha incômodos sobre a relação inter-racial que estava vivendo como base de construção da minha nova família... eu tinha muitos “não sei”.

Embora o pretérito verbal sugira soluções encontradas, conjugo-me no gerúndio; e na temporalidade do imperfeito deixo os espaços abertos que habito e transito ainda hoje, e no agora do escrever. Engolida pelas incertezas do “tempo dos agoras” – no qual especialmente uma situação pandêmica nacionalmente des governada construiu desesperanças – busquei no pesquisar um compromisso com o movimento de tornar possível alguma transformação dos nossos futuros.

Tomando o “não saber” como lógica epistêmica que me colocou para a pesquisa, e considerando que a prática da pesquisa nos convida para um estar incorporando, no viver e no pesquisar, possibilidades que não estão dadas - que as criamos a partir de nossas escolhas -, esta dissertação dialogou com a experiência de um corpo mulher branca e mãe se inventando pesquisadora acadêmica no entrelaçamento com a experiência de mulheres mães em um grupo de leituras contra hegemônicas sobre maternidades.

O “não saber” aqui subverte o nexos do “estar desprovida de saber e ter que saber mais e mais”, e move também as com-posições mulher-psicóloga-mãe, mulher-pesquisadora-mãe, mulher-psicóloga-facilitadora do grupo, mulher-psicóloga-mãe-pesquisadora no grupo e tantas outras mulheres, pois cada uma delas produz saberes privilegiados. Diz sobre pesquisar carregando a incompletude da escrita e do conhecer, sempre recomeçando dizeres, nas releituras, sem buscar (nem querer) esgotar as coisas. Preocupa-nos envolver com elas, saber com elas, e produzir efeitos que possam se/ser desdobrar/desdobrados em conhecimentos localizados e geradores de novos significados, realidades e possibilidades (DONNA HARAWAY, 1995; RITA DE CÁSSIA SOUZA, 2021).

Foi neste espaço de reconhecimento das minhas implicações que (me) teorizei no caminho para me tornar pesquisadora, interessada nos efeitos éticos-políticos desse e nesse processo. Aprendendo com Donna Haraway (1995), busquei um movimento de aproximação crítica de um conhecimento parcial, localizado; colocando-me numa relação reflexiva no que diz respeito às (nossas) práticas de dominação e opressão no conhecer e no teorizar o mundo.

Nessa perspectiva, quando conheço também me re-conheço. De modo que a abertura para pensar as nossas histórias de mulheres mães pelo que elas poderiam ser, foram o meu investimento ético e político. Pois confio em Donna Haraway (1995)

quando me diz do interesse das ciências feministas em explicar mais o mundo, em oferecer mais versões, para fazer o mundo melhor de se viver. Como também me apoio na Monaira, mulher mãe do grupo de leitura, que ao ler esse primeiro capítulo me confirmou: “Ciência verdadeira que transforma a vida, fazendo remexer todinha, e vendo infinitas possibilidades de ser e estar” (Monaira, WhatsApp do grupo, dia 14 de junho de 2021).

Assim, eu mulher cis e hetero, branca, mãe, psicóloga, bancária, dona de casa, cujo um dos grandes desafios no processo de escrita-pesquisa foi realizar o trabalho-esforço desse aprendizado na lógica do enquanto⁶, e no intento de possibilitar esse projeto aqui, para mim e espero que também para você, querida leitora, escrevi deixando histórias “mal contadas”, rastros dos contratempos.

Escrevi no enquanto. Escrevi enquanto a Maria estava no banho. Enquanto não disparava o timer do cuscuz. Escrevi enquanto o café descia no coador. Enquanto esfriava na xícara. Escrevi enquanto estendia a roupa no varal. Escrevi marcando a hora do remédio da pequena, e a acompanhando nas aulas remotas. Escrevi enquanto assistia a um filme com ela, escrevi na presença-ausência. Escrevi enquanto planejava e organizava o dia seguinte, driblando o tempo e lhe acrescentando uns minutos depois do sol. Escrevi enquanto me aprendia, enquanto me desaprendia. Escrevi talvez errando as interpretações sobre mim e sobre o mundo. Escrevi encarando o medo de gravar minhas palavras mal-ditas, de não poder mais apagar meus erros, minhas falhas, minhas pequenezas, minhas vergonhas.... Escrevi em pedaços, com pausas, no tempo do sentir-pensar. Não esperei ter “um tempo para escrever”. Escrevi sem tempo.

E Glória Anzaldúa me disse que assim também era possível. Ela disse que era necessário “escrever parágrafos em pedaços de papel, formando um quebra-cabeças no chão, a confusão de minha escrivadinha, protelando a conclusão e tornando a perfeição impossível” (2000, p. 233). E Grada Kilomba⁷ me confirmou que, ainda que

⁶ Expressão que conheci em um vídeo no Instagram da pesquisadora pós doutora Carla Antloga (@antloga), publicado em 03 de fevereiro de 2021, em que ela reflete sobre o modo multitarefas do fazer das mulheres como realidade de produção.

⁷ **REFERÊNCIA AO VÍDEO "WHILE I WRITE", DE GRADA KILOMBA, CUJA AUDIÊNCIA ACESSAMOS E REALIZAMOS PELO CANAL DA AUTORA NO YOUTUBE, PELO LINK: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UKUAOWFMA9W](https://www.youtube.com/watch?v=UKUAOWFMA9W)**

eu não pudesse escapar das construções coloniais, ainda que as minhas palavras sofressem desconfiança e invalidação, era preciso eu escrever para me tornar sujeita da minha história de mulher mãe.

Pois nós mulheres, elas nos contam, somos marcadas histórica e culturalmente por discursos sobre conhecer e produzir impostos por um padrão colonial eurocêntrico, numa lógica racista e sexista, que nos empurra para um lugar em que as narrativas de nossas existências não têm lugar. Assim, abri meu bloco de notas no celular quando foi possível, e com medo, deixei acontecer resistência na formação das palavras e expressões que se moveram em mim e ao meu redor.

Muitas dessas palavras aqui ordenadas, saíram do cotidiano das conversas com as mulheres na minha vida, nas minhas práticas na clínica psicológica individual e nos grupos com mulheres, nos encontros de supervisão e de estudos, nas experiências maternas partilhadas com outras mães. Essas palavras-vida foram registradas nas telas no bloco de notas do meu celular, de onde, por legitimidade e relevância, as colhi para oferecer aqui como narrativas disparadoras e autenticadoras das reflexões feitas nas próximas sessões.

2.1 A dor como lugar de teorização

Cheguei à teoria porque estava machucada. [...].
 Cheguei à teoria desesperada, querendo
 compreender – aprender o que estava
 acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais
 importante, queria fazer a dor ir embora (bell
 hooks, 2017, p. 83).

Quando a maternidade chegou na minha vida foi realizando mudanças mais ou menos desejadas, mais ou menos escolhidas, mais ou menos satisfatórias, mais ou menos potentes. Falo dela assim na terceira pessoa, como algo vivo, atuante, pois suas ações foram e são bem concretas na minha vida. Assim como a escolha pela expressão “mais ou menos” tem a intenção de produzir o efeito dos conflitos, ambiguidades e ambivalências vividas, por um lado; e dos lugares de afetos, saberes e empoderamentos colonizados, por outro (VALESKA ZANELLO, 2018).

Nesse processo foram vários corpos vividos, sentia-me fragmentada neles e em cada um sofria algumas dores. O corpo mulher parecia estar sempre impedido e culpado em suas vontades: corpo-interditado. O corpo mãe parecia estar sempre

insuficiente: corpo-inadequado; não percebia em si – e também não queria – qualidades maternas permanentes tal como eram associadas culturalmente às mulheres pela identificação de tais características ao corpo e à capacidade de procriação (ZANELLO, 2018).

Eram tantas dores vividas naquele momento da chegada da minha filha que eu estranhava nunca antes ter ouvido nada a respeito das/sobre as mulheres do meu mundo, nem das do passado, nem das do presente. Curioso que, embora eu não estivesse isolada nesse momento da vida - ao contrário, vivi todo o ciclo gravídico-puerperal ativamente rodeada de famílias, casais, gestantes e mães – parecia estar sozinha naquelas vivências inesperadas. Eu transitava em silêncio pelos espaços dos encontros das famílias nas rodas de apoio à gestação, e bem atenta aos corpos e às falas das mulheres mães.

Havia um grupo no WhatsApp no qual eram adicionadas as mulheres frequentadoras dessas rodas quando ganhavam seus bebês, em que eram estimuladas trocas de experiências sobre cuidados práticos e rotinas com os bebês, amamentação, o desenvolvimento, criação e educação das/os filhas/os etc. Há de se destacar aqui que não havia criação de grupos nem convites dirigidos aos homens quando suas/seus filhas/os nasciam, o que talvez nos comunicaria que aqueles lugares de cuidados e responsabilidades não os cabiam. Assim como parecia não pertencer àquele espaço virtual questões sobre nós e as nossas vivências no puerpério e na maternidade; disso nada se propunha falar. Até que um dia o silêncio teria sido rompido numa declaração “descontextualizada” minha: “Gente, eu tô achando muito ruim muitas coisas nessa vida de mãe”.

Daquele momento de ruptura surgiram tantas vozes que chamou minha atenção: “A gente não fala sobre isso?”. Mas aquela perturbação ficou por ali, pois para mim era urgente falar. Então propus um encontro presencial para falarmos sobre as dores e dificuldades, e desde o nosso primeiro Café Puerpério⁸ nunca mais parei de falar, ouvir, ler e estudar sobre e com mães. Afastada há 15 anos dos estudos acadêmicos e da psicologia - período em que me tornei bancária e trabalhei exclusivamente em uma instituição financeira - comecei a fazer o caminho de volta, e

⁸ O Café Puerpério foi um espaço de encontro organizado em alguns momentos por mim, com o grupo de amigas recentes da maternidade, em que começamos a falar sobre as dores e dificuldades que estávamos sentindo em nos tornarmos mães. Os momentos presenciais começaram a se mesclar com as ocasiões sociais das nossas próprias vidas, e houve a criação de um grupo no WhatsApp chamado Maternagens.

fui tomando estradas que me levaram pelo puerpério, pela maternidade, pela maternagem, como se estivesse viajando por dentro de mim mesma.

Nesse percurso, e então atuando como psicóloga, fui observando, na clínica individual e nos grupos de apoio a mulheres no pós-parto que eu mediava com uma amiga Doula, como as queixas de dificuldades e insatisfações trazidas por elas também reclamavam de um certo ideal de maternidade e desempenho que se esperava delas: falavam de se sentirem sobrecarregadas pela ausência de participação dos parceiros e de não terem tempo para si e seus projetos pessoais, queixavam-se da forma como os familiares, a chefia, a escola, e os profissionais de saúde as olhavam e as cobravam como únicas responsáveis pelas/os filhas/os, expressavam se sentirem insuficientes, culpadas e inadequadas. E eu notava como eram tão minhas as questões delas.

Por outro lado, eram frequentes falas como “Se eu soubesse que ser mãe era assim, teria pensado duas vezes”, ou “Por que ninguém nunca me falou que a maternidade era assim, antes de eu engravidar?”. Era como se elas se percebessem num “lugar sem saída”, pronto e cristalizado que a elas restaria ocupar e performar. Essas falas me levavam novamente a pensar quantas vezes me senti aprisionada na/pela maternidade; quantas vezes eu não pude me mover e dançar.

Anos depois, no grupo de leitura com mulheres mães, cuja experiência será partilhada com a leitora mais adiante a Renata formularia a pergunta que eu me repetia naquele momento angustiante da minha vida: “Como a gente poderia fazer nossa tão desejada separação mulher-mãe?” Faziam 5 anos que eu me tornara mãe, tempo curto de um processo cultural e histórico doído no qual o eu-mulher tentava se conciliar com o eu-mãe. Entre elas, a mulher e a mãe, foram muitas disputas de tempo, negociações de necessidades e de prioridades; concessões, submissões, e silenciamentos “premiados”. Foram também tensionamento, resistência e fuga.

Esse conflito foi a mim nomeado pela primeira vez por Elisabeth Badinter (2011), no livro “O conflito: a mulher e a mãe”, e a partir dessa leitura afetada engajei-me nas teorizações sobre as questões de uma maternidade dita ideal que (me) oprimia. Essa versão narrativa permitiu-me contrapor os discursos insistentes e repetitivos que cunhavam a função materna na essência feminina das mulheres, e

pensar de forma palpável algumas problemáticas sobre (meu) ser-mãe⁹ numa cultura ocidental.

Dessas afetações inaugurais, e comungando com bell hooks sobre a potência de “dar nome à nossa dor e teorizar a partir desse lugar” (hooks, 2017, p. 103), situo na experiência não coincidente disparadora do mal estar na (minha) maternidade o renascimento em mim da psicóloga-leitora, que provocou a minha mulher nos encontros com as minhas histórias e com outras histórias-mulheres-mães e despertaram a vontade-pesquisadora, ao questionarmos juntas histórias contadas sobre nós, para um diálogo viável com os atravessamentos do meu ser-mulher-mãe-psicóloga na invenção do meu ser-pesquisadora e desta pesquisa.

2.2 As coisas que sabemos na vida como lugar de produção

Nossa busca nos leva de volta onde tudo começou, àquele momento em que uma mulher ou uma criança, que talvez se imaginasse completamente sozinha, começou uma revolta feminista, começou a dar nome à sua prática – começou, enfim, a formular uma teoria a partir da experiência vivida (hooks, 2017, p. 103).

No lugar mulher-mãe-psicóloga, eu me inquietava sobre as construções sociais da maternidade tal como aparecia, e refletia sobre as minhas práticas enquanto profissional que começava a se inserir no cenário de uma psicologia da qual ruminava ouvido falar: a perinatal. Ao mesmo tempo, versões teóricas sobre a naturalização do ser-mãe que eu vinha conhecendo nas leituras a partir de um viés de gênero em literaturas feministas, e todo um movimento (reflexivo e informado) de escancaramento de uma maternidade dita real crescendo nas redes sociais, me levaram a alguns questionamentos: Que maternidade é essa? Que outras construções são possíveis? Que recursos essas mulheres têm? E que novos recursos podem ser construídos com elas?

À medida que fui conhecendo (e reconhecendo) um movimento feminista na psicologia, foi aumentando meu interesse pela compreensão dessa perspectiva e a

⁹ O uso do hífen é proposital pois visa produzir o efeito de junção, enfatizando a ideia de essencialização da maternidade cunhada na existência da mulher, tal como está construída pela cultura sexista e patriarcal. Assim como no termo “mulher-mãe” descrito por Orna Donath, sempre que grafarmos nesse texto o termo “ser-mãe” referimos (e confrontamos) a ideia de que as mulheres são mães em si mesmas (BADINTER, 1985; BADINTER, 2011; DONATH, 2017; ZANELLO, 2018).

necessidade de experimentar recursos e abordagens que me auxiliassem no acolhimento e nos cuidados terapêuticos a partir de um viés de gênero. Por outro lado, a forma digital de produzir sentidos e saberes - com velocidade, acessibilidade e conexões inéditas - parecia influenciar os nossos processos tanto na clínica como nos grupos psicoterapêuticos. Sempre estavam presentes os conhecimentos produzidos nas redes sociais virtuais, dos sites, dos blogs e faziam circular nos encontros informações de todo tipo, inclusive técnica e científica.

Nos grupos de apoio à gestação e à maternidade que eu mediava, as participantes traziam informações e questionamentos sobre o cenário do parto e nascimento no país e em suas cidades, sobre os procedimentos recomendados ou não na assistência humanizada (como eram e para que serviam eles), sobre as práticas de cuidado com apego, sobre as pedagogias de educação positiva, sobre fases de desenvolvimento do bebê e da criança, entre outros.

No caso dos grupos com puérperas e mães, por exemplo, as falas traziam queixas sobre cansaço extremo e desigualdade na divisão das tarefas de cuidados dos filhos, sobre cobranças e responsabilizações das suas maternagens, sobre julgamento de seus sentimentos negativos acerca da maternidade, entre outras. E algumas vezes, as expressões de dificuldades e insatisfações com a maternidade eram nomeadas por expressões como: carga mental, sobrecarga materna, ideal de feminilidade, privilégio paterno etc. De modo que, além das histórias de cada pessoa e mãe, apareciam narrativas predominantes como se fossem rastros de uma única história, cunhada em suas vivências maternas diárias. E elas, de alguma maneira sabiam disso.

Buscavam estudos ou discursos que explicassem o que lhes acontecia naquelas experiências, e quantas vezes eram citados e compartilhados posts e vídeos do Instagram e das redes digitais em geral. Esses materiais iam se fazendo dispositivos em nossos encontros e processos: elas compartilhavam nos grupos de WhatsApp, marcavam-me em postagens ou até compartilhavam comigo no privado. Eu, por minha vez, me via desejosa de fazer tal movimento em direção a elas, e em alguns momentos experimentei o fazer. Afinal, como me provoca Mary Jane Spink (2015), no fazer e no conhecer não estaríamos todas produzindo lógicas de cuidado?

Todas aquelas questões com as leituras me inquietavam, e me deixavam insegura quanto à aceitabilidade técnica e aos limites éticos da/minha atuação. Na formação para a prática clínica psicológica eu havia aprendido a me distanciar da

teoria: “Teorizar e racionalizar gera fugas”, eu ouvia. Quando, então, o corpo psicóloga queria se experimentar nos lugares possibilitados pelas (minhas) afetações e pelas coisas que eu sabia na vida, sentia reproduzir-se o corpo-interditado; quando me arriscava, o corpo-inadequado. Esses corpos viviam profundos desconfortos, mas pulsava também refletir que eu não poderia participar do/no “bem viver” das mulheres-mães sem me comprometer com uma política transformadora, sem repensar as (minhas) práticas e duvidar delas, sem arriscar (me) deslocar (hooks, 2017).

Assumido que o ser-mãe vem sendo narrado e registrado por um outro dominante, num processo histórico, social e político articulado a partir de autoridades e instâncias androcêntricas de poder (ELISABETH BADINTER, 1985; VALESKA ZANELLO, 2018), e observando que as mulheres-mães que eu acompanhava na clínica e nos grupos não cabiam naquela noção de maternidade e pareciam não encontrar lugares alternativos para si, vez por outra reapareciam minhas indagações: O que estou fazendo na clínica hoje, diante dos sofrimentos maternos interpelados por questões de gênero é suficiente como intervenção? Haveria maneiras complementares de atuar com mulheres mães? Posso compartilhar conteúdos conceituais e teóricos com elas; seria um caminho? Deve haver fronteiras entre nós na construção dos sentidos e das realidades; não estaríamos já compartilhando e significando versões a todo tempo?

Em meio aos tantos encontros e aprendizados que foram amparando as contingências do meu ser-mulher-mãe e do ser-psicóloga perinatal, fui produzindo teorizações sobre as possibilidades e potencialidades de compartilhar aquelas “descobertas” com outras mães. Eu acreditava que conhecer outras versões, visualizar outras possibilidades representativas, pegar as próprias histórias e fazer as próprias narrativas, seria movimento de enfrentamento e reinvenção para elas (SUSANE OLIVEIRA, 2019).

Uma das leituras que eu estava iniciando naquele momento fervilhante era o livro de Badinter “Um amor conquistado: o mito do amor materno”. Então, intuí e desejei: “E se eu fizesse essa leitura com mães do grupo de pós-parto!?”. Foi desse lugar de inquietações combativas - animada com a perspectiva de desnaturalização de sentidos construídos sobre papéis maternos - que formulei a proposta¹⁰ de um grupo de leitura sobre maternidades.

¹⁰ A proposta está no Apêndice.

Então, fui em frente. Resolvi que queria me arriscar. Resgatei um pdf daquele livro, que estava guardado na minha lista de leituras desejadas, e li o prefácio. Foi quase impossível conter a força que eu senti com aquelas palavras de confrontação de “verdades” tão comuns e aceitas pela sociedade ocidental sobre a maternidade, inclusive por nós mães. Fui arrebatada pela surpresa de perceber as semelhanças entre aqueles questionamentos da autora e as reclamações partilhadas pelas mulheres nas rodas, na clínica individual e nos espaços virtuais. Naquele momento, eu não queria contenção; meu corpo-mulher-mãe-psicoterapeuta queria movimento, e expansão. Abri imediatamente um documento no drive e comecei a rascunhar uma proposta.

De saída, eu tinha algum repertório teórico (validado) que sustentasse minhas razões para aquela proposta experimental, mas não me parecia suficiente. Eu tinha, antes, a minha vivência e reflexões críticas a partir das (minhas) dores na maternidade, cujas experiências com os livros e com elas - as mães e as autoras - estavam promovendo transformações na minha vida: eram drenados pesos, cobranças e culpas; eram articulados espaços de fuga e pequenas curas para meu corpo-mulher-mãe; e eu começava a experimentar lugares de mais liberdade e potência no meu maternar.

Trago parte de mim nessa história, como propõe bell hooks (2020), oferecendo “um ponto de entrada comum” e como forma de convencer a leitora do valor ético-científico das (minhas) experiências na invenção do (meu) pesquisar, pois nossa pesquisa assume a objetividade do trabalho desde uma corporeidade (localizada, situada) e a sua cientificidade desde a consideração do complexo de condições e articulações que circunscrevem ou criam o ato de pesquisar (DONNA HARAWAY, 1995; SIMONE PAULON, 2005).

Embora eu não soubesse o que aconteceria conosco e nem para/por onde seguiríamos, desde os primeiros encontros me interessou (só a mim?) acompanhar nossos passos. Animada, envolvida, e alegremente curiosa, eu considerava a possibilidade de revisitar a experiência, talvez fazer algum estudo ou registro a partir dela; portanto os encontros online e as conversações foram sendo gravados, com autorização e contribuição das participantes.

No início do processo as gravações eram feitas por uma das participantes, a Flor, pois eu não tinha ainda perfil institucional de acesso ao Google Meet, e ela se ofereceu para a criação dos links das salas virtuais para os encontros e para a

gravação deles. Esse movimento incipiente, discreto, já nos anunciava algumas posturas que nos conduziriam, pois

Tomar, desde o início, esse envolvimento com os pesquisados significa envolver os participantes desde antes da elaboração da pesquisa em si mesma, já que o ideal é que o estudo seja de interesse do grupo, e não apenas do pesquisador (RITA DE CÁSSIA SOUZA, 2021, p. 8).

O grupo teve início em maio de 2020. Começamos com 13 participantes, e hoje somos 18 mulheres. Iniciamos fazendo a leitura por capítulos do livro de Badinter, e a partir dos desdobramentos de processos de trocas, descobertas e construções de narrativas no grupo novos posicionamentos foram surgindo até que decidimos nos orientar por leituras com autoras diversas, guiando-nos pelo fluxo de interesses e descobertas a cada momento e tempo vivido no grupo; incluindo variados tipos de leituras de mundo, tais como poemas, poesias, artigos científicos, literaturas não acadêmicas, filmes, séries, vídeos, posts das redes sociais virtuais etc., conforme concebêssemos recursos para narrativas contra hegemônicas.

Até junho de 2021 nos encontrávamos quinzenalmente (exceto em ocasiões de remarcação de data), via plataforma online, aos domingos, das 16 às 18h. Existe também um grupo fechado no WhatsApp, onde acontece intensa interação, com trocas sobre as leituras e as nossas experiências com as maternidades, sobre como a leitura tem nos afetado e outros materiais sobre as temáticas “maternidade” e “mulher” (posts das redes sociais virtuais, vídeos, filmes, músicas, outros textos, etc.).

Minha curiosidade inicial com essa experiência era saber que narrativas sobre maternidades surgiriam e como isso influenciaria nossas vidas de mulheres mães. No caminho, uma leitura de Carolina Alves Leite (2017) me indicava o mestrado acadêmico e a pesquisa científica como possibilidades de aprofundar nessas discussões. Ela me dizia que os movimentos de mulheres criam oportunidades de perspectivas ampliadas, nas quais se propõem novas relações entre teoria e prática através de articulações que construam conhecimentos a partir das premissas, subjetividades e experiências das próprias mulheres.

2.3 O grupo de leitura como lugar de fuga

Agora há o que atravessa todas nós: essa localização da reprodução social da vida das mulheres. [...]. Mas, quanto mais vulnerável é essa

mulher, menores suas chances de fuga. E a fuga é uma categoria central para a vida das mulheres (Professora Doutora Débora Diniz em entrevista à Revista GLAMURAMA, 2021¹¹).

Arrisquei-me no grupo de leitura intencionando desconstruir com mulheres-mães o modelo dominante sobre maternidade, romper suas amarras, burlar suas práticas, deslocar mães da sua “clausura”. Eu apostava no grupo de leituras contra hegemônicas como recurso potencial para facilitar processos de questionamento das narrativas históricas, culturais e sociais que atravessam as mães e as maternidades, trazendo à tona um debate sobre sentidos maternos naturalizados e seus lugares consequentes. Dessa forma potencializaria a ressignificação e subversão de saberes em relação a um discurso normativo dominante; no qual a percepção da maternidade como escolha, e, assim, do poder de negociação, possibilitaria mudanças ainda que já se tenha tornado mãe.

Ao mesmo tempo, era preciso construir abrigos para vivências democráticas e transformadoras, minimizando a sensação de solidão e de anormalidade, sendo o grupo um lugar seguro, “um lugar para ir” (BADINTER, 2011; OLIVEIRA, 2019; ZANELLO, 2018). De modo que existia uma direção para os impactos transformadores quando eu falava em pesquisar a partir da experiência com o grupo de leitura; não há como rejeitar a ordem das significações e dos valores.

Vale retomar aqui o momento de formação do grupo de leitura, para dizer sucintamente que tudo que eu intuía, teorizava e intencionava foi conversado aberta e detalhadamente num primeiro encontro virtual com as mães convidadas do grupo de apoio ao pós-parto que eu mediava na época. Havia a elaboração de uma proposta inicial e autoral para a qual elas eram chamadas à construção junto. E, naquele momento de aproximação, quando inclusive o teor e as provocações da leitura proposta foram explanados, algumas mulheres optaram por não participar do projeto.

Algumas mães se inscreveram, integram o grupo e nunca participaram dos encontros online, mas interagem no grupo do WhatsApp; outras nunca participaram/participam em um espaço nem no outro; outras participaram de um encontro, de dois, ou mais; outras estiveram/estão em vários encontros e se

¹¹ Referência a partir de entrevista concedida pela antropóloga Dra. Débora Diniz à revista Glamurama (UOL) em 17 de setembro de 2021, link <https://glamurama.uol.com.br/modo-de-vida/para-as-mulheres-pelas-mulheres/>

mantiveram/mantêm em silêncio. De modo que cada uma delas e todas coletivamente – enquanto grupo – sabem de seus movimentos e criam posicionamentos no/com o grupo sem que haja domínio de uma voz única autorizadora/organizadora.

Esse processo de construção conjunta e dialogada importava pois eu abrigava na proposta do grupo o profundo interesse em transpormos práticas dominadoras. Apoiada no referencial teórico-metodológico de uma perspectiva feminista de gênero, inspirava-me nos guiarmos pela construção de relações igualitárias, em que a profissional/mediadora não produziria uma hierarquia do saber sobre elas mesmas. Investiríamos no reconhecimento e colocação das hierarquias culturais existentes, bem como da revelação (auto revelação) dos nossos valores e não neutralidade, como possibilidade de a proposta ser constantemente e coletivamente reelaborada.

Reconhecendo e compartilhando os interesses que me orientavam, fui buscando mais vozes que me permitissem articular elementos diversos na produção de sentidos compartilhados e constituir uma prática psicossocial na qual, aprendendo a transgredir com bell hooks (2017), propunha deslocar a teorização de um lugar de pura racionalização para um recurso com potência curativa; compreendendo, contudo, que “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim” (hooks, 2017, p. 86).

Encontrei na voz de Conceição Evaristo uma compreensão de que nos caminhos percorridos na história, nós mulheres e mães criamos modos de ser e viver onde o “falar e ouvir entre nós, era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos” (EVARISTO, 2020, p. 52). A oralidade e as histórias se constituem para mulheres e mães recurso de defesa, de posse, de poder, de fortalecimento, e de fuga. Pois quando podemos nos reconhecer nas armadilhas narrativas, quando aprendemos sobre a história contada a nós – como as coisas se tornaram o que são -, tornamo-nos mais capazes de fugir delas.

Quando as mulheres se unem, conversam, se ouvem, fazem leituras de mundo e se movimentam. E no Brasil patriarcal, capitalista e racista - onde a pandemia diminuiu as chances das mulheres e mães de sobrevivência e de sonhos, pela doença e pelas condições sociais de ruptura do cuidado e desamparo, dada à falta de políticas públicas para apoio a essa população -, conforme nos situa a Professora Débora Diniz (2021), aprender e poder traçar caminhos de fuga é, portanto, para as mulheres e

mães uma forma de garantir sobrevivência e saúde. E foi nesse momento que insurgimos como mulheres mães fazendo leituras em grupo sobre maternidades.

Foi do desejo de conhecer as articulações de um grupo de leitura com mulheres mães para escapar de uma única história opressora uníssona, numa prática onde a teorização se colocasse como lugar das/a partir das narrativas silenciadas - versões coletivas e plurais – para uma ação social de libertação. Essa compreensão me sugeria uma conexão entre teoria e prática, pela qual a primeira se torna lugar de cura, pois “quando nossa experiência vivida na teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática” (hooks, 2017, p. 85-86).

O grupo de leitura tem me permitido transgredir, entre silenciamentos e escritas-histórias, no confronto dos privilégios-incômodos vivenciados na trajetória de me forjar pesquisadora: eu, mulher e mãe branca, concursada e assalariada, sonhando largar o emprego estável para fazer o que eu gosto e me realizar profissionalmente. Preparando-me financeira e emocionalmente para me afastar do trabalho a partir de uma licença não remunerada, adquiro condições no exato momento de uma das maiores crises de saúde, sanitária e social da história. Vivi esse momento com tamanha ambivalência (e culpa) que pensei várias vezes em recuar:

A minha culpa se confessou diante das dores trazidas por uma das mulheres. Zadú é uma mulher negra, cis, bissexual, mãe de dois, que estava há mais de três meses trabalhando arduamente, em condições precarizadas de insegurança física e emocional, de relações com chefias abusivas, e não sabia mais o que fazer. Tinha vontade de largar o emprego, mas tinha medo de não receber nem pelo trabalho já feito e entregue; tinha medo de permanecer e continuar sendo explorada e exposta nesse momento de enorme vulnerabilização social, pois, como ouviu várias vezes, *se alguém tiver achando ruim pode pedir pra sair que tem uma fila lá fora esperando por trabalho...* O grupo se entregou todo à escuta dela e a acolheu. No momento em que declarei minha culpa por estar numa situação tão privilegiada e “abrindo mão” de um emprego com benefícios financeiros os quais são tão necessários a maioria da população brasileira hoje, outras mulheres relataram se sentirem culpadas por seus privilégios e confortos também. Então Zadú se dirigiu a mim dizendo que *se sentia feliz e fortalecida pela minha história de realização profissional; que nutria, nessa história, esperança e confiança para ela também realizar seu sonho de conseguir se sustentar fazendo o trabalho com fotografias que tanto ama, que eu era ali, naquele momento, a inspiração afirmativa de que valia a pena ela continuar lutando e sonhando*. Essa troca que nos pôs em acolhimento umas às outras, e nos permitiu afirmar cada uma das dores sofridas em seus lugares de dignidade; e politizamos nossos sofrimentos maternos sem hierarquização de valor (Autora, bloco de notas do celular, 28 de março de 2021).

Com a Zadú compreendi que estávamos falando de dignidade, e não de privilégio. Por mais que ela e tantas outras não tivessem a mesma oportunidade, eu

acessá-la era um direito que precisaria ser ampliado e garantido a todas as demais. Tornei-me inspiração para a Zadú sonhar. Subvertemos a noção até então compartilhada de que não haveria sonhar no sobreviver, ou sobreviver no sonhar; e junto com Conceição Evaristo (2018) (re)concebemos que coexistem nas complexidades não-dicotômicas das muitas formas de estar no mundo:

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2018, p. 17).

Assim, a leitura e a teorização no grupo Maternando-se, com mulheres mães, como ação de nos envolvermos num processo de pensamento e crítica (hooks, 2018), tem sido parte importante da minha construção-reconhecimento, pois a partir de uma compreensão mais politicamente situada posso ver que para uma ética do cuidado não precisamos ser iguais, basta estarmos próximas. O compartilhamento de um espaço de propósitos, o reconhecimento de si e da outra como parte integrante e pertencente na construção e funcionamento do grupo, e a validação dos nossos saberes promovem uma aproximação social intersubjetiva. Percebemo-nos diferentes e fazemos diálogos plurais, produzimos versões de/para nós.

2.4 O caminhar vulnerável como lugar de potência

Quando decidi me submeter à seleção para o mestrado e retornei à universidade confrontei as (minhas) lacunas sobre um suposto ser-fazer científico. Não conseguia me narrar nesse lugar, faltava algo para enredar; como se faltasse conectivo entre o vivido e o não produzido. A noção aprendida sobre ciência – demarcada por tradições que separam experiência e conhecimento, corpo e razão – arbitrava(-me) sobre lugares próprios e apropriados ao “conhecimento das verdades”.

Aquele lugar que me oferecia a única história do poder saber, tolhia-me a compreensão de que os saberes são produzidos de várias formas e usados de muitas maneiras; demarcando lugares para corpos-saberes: “A ausência de uma mulher negra reconhecida como imortal na literatura brasileira nos interpela. Uma cadeira que imortaliza o reconhecimento de alguns nomes”; expõem Érika Cecília Oliveira, Késia

Rocha, Lisandra Moreira, Simone Hüning (2019) sobre o episódio da não escolha de Conceição Evaristo na candidatura à Academia Brasileira de Letras.

Essa imagem oferecida pelas autoras de fato me tocou; eu senti aquilo, e pude perceber. E senti e percebi muito mais quando fiquei mais perto. Quando na minha turma do mestrado acadêmico, na minha cidade natal de Maceió, duas “cadeiras” ficaram vazias no curso da minha pesquisa e do meu pesquisar. Duas cadeiras antes ocupadas por colegas mulheres. Eu vi. Agora, eu já sabia que aquilo acontecia conosco; que poderia acontecer também comigo. Fazia parte da nossa história das mulheres e mães a problemática da produtividade e da permanência na academia, e isso nos impactava ainda mais naquele período de pandemia, sobretudo as mulheres negras com filhos (JULIANA MARCIA SILVA, VANESSA CLEMENTE CARDOSO, KAMILA EULÁLIO ABREU, LÍVIA SOUZA SILVA, 2020).

Na lógica daquela ciência dura, historicamente excludente e apagadora, as (minhas) histórias íntimas não valiam grafias no (meu) lattes, embora fossem em igual medida sociais e políticas (ÉRIKA CECILIA OLIVEIRA, KÉSIA ROCHA, LISANDRA MOREIRA, SIMONE HÜNING, 2019); e ainda que tivessem me exigido “dedicação, produção, investimento e tempo” (SHIRLEY MACÊDO, 2020, p. 199). Permanecendo circunscritas como questões da vida privada, as (minhas) práticas e experiências não tinham validade tal como as horas de leituras não lidas, de estudos não estudados, de produções não produzidas (MACÊDO, 2020).

Sem argumentos métricos para validar meus conhecimentos e minhas pretensões, e encurralada na inabilidade de responder a minha dúvida sobre poder ou não fazer pesquisa, revi-me corpo-interditado- inadequado. Buscando um lugar para mim, encontrei nos feminismos concepções que questionam a neutralidade condicionada pela ciência positivista como qualidade de uma pesquisadora: propõem colocarmos as potências dos afetos nas discussões políticas, afetando outras pessoas.

Portanto não se trata mais de falar com uma objetividade distante – como um corpo que olha de fora; e mais, de cima - ou de revelar verdades, trata-se de localizar a fala, situar os corpos-inventores, politizar o conhecer e o fazer. O compromisso ético-político com a transparência das intenções, dos processos, das propostas para o mundo, e a responsabilidade sobre as realidades que serão produzidas nas vidas das pessoas não somente (me) autoriza a fazer, como vai além e provoca a palavra-escrita

ao desafio de manter um senso de compromisso com a comunidade (OLIVEIRA et al., 2019).

Desdobrando-se desses movimentos que em toda pesquisa há parcialidade, abrem-se caminhos epistêmicos que se consolidam na/pela potência dos (meus) corpos-contingentes (HARAWAY, 1995). Corpos que se localizam num momento histórico, que declaram sua participação no pesquisar; e, portanto, estão preocupados e comprometidos com os efeitos das verdades construídas no fazer ciência nas vidas das pessoas. Considerando, então, a pertinência do (meu) corpo-parcial ao espaço científico, torna-se relevante enfatizar que, embora eu estivesse bastante deslocada e desconfortável nos meus não-saberes, pesquisar não era para mim o que restava; era evidentemente o que eu podia, como condição que o meu lugar social prometia:

Angel faz faxina aqui em casa uma vez por semana, e desde o começo do mês passado tem vindo mais um dia na semana, quinzenalmente, preparar comidas aos montes para gente congelar. Ela quer ser psicóloga, já me expressou algumas vezes. Temos conversado cada vez mais à medida que fui passando mais tempo dentro de casa. Ela tem três filhos, dois adolescentes e outro já casado e morando em São Paulo. Em nossas conversas falamos sobre nossos filhos, sobre o ensino remoto - pois ela e minha filha estão ainda estudando na modalidade online na rede pública -, sobre formas de cuidarmos da casa, da limpeza etc. Mas uma coisa ela sempre retoma: “A senhora estuda muito! Não para nunca!”, e sorri. Hoje, quando eu lhe falava que embora as aulas do mestrado terminassem na semana que vem, eu não pararia durante o recesso pois ainda teria a pesquisa, e muita coisa para ler e estudar... ela trouxe essa fala novamente: “A senhora não para, estuda demais, não sei como consegue...”. Logo depois, de imediato, ela soltou, como devolvendo a si mesma e dirigindo assertivamente a mim: “A senhora consegue porque tem eu pra lhe ajudar”. Ao que eu respondi, impactada: “Olha aí, você sabe como eu consigo, sabe que eu preciso do seu apoio” (Autora, bloco de notas do celular, 23 de setembro de 2021).

Foi tudo que consegui falar. Fiquei surpresa (e envergonhada) com a elaboração dela. Não esperava por aquilo? E pelo que eu esperava? Não sei. Certo dia ouvi no grupo de leitura que “essas pessoas [vulnerabilizadas] não têm consciência das opressões que sofrem”. Pensei, com a devolutiva da Angel: Será? Teria sido essa a minha surpresa, a consciência dela? Ainda busco entender. Penso que talvez eu não esperasse ser deslocada do lugar – mulher branca - de quem marca as pessoas e as coisas do mundo, de quem as narra. Eu não esperava não-ser a enunciativa, talvez. E não fui. Ela se narrou, e marcou um lugar para mim: uma mulher com uma raça e uma classe social cujas histórias contadas dizem o que eu posso ser e fazer.

Aprendendo com a Angel, e elaborando com Patricia Hill Collins (2016) reflexões sobre esse deslocamento de saber (desse não saber), lembrei-me das sensações de des-conforto em alguns encontros mais recentes com outras “leituras” feministas, desde o ingresso no mestrado. Vou pedir licença para os recordar aqui, querida leitora, pois penso que eles nos dizem do que é produzido nessas histórias e com elas; e, portanto, devem nos dizer de como venho aprendendo a produzir nessa pesquisa onde meu corpo se encontra e se relaciona com corpos não meus.

O primeiro encontro que trago é com a leitura do capítulo “De mãos dadas com minha irmã”, do livro de bell hooks (2017); em que fiquei fortemente sensibilizada com o pensamento dela acerca da influência do contato pessoal e da história das relações entre mulheres brancas e negras no diálogo, na produção de saberes e nas narrações, inclusive de conhecimentos acadêmicos.

O segundo, com Conceição Evaristo (2020) no texto “Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita”, foi de muito incômodo. Apesar de ali, a escritora não se ater às relações entre as mulheres negras e brancas, a imagem da grafia-desenho das “mãos lavadeiras” – de suas antepassadas - diante da “voz-conferente” das minhas, e a declaração da autora sobre como aquelas vivências de sua mãe faziam crescer sua incompreensão – seu conhecimento, aqui eu diria - diante das mulheres brancas ricas, me fizeram parar. Eu não podia ir adiante, não conseguia. Não sem tomar um tempo para sentir, chorar e considerar.

O terceiro encontro que desejo expor foi com Aline Kelly¹², uma mulher negra que foi uma das minhas professoras na disciplina ‘Políticas de Pesquisa e Escritas Contra Hegemônicas’. A relação com ela, ainda que discreta e não próxima foi um importante atravessamento que vivi no processo do mestrado e da pesquisa. Sua presença e suas falas me chamavam a atenção, me intimavam para um cuidado. Era uma presença que, assim como a autora estadunidense propunha pensar, me fazia sentir andando “De mãos dadas com minha irmã” (hooks, 2017, p. 127-149).

Assim aconteceu quando nos encontramos online em uma ocasião em que ela se dispôs para conversarmos sobre o meu texto – um artigo que eu tinha escrito para a disciplina dela e que hoje compõe essa dissertação. Ela me ofereceu um print de

¹² Aline Kelly da Silva é doutoranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com um projeto sobre a produção de memória nas resistências de jovens mulheres negras na luta antirracista e feminista, no momento histórico da pandemia pela Covid-19. Ela é uma referência importante nos aprendizados e desdobramentos das epistemologias contra hegemônicas na minha pesquisa. Currículo lattes dela: <http://lattes.cnpq.br/6985444741137658>

um trecho do livro “Poemas da recordação e outros movimentos”, de Conceição Evaristo, e me perguntou o que eu vinha lendo. Percebi um movimento nosso de cuidado, conversamos sobre leituras e o que elas vinham fazendo conosco. Essas memórias cognitivas e sensoriais foram sendo reavivadas nos meus encontros com a Angel nos cuidados com a minha casa, interferindo na nossa relação também.

Àquela altura, os movimentos entre nós mulheres me tomava de modo a me fazer pensar o cuidado de forma diferente das que eu vinha problematizando na vida, no grupo de leitura, e sobretudo na pesquisa: o cuidado exaustivo que fazia doer a nós mulheres mães. A oferta daquele poema e apoio pela Aline me chegou como um cuidado que tive desejo de retribuir. Era um cuidado que parecia não estar em um lugar prescrito, como o de uma mãe para uma/um filha/o, por exemplo, o qual tantas vezes nos caía como obrigação e com sobrecarga. Ele parecia cruzar fronteiras, criando uma atmosfera em que as ideias preconcebidas que eu tinha sobre a maternidade, o cuidado, o grupo de leitura e o (meu) pesquisar pudessem ser questionadas e transformadas (hooks, 2017).

Ainda buscando compreender tudo o que vinha acontecendo, reflito com Angel e com Érika Cecília Oliveira, Késia Rocha, Lisandra Moreira, Simone Hüning (2019) que pesquisar é oportunidade em que cabe também me perceber, me pensar, me transformar. Autorizar-me pesquisadora tem sido um exercício de esforço para me situar “uma e outra” na construção do mundo e de suas verdades. Venho me reconhecendo mulher branca, cis, hetero; me percebendo um ser sócio-histórico, afetiva, afetada e afetante nas relações étnico-raciais e de gênero, cujas “verdades sobre” foram/são forjadas e reiteradas nas narrativas de (minha) gente branca brasileira.

Nesse trabalho processual, tenho atentado a cada referência ilógica(?), não-linear, a cada história auto narrada: falas em conversas cotidianas, trechos de músicas, versos poéticos-éticos, discussões em salas de aular¹³ e fora delas, diálogos no grupo Maternando-se e nos grupos de pesquisa. Teço-me em cada leitura, em cada relato nas telas dos encontros virtuais; em cada ponto-permissão desse (re)fazer(-me).

¹³ *Aular* é uma expressão que criei para nomear experiências de encontro-ensino-aprendizagem - como as que vivi em algumas disciplinas do programa de pós-graduação do Instituto de Psicologia da UFAL - esforçadas em um movimento de criar novas relações de poder e de conhecimento.

Sentindo, ouvindo, afirmando e referenciando cada pessoa-afeto desse percurso, preciso marcar aqui, preciso unir as falas, as memórias das vozes-afetações em busca de vocabulários nos quais eu possa me encontrar. Pois “os registros, que chamamos aqui de “rastros de nós”, nos tocam porque colocam em questão o que acreditamos saber [...]. São singulares, mas também múltiplos e compartilhados” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 182-183); e quando colocados na escrita, corpos se encontram, se reconhecem, se acolhem, e se permitem existências.

Quando fico atenta posso ouvir Tayane Nunes¹⁴, dizer que “a brancura e a branquitude veio pra iludir as pessoas brancas que o mundo é sobre elas”, e esta declaração vai dialogando com as vozes de diversas mulheres de saber que pude conhecer, ajudando(-me) a entender como as histórias brancas descontextualizam e apagam as vivências de tantas pessoas, inclusive nas experiências de conhecer e produzir conhecimento. Como pesquisadora branca, engendrada numa psicologia clínica dita “da mulher e da mãe”, ainda estou transacionando minhas falas do círculo de mulheres com quem convivo aos mundos que ainda não conheço, não vejo, não ouço; e, portanto, com os quais não dialogo:

Conversávamos a partir da perspectiva colocada por Badinter (2011) acerca da fragilidade e vulnerabilidade das mulheres diante da crise econômica do início dos anos 1990, e entramos num momento quase catártico: trocávamos experiências sobre nossas sobrecargas, sobre jornadas triplas de trabalho não remunerado e sequer reconhecido, sobre as dificuldades de pesquisar e produzir na academia enquanto mães em isolamento etc. Parecia que todas éramos iguais, que vivíamos as mesmas realidades. Quando Thaylane, mulher negra, falou sobre sua realidade de desemprego e total falta de apoio do Estado na atual crise pandêmica, onde ela sequer tinha suporte de creches para o filho a fim de que pudesse buscar trabalho. Naquele momento se fez silêncio no grupo, tive a impressão, ou se fez silêncio dentro de mim, não saberia dizer. Senti-me atravessada, como se aquela fala destoasse no coro. Engano! Logo pensei. O canto-coro teria silenciado na incorporação de uma compreensão daquela verdade. Após esse encontro, tenho me posto a pensar com elas quem estamos lendo e discutindo, sobre que maternidades estamos falando. Essa é uma história que está sendo construída/escrita (Autora, bloco de notas do celular, 07 de fevereiro de 2021).

Localizando meu lugar mulher-branca-mestranda e refletindo com Anzaldúa (2000) que “é preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis”,

¹⁴Tayane Nunes é uma mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia e Cultura na Universidade de Brasília, membro do PsiTraFem – Grupo de Pesquisas em Psicodinâmica do Trabalho Feminino. Ela está escrevendo sua dissertação sobre a construção da ideia de “vadiagem” e a questão do racismo. Eu a ouvi falando deste estudo num dos encontros do grupo de pesquisa, do qual faço parte como ouvinte, no dia 23 de março de 2021.

sinto-me novamente tensionada. Expondo-me, como venho, desde um lugar de recusa do apagamento-de-mim-mesma, sinto-me convocada a escrever a partir do meu lugar para uma compreensão da multiplicidade das histórias, como me confiam as mulheres-mães do grupo de leitura oferecendo suas histórias únicas vividas nos corpos.

2.5 A implicação como lugar de cuidado

Era um domingo chuvoso, o sinal da internet tinha ficado fraco o dia inteiro, oscilante. Sumia, desconectava o tempo todo, como se tentasse impedir nosso encontro. Eu tinha enorme expectativa, e medo, de as encontrar naquele dia, de lhes confessar as novas inquietações que me tomavam, e as escutar. Parte de mim se unia à ausência de sinal pela possibilidade de me ausentar da conversa difícil e insegura que eu ansiava fazer com elas. Outra parte, buscava superar os medos de ficar vulnerável e lutava para o encontro acontecer – eu reiniciava o modem, reiniciava o computador, refazia as tentativas de conexão repetidas vezes. Quantas vezes eu tinha imaginado, e quase iniciado, aquele momento; adiando-o, como agora parecia fazer a conexão oscilante: “Vocês gostariam que nos alternássemos no papel de mediadora de grupo? ”, eu perguntava uns dias antes. Flor me respondera com uma interpelação: “Debi, se você se sente mais confortável, podemos alternar. Sem problema.” Retruco-a, buscando garantir que fico confortável com as duas opções, e insisto que a minha razão para essa nova proposta seria uma aposta de que numa dinâmica de alternância poderíamos nos experimentar em diferentes posições. Escapo. Há pouco mais de um ano do início do grupo, àquela altura com a pesquisa já em curso, preocupada com os efeitos dessa experiência, eu tinha uma só pergunta (não inocente) sobre o grupo tal como estava: serve para nós? E para mim era tão urgente criar com elas respostas que insistia em haver uma forma de nos conectarmos. Chegou a hora do encontro e a minha internet não estava disponível como canal para nós. Então considerei a possibilidade de rotear o pacote de dados do meu celular para o computador. Nesse momento algumas delas já estavam ali comigo, empenhadas em resolver um espaço para nós. Pensávamos juntas as opções. Consegui compartilhar a rede do meu celular, decidimos ir por aí. Surgiu uma questão sobre quanto tempo esse pacote de dados sustentaria um encontro via vídeo, nos garantiria nossas mais ou menos duas horas habituais? Zadú sugeriu que entrássemos pelo link da Flor pois daí, se minha conexão caísse, a gente não perderia a gravação. A Flor estava se preparando para entrar, então iniciamos pelo meu link mesmo e depois, em caso de necessidade, ela geraria outro. Quando estávamos há mais ou menos uma hora bem envolvidas nos diálogos sobre o grupo, em que eu e várias delas já tínhamos nos colocado sobre como sentíamos e percebíamos nossas relações etc. o meu sinal caiu e eu fui retirada abruptamente da sala e da conversa. Fiquei um tempo pensando o que aconteceria agora: o encontro seria encerrado? Elas continuariam sem mim? Imaginava desfechos enquanto tentava recuperar a conexão, sem sucesso. Sentei-me na cama, desisti de acessar, e fiquei a imaginar se elas ainda estariam por lá. Não sei precisar quanto tempo durou isso tudo, talvez alguns minutos, e logo meu celular tocou. Era Zadú me fazendo uma chamada de áudio através de uma ligação tradicional. Ela me disse que permaneciam todas lá, buscando uma maneira de me trazer de volta, e sugeriu: coloque essa nossa chamada em viva voz e você continua conosco pelo áudio do celular, topa!?”. Assim, eu pude ser presença e participação como voz, e ficamos intensamente conectadas por mais 1h (Autora, bloco de notas do celular, 28 de abril de 2021).

Saí daquele encontro com os dedos frios e trêmulos, sentindo ainda, ao escrever no diário, a emoção e potência daquele momento. Elas podiam ter continuado sem mim, mas não o fizeram. Ou mais! Con-formadas numa predefinição de papéis e lugares desenhada na minha proposta inicial para o grupo de leitura, segundo a qual a agência para sustentação do encontro caberia à facilitadora, elas podiam ter deixado o resto da conversa para outra hora; para um momento em que eu pudesse dar uma direção. Mas tinha algo acontecendo ali que não se queria adiar. Tinha, talvez, um sentido no que estávamos realizando ali, em rede, que nos mobilizava para a criação de estratégias. Tinha algo que fazíamos, sobretudo, com (o) cuidado.

Noto como o cuidado vinha acompanhando as experiências que venho narrando nesta dissertação. Foi (e era ele) pauta de muitas das nossas conversas e do atravessamento das nossas vivências como mães; foi no anseio de produzir outras práticas de cuidado que me arrisquei na criação do grupo de leitura; e era com ele que eu queria – quase como uma necessidade – pensar esta pesquisa; como desenhado na sessão anterior. Sendo que a cada ocasião relacional, e nessa ocasião, o cuidado não era o mesmo.

O cuidar que me pôs para a realização do grupo de leitura estava a mim evidenciado por estudos feministas de acordo com os quais o cuidado que recai sobre as mulheres e a maternagem reverberam para nós desigualdades e sofrimentos, assim como testemunhávamos nos círculos com mulheres na vida: sentíamos desprivilegiadas, exploradas, sobrecarregadas (DANIELA DELL'AGLIO, 2021). No grupo, esse 'cuidar' foi atravessado por outra articulação que situava a nossa prática grupal como um fazer da ciência psicológica e como uma ação de intervenção: eu queria e buscava um novo recurso técnico-teórico para o cuidado com mulheres mães.

Esse cuidar como idealizadora e mediadora do grupo era constantemente abordado desde uma perspectiva da pesquisa-intervenção que vinha sendo realizada: “Para fazer a pesquisa com esse grupo você precisa traçar antes um caminho, um método, e planejar essa proposta para saber o que vai observar. Pare e faça um plano para ir mensurando os resultados, para você saber o que está fazendo com elas”. Ouvi isso várias vezes e de diferentes maneiras, fazendo suscitar os três corpos (mãe, psicóloga-mediadora e pesquisadora) desde aquelas composições sofridas: interdição-inadequação.

Isso fazia reverberar para mim insegurança no que estava sendo feito (tanto no grupo quanto na pesquisa); e às vezes, irresponsabilidade. Eu ouvia novamente cochichar ao meu ouvido a voz daquela história-amiga, como no começo, quando estava insegura sobre o que iria acontecer; pois estava sem modelos, métodos e métricas. E estava também sem tempo para fazer toda essa minuciosa elaboração (que talvez fosse importante) antes de encontrar aquelas mulheres mães para vivenciar leituras e escutas. Pois não caberia a mim controlar aquele “experimento” para garantir bons resultados? E bons resultados – a serem apresentados numa pesquisa, inclusive - eram traduzidos para mim em “fazer bem a elas”.

Essas versões sobre conhecer com (o) cuidado se encontravam com as experiências no cotidiano e com as leituras - no grupo, no mestrado e as que eu fazia isoladamente – e se misturavam para elaborar outros sentidos, possibilitando outros lugares para (o) cuidar. Lugares onde pudéssemos nos abrigar. Na pesquisa, como já narrado na sessão anterior, a postura feminista que eu intencionava realizar era de envolvimento. Implicar-me desse modo, para “pensar com cuidado”, era me considerar desde relações instituídas de saber e poder, em cada um dos meus corpos, a cada momento relacional; mas não sem conflito, cutuca-me María Puig de la Bellacasa (2012) ¹⁵.

Experimentar(-me), falar e pensar com a experiência do grupo de leitura era/é gritantemente conflituoso. Reinventar-me enquanto psicóloga (e inventar-me pesquisadora) naquela prática incomum produzia alguns deslocamentos que me assustavam, interiorizo-me com Maria Lívia do Nascimento, Juliane Macedo Manzini e Fernanda Bocco (2006). Minha crise profissional era sobre o que eu podia ou não fazer, e por estar assumindo atividades que não conhecia como inscritas na psicologia, e de outras formas, com outros espaços. Mas era também por estar comprometida politicamente como nunca antes eu havia me identificado (NASCIMENTO, MANZINI, BOCCO, 2006, p. 16).

Visto que a psicologia vem sendo frequentemente construída e regulada por modelos de separação e oposição com a política, implicar-me na experimentação de um grupo de leituras feministas sobre maternidades era como constituir um dispositivo que colocasse em pauta tal paradigma (NASCIMENTO, MANZINI, BOCCO, 2006). E

¹⁵ Tradução livre.

eu não sabia se estava preparada para isso; não sabia como fazer isso, não sabia nem mesmo se isso cabia.

Naquele tempo, eu já havia entendido que a pesquisa-intervenção que acompanhava a nossa experiência se colocava como um dispositivo que afirmava o ato político que constituía aquela investigação: eu queria transformar(-me) (SIMONE PAULON, 2005). Porém, desde algumas perspectivas feministas com as quais eu vinha dialogando na psicologia e na pesquisa, e eu vinha tão pre-ocupada com maneiras de nos tornarmos atentas a condutas de reconhecimento e colocação das hierarquias existentes no grupo de leitura; que me posicionava como se tais posições de cuidado fossem pré-existentis ou programáveis.

Como naquela ocasião do encontro online síncrono, em que eu buscava estratégias de compartilhamento e escuta para que na construção do grupo e da pesquisa pudéssemos nivelar nossas vozes, nossos saberes, foram várias as minhas investidas nesse sentido no curso da nossa experiência grupal. Na semana anterior ao encontro, eu perguntara a elas pelo WhatsApp se gostariam que nos alternássemos no papel de mediadora do grupo e/ou das leituras.

A Thaylane e mais algumas sinalizaram que era uma possibilidade: “Debi, acho uma boa a sua mediação no grupo, mas se alguém também assumir esse papel no seu lugar por mim tudo bem”. A questão da alternância na mediação das leituras as atrapalharia, algumas expressaram, pois estavam cheias de coisas para fazer, e cansadas. Contudo, declaram que se sentiriam à vontade com as demais nesse papel.

Monaira também se colocou, em correspondência a outras participantes que já haviam expressado suas dificuldades e possibilidades para estar no grupo. Ela sentia por não estar acompanhando as nossas conversas nem as leituras, e estava repensando seu lugar no grupo. Outras se colocaram, e ficamos uns dias numa elaboração em que a minha proposta oferecida naquele encontro era aceitável, mas não era uma demanda delas. E de onde vinha essa demanda, então? De quem era?

A reflexão da Monaira me convocou para a insistente questão da (minha) implicação, validando que havia outros movimentos possíveis para nós: eu também repensava meu lugar ali. A proposta inicialmente oferecida por mim para um grupo de leitura, descrevia atividades cabíveis à psicóloga-facilitadora, tais como, escuta ativa, mobilização afetiva, acolhimento. De modo que as relações tal como constituídas naquela primeira elaboração carregavam papéis distintamente atribuídos a mim

(facilitadora) e às demais integrantes. Estes, eram descritos como ações que nos cabiam operar, e demarcava lugares que nos cabiam ocupar.

Por um lado, um paradigma feminista me assegurava que nós tínhamos competência, responsabilidade relacional e lugar de autoridade para refletir e definir sobre o que podia nos servir, o que e como poderíamos experimentar e produzir em termos de cuidado e bem-estar. O que eu vim notar quando interpelada naquele encontro, é que aquela proposta de intervenção com nuances de um protocolo detalhado parecia também me envolver numa antiga história, segundo a qual eu era quem deveria investir na direção da ação – das ações do/no grupo e na pesquisa – como se as pudesse controlar ou dirigir.

De modo que eu psicóloga-pesquisadora me sentia a única responsável pelo que era/seria feito, pelos impactos daquelas experiências nas vidas delas e pelo cuidado nesse fazer. O cuidado, tal como eu conhecia, atribuía unicamente a mim a responsabilidade e a ação. Minha proposta partilhava algumas atuações no grupo, e na pesquisa, mas não o cuidado; o cuidar seria/estaria comigo. Ele não era demanda minha, conforme escapo da abordagem da Flor sobre a alternância no papel de mediadora-cuidadora ser, talvez, uma necessidade minha. Ou seja, meu “cuidar” como psicóloga e facilitadora do grupo estava hierarquizado (DELL’AGLIO, 2021)

É desse embaraço que a pergunta em destaque no bloco de notas do meu celular grita um conflito – quase uma dor - que eu carregava para aquele momento do encontro: preocupada em “pensar com cuidado” eu não estava inteiramente implicada em “tornar-me com”. As questões que eu sentia pesar no meu colo, e que com elas queria com-partilhar eram elaboradas desde fora da situação, como se partissem do mundo da pesquisadora para o das pesquisadas: *o grupo de leitura tem servido a mim, psicóloga e mediadora, como recurso de intervenção? E a elas, como cuidado, serve? Esse fazer, no grupo e no pesquisar, tem sido cuidadoso com elas?*

Embora eu já considerasse que um fazer implicado não se dá sem afetar quem o pratica, essa história me levou além. Quando a Zadú, que é bem articulada com as questões do mundo digital - pois trabalha com fotografia e usa bastante esses recursos e ferramentas para produzir sua arte - elaborou com o grupo uma articulação não esperada, fez ressaltar alguns deslocamentos e movimentos: Então não era eu a única responsável pela sustentação do grupo, do encontro, do cuidado? Então o cuidado não acontece por minha causa; não acontece se e somente se eu estiver presente, estiver lá!? Não é da minha ação e/ou condução que se faz/fazia o/com cuidado?

Confusa e aliviada, recuperei na memória o corpo-mãe sobrecarregado, cansado; acostumado a levar no colo histórias do universo, pois só conhecia elas. Percebi a mentalidade que colonizava meu corpo-mulher e as minhas práticas: quando o cuidado me é atribuído, tenho inteira responsabilidade sobre ele, e o realizo sozinha, pois é da minha competência como mulher-mãe e facilitadora (ZANELLO, 2018). Assim, desses lugares, eu supostamente teria uma capacidade, uma expertise para tal; e deveria dar conta disso sozinha. Ademais, o cuidado seria sempre para a outra; minha condição feminina seria cuidar da/o outra/o.

Eu carregava no colo também pesos sobre uma pesquisa-intervenção, e sobre um pesquisar, como se a ação do cuidado fosse controlada, unidigirida e unidirecionada, “de fora”; no nosso caso, por mim em direção a elas (DELL A'GLIO, 2021; PUIGA DE LA BELLACASA, 2012). Contudo, esse episódio me tomou para a forma como o grupo se responsabilizou pelo encontro e fez o manejo da situação inesperada, de modo a sustentar a nossa conexão. Isso me faz “cair para fora” do lugar prescrito. Ou, como diria María Puig de la Bellacasa, “se cuidar é mover uma situação, aqueles que cuidam também serão movidos por ela” (2012, p. 206).

Nesse momento, Daniela Dell'Aglio (2021) me encontra “lá fora” e me acolhe. Desde um lugar de uma pesquisadora-mãe (como ela se situa em seu estudo), ela me evocou a pensar o cuidado como articulado em situações que exigem negociações e interações de vários atores, tanto humanos quanto não humanos; oferecendo uma perspectiva interdependente e relacional que abre distintas possibilidades de organização, articulação e responsabilidades. Com ela e com a Zadú, que se valeu de uma ligação telefônica imprevista, porém possível, disponível, revisei meus pré-conceitos sobre o cuidado materno e sobre o grupo de leitura como recurso de intervenção para mulheres mães.

O cuidado naquele grupo não estava numa fórmula com predição de tarefas, ocasiões e espaços de atuação da psicóloga. O cuidado que experimentávamos ali naquele momento ignorava esses limites, e acontecia. Assim, embora eu estivesse acompanhada por uma única noção de “intervenção” como categorização da nossa prática grupal e para a pesquisa, não participávamos de uma lógica em que o saber e a agência se concentravam exclusivamente numa suposta especialista, tal como a interventora que detinha o controle e a direção da ação.

De modo que, a situação inusitada do “cair para fora do encontro”, que tomo como metáfora, quando articulada à interiorização que a história narrada e as autoras

aqui referenciadas me convidam a fazer, permitem-me articular conexões e elaborações alternativas que dão lugar às intervenções que recaem sobre mim - a interventora. Ao tornar visíveis as transformações e conflitos vivenciados por mim-facilitadora no processo de ação no grupo, essa história única recriou e potencializou meu antigo lugar de envolvimento e afetação como uma interventora aprendiz de feminista, abrindo espaços de reciprocidade no cuidar e no cuidado.

O cuidado acontecido, que se faz por articulações de menos de minutos, reinventando o tempo, envolvido em relações interdependentes entre a Zadú e suas ferramentas, entre o grupo, a oscilação do sinal da internet e a minha vulnerabilidade, é um cuidado sem predefinição, é um cuidado que não preexiste às relações de cuidado, é um cuidado que “perde a direção” (DELL’AGLIO, 2021; PUIG DE LA BELLACASA, 2012). Assim, naquela trama única, incerta e instável, o cuidado vem para mim. A rede se articula de modo a produzir um cuidado para mim.

Aquilo me atravessou para uma compreensão de intervenção política feminista em que o “fazer com cuidado” é “viver com”, assumindo as minhas próprias vulnerabilidades tal como quem se relaciona e vive no mundo e naquele grupo (PUIG DE LA BELLACASA, 2012). Ao me trazerem de volta elas me acolhem, sustentam comigo as aflições que eu sentia naquele momento, e giram o sentido de uma ação que se dirige de uma para outras, apontando para efeitos relacionais possíveis: como cuidado, aquilo serve também para mim!

Afetada, implicada, releio o episódio e a pesquisa com María Puig de la Bellacasa (2012) e sou convidada a “olhar para o cuidado como um compromisso prático cotidiano, como algo que fazemos que afeta o significado de pensar-com” (p. 209). Quando a autora propõe que “criar conhecimento situado pode também significar que pensar a partir de e por dificuldades particulares requer de nós um trabalho pela mudança a partir de onde nós estamos” (p. 210)., eu reflito: De onde estou, quando e como me posiciono, o que acontece?

Nessas (re)leituras, permito-me um olhar deslocado sobre o cuidado no curso da pesquisa e no pesquisar, articulando o “ato de pesquisar” como objeto da minha pesquisa também. Daí que importa mostrar o que acontece comigo, já que não se trata meramente de uma subjetivação, mas sim de como as condições que me afetam, que me atravessam, também constituem a pesquisa. Acredito, como María Puig de la Bellacasa (2012), que nos tornando particularmente vulneráveis podemos encontrar

experiências e histórias únicas que nos ajudem a aprender sobre as armadilhas das únicas histórias.

Assim, aprendo sobre “cuidar com”. Prolongando o meu cuidar bem-intencionado que se investia num trabalho de fazer e pensar colaborativo e não-hierarquizado que supostamente garantiria o bem-estar das outras. Não sei se posso dizer que o movimento do/no grupo sustentou o cuidado; mas observo como sustentou e conectou nossos mundos, nosso fazer, nosso conhecer, nosso “viver com”; naquele momento (PUIG DE LA BELLACASA, 2012).

Tomando, a partir disso, intervenção como implicação localizada numa ordenação que acontece com as práticas tecidas momento a momento, incorporo que nesse fazer pesquisa não dá para programar ou planejar o cuidado, pois ele nunca acontece do mesmo jeito; pois ele acontece com diferentes coisas e em condições inesperadas que nos envolvem, desde um local, em/para práticas ordenadas (DELL’AGLIO, 2021). O cuidado que buscamos foi, portanto, uma intervenção do tipo “viver com” ao invés do julgamento de uma prática (PUIG DE LA BELLACASA, 2012). “É ao afirmar esta escolha ética que aquele ‘sentido da ação’ antes visto como um planejamento conjunto de uma ação transformadora assume mais a conotação de uma intervenção voltada para a produção de acontecimentos”. (PAULON, 2005, p. 21).

Deixar-nos surpreender e nos envolver por essa prática, assumindo com Daniela Dell’Aglío (2021), María Puig de la Bellacasa (2012) e Simone Paulon (2005) uma “intervenção em busca de acontecimentos” foi nossa maneira ética e política de fazer com cuidado (PAULON, 2005, p. 20).

3 DO GRUPO DE LEITURA ÀS LEITURAS DO GRUPO

Em maio de 2020, dias antes do primeiro encontro do grupo de leitura Maternando-se, eu criei um formulário eletrônico¹⁶ e enviei no WhatsApp de um grupo de apoio ao puerpério que eu coordenava, e também individualmente para algumas mulheres da minha rede de relacionamentos, anexando uma mensagem que anunciava o meu novo projeto:

Se você é mãe, às vezes deve se sentir boa, às vezes nem tanto, e outras, um fracasso. Isso acontece com você? Já pensou por que isso acontece com a maioria de nós!? Eu sempre pensei e quis entender! Ao compreender, com algumas leituras, que ser mulher não me faz pronta para ser mãe, fui conquistando a minha liberdade e assim tenho conseguido praticar uma maternidade que se integra ao meu ser e também me faz feliz! Estudando, pesquisando, descobrindo, foi crescendo em mim o desejo de aprender e crescer junto com outras mães. E agora, que a cabeça e o coração explodem, o sonho se torna projeto! (WhatsApp da pesquisadora, 02 de maio de 2020).

Dessa maneira, eu lhes contava sobre a intenção de formação de um grupo de leitura sobre maternidades. A mensagem do convite falava do meu desejo em dividir com as outras mães o que eu vinha experimentando na minha trajetória com os estudos e as leituras, ansiando que elas também pudessem experimentar aquilo.

Esse foi o momento em que eu comecei a contar a história daquele grupo de leitura. Primeiro havia surgido um nome: “Maternando e Aprendendo¹⁷ - grupo de leitura, partilha e autoconhecimento”. Inspirava-me confrontar a ideia de que “nascemos prontas para ser mães”.

Rejeitando essa essencialidade, pensei que poderíamos refletir sobre o lugar que estávamos ocupando: Como reaprender a ser mãe já no percurso da maternidade e do materno? Como mudar de lugar ou (re)arrumar esse lugar o tornando melhor para nós? “Descobrir” como o ser-mãe tal como conhecíamos fora construído no curso da história nos mostraria-nos que há possibilidades, a qualquer tempo, de mudanças desta ideia e dos papéis a nós atribuídos? Libertar-nos-ia para novas experiências e construções de nossas maternidades? Pensei que poderíamos nos experimentar ali, no tempo presente, fazendo-e-sendo, sendo-e-refazendo, maternando-e-aprendendo.

Com o grupo de leitura eu intencionava fazermos tais reflexões, de forma palpável, visto que examinar os próprios desejos e o papel normativo na configuração

¹⁶ Link do formulário/ficha de inscrição: <https://forms.gle/twRKeiqGfqwqHfmg8>

¹⁷ O grupo passou a se chamar “Maternando-se”, como tenho me referido a ele. A história da mudança do nome será trazida no capítulo “Maternando-nos”.

da maternidade era algo que me parecia estar fora do alcance das mulheres mães (ORNA DONATH, 2019). Assim, no momento da busca de algumas informações sociodemográficas das participantes¹⁸, instigou-me incluir na ficha de inscrição uma sessão intitulada “A maternidade e o seu maternar”, onde eu propus que elas escrevessem à vontade, a partir de algumas perguntas disparadoras, dentre elas: “Para você, o que é ser mãe?”.

Embora tenha sido oferecido um espaço para resposta longa, de modo que elas pudessem contar suas histórias, em geral elas discorreram sobre essa questão em duas ou três linhas. Fui lendo as respostas individuais, uma a uma, à medida que iam chegando na minha caixa de e-mail. Não houve uma análise criteriosa aprofundada desse material, nem a faremos aqui neste estudo. Todavia, numa leitura atenta foi possível observar que elas nunca – nem mesmo em ocasião de uma preconcepção planejada, como era o caso de algumas – haviam pensado reflexivamente sobre a maternidade; o que era esperado e compreensível num contexto sociocultural patriarcal ocidental, conforme já havia me explicado Orna Donath (2019).

De modo que o momento de preenchimento do formulário de inscrição se tornou uma oportunidade para muitas delas, conforme declararam, para pensar pela primeira vez sobre como se tornaram mães. Foi também uma forma delas se colocarem como mulheres mães no grupo, de dizerem de si; e de a eu ouvi-las. As perguntas disparadas, ao permitirem que elas pensassem sobre a maternidade (as delas), invocaram posicionamentos e negociações para o ser mãe. Ao fazerem esse movimento de resposta, elas articulam mais histórias para si e para nós.

Nesse processo, a Maysa se colocou: “Ser mãe é reconhecer uma nova pessoa dentro de mim mesma, uma metamorfose diária”. Esse processo de cisão, ou duplicação de si parece ter sido descrito também pela Elena quando referiu que ser mãe “é entrar em conflito consigo mesma, amando incondicionalmente”. Para a Renata também “é amor, além de partilha e entrega”. Entrega que a Luiza narrou como “estar disponível para um ser de luz 24h por dia, para sempre que ele precisar”. E a Bárbara redefiniu: “É doação, abrir mão de si mesma pelos filhos”. A Bia resumiu: “Renúncia!” E a Elisa declarou que “renúncia e abdicação muitas vezes andam junto

¹⁸ As informações foram obtidas por meio do formulário eletrônico do Google Forms, o qual elas preenchiam no ato da inscrição, e continha as seguintes questões: nome completo, endereço e e-mail para contato, data de nascimento, idade, naturalidade, estado civil, escolaridade, profissão e trabalho. As informações de cor/raça, sexo, identidade sexual, orientação sexual foram colhidas posteriormente, já no curso do grupo e da pesquisa.

com frustração. Aí vem o amor, a alegria, que não apagam as outras coisas, mas com certeza se sobressaem”, ela complementou.

Para a Laura, a recompensa pelo cansaço e exaustão vem “por um sorriso, por um ‘eu te amo’, por uma frase do tipo ‘você é uma fofinha, mamãe’”. São mistos de emoções o tempo todo. É erro e acerto o tempo todo; ela narra”, aproximando-se do sentido proposto na mensagem do meu convite: “É se sentir às vezes boa, às vezes um fracasso”. E ela continuou: “Se existem erros, há igualmente oportunidade de descobrir que você pode ser melhor a cada dia, que pode se superar e mudar o que não concorda que foi feito na sua educação”. Educar, guiar e promover cuidado, “uma vida tranquila para o meu filho”, traduziram significados para a Flor. Assim, ser mãe seriam ‘fazeres’, ou, como resumiu a Rayane: “Função, papel”.

Esse movimento de autodeclarações fez surgir camadas que não apareciam na definição aparentemente neutra e óbvia elaborada na minha proposta. O critério pensado objetivamente por mim fora o de que “ser mãe seria ter pelo menos uma/um filha/o”, o qual pareceu fazer alguma aproximação de sentido com a definição da Mariama: “Para mim, ser mãe é parir um bebê”. Mas que não dava conta do que diziam todas as narrativas anteriores. Até porque, como trouxe o testemunho da Leka, nossas descrições falavam de nós; mesmo com incertezas, falavam de nossas experiências com a maternidade: “Honestamente, eu já soube [o que é ser mãe], hoje estou me descobrindo e me formando uma nova mãe e tô gostando muito mais dessa”. Por fim, declarou a Zadú: “Não consigo definir”.

Com a Zadú, também abriremos mão de o fazer. Tentar encerrar uma definição aqui poderia nos cativar para o apagamento dos múltiplos posicionamentos das participantes no grupo, o que só nos serviria para ignorar toda a complexidade e contradição das nossas histórias únicas de mulheres mães, produzindo mais opressão contra as mulheres.

Queremos realçar que a dinâmica de formação o grupo de leitura, investida por uma ética feminista, desde o meu testemunho no convite, enunciava um processo no qual poderíamos nos tornar personagens que testemunham e narram suas próprias histórias, desafiando conceitos e preconceções de uma outra história (DÉBORA DINIZ, 2014).

E isso me animou para seguir com o projeto. Assim, no dia 02 de maio de 2020, apresentei às mulheres mães convidadas a proposta surgida das minhas inquietações pessoais e profissionais: um grupo de leitura e partilha sobre o livro “Um amor

conquistado: o mito do amor materno”, de Elisabeth Badinter (1985). Depois do encontro, enviei um formulário eletrônico no WhatsApp pessoal de cada uma delas, para as interessadas em integrar o grupo se inscreverem. A princípio, 10 vagas foram abertas para participação.

Algumas mulheres optaram por não participar da experiência proposta. Das presentes, 13 mulheres se inscreveram, sendo elas: Ray, branca, 31 anos, casada, 01 filho, graduada e atuando como psicóloga clínica; Bárbara, parda, 26 anos, casada, 01 filho, graduada e professora; Elisa, branca, 26 anos, casada, 01 filha, graduada e doula; Laura, negra, 36 anos, casada, 01 filho e 01 filha, pós-graduanda e não estava trabalhando fora de casa; Bia, parda, 36 anos, união estável, 01 filha, ensino médio completo e policial federal; Ana Paula, 43 anos, morando junto com o companheiro, grávida, pós-graduanda e atuando como professora; Zadú, negra, 33 anos, casada, 01 filha e 01 filho, superior incompleto e fotógrafa; Leka, branca, 40 anos, solteira, 03 filho/filhas, pós-graduanda, enfermeira e policial militar; Elena, 36 anos, casada, 02 filhas, mestra e funcionária pública federal; Flor, branca, 34 anos, casada, 01 filho, doutora e professora universitária; Renata, parda, 34 anos, casada, 01 filha, graduada, publicitária e do lar; Maysa, parda, 37 anos, casada, 01 filha e graduada em enfermagem; e Luiza, parda, 36 anos, casada, 02 filhas, graduada em administração, atuando como doula, terapeuta de florais e empreendedora.

Depois, em um segundo momento de abertura para inscrições, quando retomamos os encontros em 2021 após um recesso de final de ano, mais sete mulheres mães se juntaram ao grupo. Elas são: Margarida, branca, 42 anos, viúva, 01 filha, pós-graduanda, professora universitária; Lidianne, branca, 33 anos, casada, 01 filho, ensino superior, psicóloga; Monaira, branca, 28 anos, união estável, 01 filha, ensino superior, professora e cuidadora; Mia, branca, 30 anos, solteira, 01 filho, doutoranda em biologia; Rayane, branca, 30 anos, solteira, 01 filho, psicóloga e psicoterapeuta; Thaylane, negra, 28 anos, união estável, ensino superior incompleto, desempregada. Fernanda, branca, 46 anos, 02 filhos, casada, pós-graduanda, professora universitária; Lore, branca, 29 anos, casada, grávida, mestra e enfermeira obstétrica.

Após formado o grupo inicial, os encontros com aquelas 13 mulheres tiveram início no dia 10 de maio de 2020. Começamos fazendo a leitura do livro de Badinter, e a partir dos desdobramentos de processos de trocas, descobertas e construções de narrativas no grupo novos posicionamentos foram surgindo até que decidimos nos

orientar por leituras com autoras diversas, guiando-nos pelo fluxo de interesses e descobertas a cada momento e tempo vivido no grupo; incluindo variados tipos de leituras de mundo, tais como poemas, poesias, artigos científicos, literaturas não acadêmicas, filmes, séries, vídeos, podcasts, posts das redes sociais virtuais etc., conforme concebêssemos recursos para narrativas contra hegemônicas.

Foi criado também um grupo fechado no WhatsApp para comunicação e/ou acordos sobre as leituras e os encontros, e que estava livre também para outras conversas. As interações nesse espaço vêm gerando trocas diversas: desde a expressão de sentimentos sobre experiências vividas em suas histórias passadas de vida e no dia a dia presente a relatos de transformações que estamos vivenciando com a experiência do grupo e com as leituras. Ocorre também compartilhamento de outros materiais sobre maternidade e questões do “ser mulher”.

Até junho de 2021 nos encontrávamos quinzenalmente. A princípio o grupo funcionava da seguinte forma: houve uma divisão do livro por capítulos os quais líamos cada uma no seu tempo, e nos encontrávamos a cada 15 dias, aos domingos, das 16h às 18h, de forma online, via plataforma Skype ou Google Meet, para conversas e trocas sobre as leituras.

Minha aposta na experiência com o grupo de leitura era aproximar “ler” de “ouvir”, “partilhar” de “testemunhar”, e “conhecer a si mesma” de “julgar”. Com esse movimento de aproximação, era pretendido deslocar alguns sentidos que me pareciam comuns a nós nos grupos e rodas de apoio que vivenciávamos até aquele tempo. Como também, eu intencionava experimentar com elas os efeitos da entrada da leitura nas e para as nossas conversações.

3.1 Um reencontro fora do comum

Era maio de 2020, primeiro domingo do mês. Não tínhamos ainda a menor ideia do que viveríamos nos próximos anos de pandemia pela Covid-19, estava tudo muito confuso. Mas já era desfeito um engano na história inaugural: a primeira vítima da Covid-19 tinha sido uma mulher; uma história que, devido a ‘eventuais divergências’ nas contagens de mortes por conta do tempo, diziam os noticiários, deixou de ser contada¹⁹.

¹⁹ Disponível no site: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio/>.

Reunidas em formato online, numa sala virtual da plataforma Skype, aconteceu o primeiro encontro do grupo de leitura Maternando-se. Mulheres mães, apoiadas no sofá, deitadas na cama, segurando o celular e a bebê no colo mamando, resolvendo as coisas da pia na cozinha, experimentávamos não apenas uma nova forma de fazermos grupos, mas também um jeito inédito – para todas nós - de gerar conversas. Costumávamos estar em rodas, circulares, almofadas no chão, crianças ao redor; falando sobre nossas vidas.

O novo formato virtual e online era o que dava; e convinha, num tempo de medos e incertezas. Olhávamo-nos por aqueles quadradinhos na tela do Google Meet. E às vezes falávamos com esses quadradinhos, sem gente, sem imagem de gente sequer; apenas as iniciais dos nossos nomes. Eu estranhava não saber de onde vinham as vozes, se estavam próximas ou mais distantes de mim; se no canto da sala, se sentada bem ali ao meu lado. Por vezes elas vinham sem som, digitadas e enviadas na caixa do chat, pois também dividíamos a casa com nossas familiares, e com seus ouvidos, e com suas vozes.

Comecei o encontro contando sobre algumas leituras que vinha fazendo: “O conflito: a mulher e a mãe”, de Elisabeth Badinter (2011), “As alegrias da maternidade”, de Bucchi Emecheta (2018) e “Saúde, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação”, de Valeska Zanello (2018). Apresentei resumidamente o tema do livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, também de Badinter (1985), o qual eu trazia como proposta de leitura inicial para o grupo: “Naquela importante obra...”, eu lhes digo, “...essa historiadora e filósofa francesa sustenta uma tese de que o amor materno não é um instinto, não é universal; mas sim que depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com a época e a cultura”.

Falei sobre a autora, o pouco que eu sabia, inclusive sobre sua vida feminista. E as provoquei para o que podíamos esperar daquela leitura: “Elisabeth Badinter acredita que o amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e como tal incerto, frágil e imperfeito”. Feitos esses compartilhamentos, lancei o convite a elas lendo um trecho do prefácio desse livro, onde Badinter palavreava o que eu gostaria de experimentar com o grupo:

Não será, porém, chegado o momento de abrir os olhos para as perturbações que contradizem à norma? E mesmo que essa tomada de consciência da contingência ameace nosso conforto. [...]. Isso nos proporcionará uma melhor compreensão da maternidade, benéfica tanto para a criança quanto para a

mulher. A esse debate filosófico de grande importância, toda mulher – mãe ou não – está convidada. [...] é a todas elas que cabe testemunhar, ouvir e julgar (1985, p. 18).

Dali me surgiu uma imagem: eu puxando uma cadeira e a oferecendo a Elisabeth Badinter, como se ela pudesse se acomodar ali, junto com a gente, para conversar. Abri para as falas das demais presentes. A Zadú começou:

- Eu não sei se todo mundo sentiu, mas é inquietante, né, ouvir tanta coisa, e saber quantas coisas são postas pra gente e a forma como elas são postas. Tanta coisa do que você disse aí, do que ela falou, tanto a Elisabeth como a outra..."

Ela referiu-se às autoras por mim apresentadas, como as recepcionando na nossa roda. Juliana veio depois:

- É umas boas cutucadas que a gente sente, Debi, com a sua fala. E acho bom mesmo você trazer isso aí, esse tema. A gente só fica pensando nas mães que a gente poderia tá querendo que ouvisse essa fala sua, que é muito pertinente.

Comungando com ela, respondi que o meu desejo era mesmo de falar com muitas mulheres e de escutar suas próprias vozes. Ao mesmo tempo, a Bárbara declarava via chat que estava ansiosa pelas possibilidades que a leitura iria lhe proporcionar, pois estava numa busca interna por uma maternidade onde se encaixe. Mais algumas delas começaram a expressar interesse em participar do grupo de leitura; umas informavam que até já haviam realizado a inscrição. Surgiu um clima descontraído de "correr pra garantir uma vaga", como brincou a Luiza. Quando a Mariama interpôs sua voz, bastante tocada:

- Com licença, meninas... na leitura que você fez, Debi, e agora sobre o convite, eu acho que, não sei se alguém sentiu assim, mas vou ver se dou conta de tanto sentimento que vem junto, são todos sentimentos muito fortes que tão vindo agora. Então, realmente, eu acho que vou ler o primeiro capítulo e ver se eu dou conta disso tudo. Acho que só vou conseguir me inscrever depois que eu ler o primeiro capítulo e sentir se eu vou conseguir digerir, junto com tudo que tá vindo.

Eu a acolhi. Recebi a fala dela, que me convidava a fazer uma das considerações que eu guardava nas minhas notinhas para aquele encontro: "Eu acredito que essa leitura não será apenas uma leitura em nossas vidas. Acredito que irá mexer conosco"; reconheci. Mirei a câmera do notebook, talvez nossos olhares pudessem se encontrar, e assegurei a ela que embora eu tivesse confiança na proposta que lhes apresentava, suas palavras me convocavam a reconhecer que ela

sabia o que lhe fazia sentido, o que lhe cabia ou não. Foi resguardado a todas que cada uma podia decidir se desejaria se arriscar.

3.1.1 Novas linhas

No fuxico que acabo de narrar, testemunho o encontro inaugural do grupo de leitura Maternando-se; momento em que me reúno com as mulheres convidadas para conversar sobre a minha proposta e participar do projeto. Não se trata de um encontro qualquer, trata-se de um re-encontro. Nós já nos conhecíamos, já nos encontrávamos por aí na vida. Mas não daquele jeito. Aquele jeito não era comum a nós. Comum a quem? Quem somos “nós”? Como nos encontramos e nos tornamos “nós”? O que tínhamos em (in)comum para aquele momento de reencontro? Imagino que você pode estar curiosa. Pois, vamos começar a detalhar.

A minha gravidez, em 2013, marca o começo desses encontros na vida. E é dessa experiência, que avança para a chegada da minha filha e para a maternagem, que os encontros acontecem e não cessam de acontecer: nos grupos e rodas de gestante que participei como grávida e, eventualmente, como facilitadora convidada; no grupo de apoio ao puerpério, que facilitei entre 2016 e 2019; na clínica, como psicóloga acompanhando mulheres mães. Essas experiências são as bases para o contexto no qual me encontro com as mulheres do grupo de leitura e juntas vivenciamos práticas grupais de autoconhecimento e de cuidado, antes. E agora, de outro jeito, numa outra proposta, outro formato, outro contexto.

Antes da pandemia, eu vinha sustentando espaços presenciais de encontro para falarmos sobre nossas maternidades, e realizando rodas periodicamente. De modo que fomos “jogadas” integralmente para os espaços virtuais tal como ocorreu com a maioria das situações sociais e práticas profissionais naquele momento súbito de crise. Essa configuração, que tomamos em atenção às medidas de isolamento recomendadas pelas autoridades sanitárias e de saúde mundiais para enfrentamento da pandemia da Covid-19, não só faz realizarmos o grupo em formato online como atravessa nossos encontros cotidianos.

O “fora do comum”, aqui, ao referir-me sobre nosso reencontro a partir da proposta para um grupo de leitura online, destaca algumas novidades para essa ocasião relacional. De que novidades estamos falando? O que era incomum nessa experiência com elas? Essas perguntas poderiam ser respondidas de diversas

maneiras. Mas, conforme queremos evidenciar para discussão, o fora do comum diz respeito à leitura como recurso de mediação das nossas conversas, e à ocupação do espaço virtual dentro de casa para os nossos encontros grupais.

A maternidade, o cotidiano e os grupos eram os lugares dos nossos encontros na vida; eram lugares comuns a nós. Contudo, as ocasiões, as circunstâncias e as formas desses encontros, inclusive nos grupos, foram várias. Algumas encontrei em momentos mais pessoais da minha gestação e da maternidade; outras em ocasiões mais formais como em iniciativas grupais ou rodas de apoio que eu coordenava; e há ainda aquelas que, de parceiras profissionais com as quais partilhei projetos também em grupos, se tornaram amigas.

Com umas, eram relações menos frequentes e íntimas à época da iniciação do grupo de leitura; mas, de alguma maneira, ainda próximas. Mesmo nos encontros mais pontuais, sem continuidade - como nas minhas palestras - ainda que eu soubesse pouco sobre as suas vidas e experiências, pude perceber como estávamos todas atravessadas pela questão da maternidade; por uma maternidade culpada, desamparada e sobrecarregada. Aquela maternidade lá do começo dessa história, que nos enchia de dor.

Essa maternidade, vez e outra, nos colocava juntas em rodas de apoio; nos fazia grupos: grupos de gestantes, como no caso do Roda Gestante; grupos de puérperas, como éramos nas rodas do Ereko - Apoio ao Puerpério²⁰; e grupos de mães que avançavam na longa história da maternagem, feito quando passamos a realizar a Jornada da Maternidade Livre. Não éramos sempre as mesmas mulheres; contudo, a história que nos reunia parecia nos fazer tão semelhantes que eu poderia imaginar que éramos o mesmo grupo sempre.

Encontrávamo-nos na rua, no parquinho, na escola, nas rodas, nos eventos e aniversários. Contávamos nossas histórias – histórias das mulheres que, como a notícia sobre a primeira morte pela Covid-19 no Brasil²¹, passavam de serem contadas, de serem escritas, de serem circuladas:

²⁰ O “Ereko – Apoio ao Puerpério” foi um projeto idealizado e realizado por mim e pela Liliâne Pinheiro, amiga Doula e participante do grupo de leitura, iniciado em 2018. Com ele realizamos parcerias para a realização de rodas de apoio a maternidade e ao pós-parto, e também nossos próprios grupos de apoio; como também alguns cursos e oficinas voltadas para puérperas e mães em outros períodos da maternidade.

²¹ Folha de São Paulo, 12 de março de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/03/ha-dois-anos-morria-a-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil.shtml>).

Um dia antes da morte, a diarista Rosana Urbano tinha saído por volta das 4h da manhã de casa, na cidade de Tiradentes (Zona Leste), e percorrido 25km para ver a mãe, Gertrudes, internada com pneumonia. [...]. Diabética e hipertensa, quando soube que a mãe estava intubada ela passou mal e foi internada no mesmo local. Morreu às 19h15 do dia 12 de março, após uma parada cardiorrespiratória. Gertrudes morreu três dias depois da filha. Rosana deixou três filhos... (CLÁUDIA COLLUCCI, 2022).

Ouvíamos ecoar as histórias nas vidas umas das outras, assim como a história de Rosana Urbano na de Cleonice Gonçalves, empregada doméstica e primeira trabalhadora também vítima de Covid-19 no Estado do Rio de Janeiro. “Cleonice trabalhava desde os 13 anos de idade [...] enfrentando mais de 120km para chegar à casa de seus empregadores no Leblon, Zona Sul do Rio, onde morava durante a semana”; como nos faz saber a organização feminista CAMTRA – Casa da Mulher Trabalhadora²².

“Relembrar para não esquecer”, invoca-nos o título da matéria na qual a história de Cleonice nos conta mais sobre a Covid-19. Ao narrar o que a versão dos números recortes não sabia nos dizer, quase um ano depois, essa história singular alcança a primeira e denuncia condições as quais mulheres negras, periféricas e trabalhadoras domésticas estão expostas, mostrando o que elas sofrem e vinham sofrendo com a pandemia. Faz ecoar um grito de todas: “Nos queremos vivas!” (Site da CAMTRA - Casa da Mulher Trabalhadora, 26 de fevereiro 2021).

Um grito. Ou, desabafos, queixas, reclamações. Assim contávamos as nossas histórias nos grupos e no cotidiano. Esse era o nosso jeito de conversar até então. “Jeito de mulher. Tricô!” - Arbitravam-nos pejorativamente as vozes dominantes na escola, nos consultórios médicos, nas audiências judiciais sobre a guarda das filhas: “Isso é conversa, não existe!”. Por outro lado, em certa medida, aceitávamos, ainda que inquietas e incomodadas, que, para nós mães, existia uma única história, havia apenas um lugar.

Nas leituras de Elisabeth Badinter (2011), Bucchi Emecheta (2018) e Valeska Zanello (2018), que eu vinha fazendo de forma simultânea, começara a conhecer

²² A CAMTRA - Casa da Mulher Trabalhadora começou como uma instituição militante, de mobilização de bases em busca de direitos das mulheres trabalhadoras. Ao longo de sua trajetória, realizou muitas e diversas articulações políticas com presenças sindicais e organizações da sociedade civil e entidades de classe, desde a realização de seminários e cursos à integração em comissões organizadoras, conselhos e conferências municipais no Rio de Janeiro na construção de políticas para as mulheres. A história citada foi acessada em 26 de fevereiro 2021, na página da CAMTRA, link: <https://camtra.org.br/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>

algumas outras narrativas sobre maternidade, e sentia que essas versões a mim “reveladas”, ainda que tempos depois, alcançavam aquela única história em curso, sobre a (minha) maternidade; apontando alguns enganos: “Será o amor materno um instinto, uma tendência feminina inata, ou depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com a época e os costumes?” (BADINTER, 1985, p. 1).

Eu notava que cada uma delas, as autoras, contavam coisas que as outras pareciam não poder contar. Badinter (2011) e Zanello (2018) faziam conversas mais próximas; elas tinham também uma linguagem mais próxima uma da outra, e da minha. Nós, três mulheres brancas ocidentais. Minhas conversas com elas, não apenas apontavam para más ditos das histórias que eu conhecia sobre a minha maternidade, mas também me permitiam recuperar partes não ditas; que, agora, faziam nomear e reparar dores.

Já Buchi Emecheta (2018) me convidava para novas sensibilidades, para novas maneiras de entender a maternidade/maternagem, para o conhecimento (a descoberta) de mais formas de ser mãe; provocando-me deslocamentos com seus jogos de linguagem: ora eu me incomodava com uma maternagem que parecia soterrar Nnu Ego – sua personagem central – ora eu admirava intrigada aquela vontade de ser mãe, aquele cuidar/cuidado espiritual, convicto:

Muitas vezes, a caminho do riacho, tinha vontade de fugir, de ir para qualquer lugar a quilômetros e mais quilômetros de qualquer lugar. Mas sempre desistia [...]. Nunca lhe passou pela cabeça fazer dano a ninguém. Tudo o que queria era uma criança para acalantar e amar. O fato de permitir que aquela criança sugasse tanto o quanto tivesse vontade aliviava seu sofrimento e, quando os dois ficavam satisfeitos, ele se alinhava junto a ela e descansava (EMECHETA, 2018, p. 49).

A novidade desse “fazer com as leituras”, com novas linhas de tempo e lugar, nos carrega para várias considerações. Uma delas diz sobre seu poder de transformação. A leitura proposta, intuo com Michèle Petit (2009), contribuiria para recomposições do que imaginávamos/sabíamos sobre a maternidade e sobre ser mãe: “Não será, porém, chegado o momento de abrir os olhos para as perturbações que contradizem a norma?”, provoca-nos Badinter (1985, p. 18), já no prefácio. E tal como um processo de subjetivação, reconfiguraria/moveria também lugares identitários e as nossas relações de pertencimento (PETIT, 2009).

Outra reflexão que tomamos, diz de um fazer com as autoras/escritoras, como sugiro no fuxico contado no início, ao expressar com as palavras de Elisabeth Badinter

(1985), o que eu esperava experimentar com o grupo de leitura. Essa ação parece reverberar para a Zadú sentidos parecidos com os intencionados por mim, de receber as leituras como histórias e as autoras como narradoras no grupo: “Tanta coisa do que você disse aí, do que ela falou, tanto a Elisabeth como a outra...” - ela se coloca, articulando um diálogo conosco.

Não vamos nos apressar em determinar aqui o que podemos desdobrar com essa composição. Porém, já agora, a breve costura revela que somos mulheres lendo com mulheres sobre mulheres. Assim, a leitura nos trazia novas parceiras, parceiras mulheres, “vozes de dentro”, visto que no nosso grupo as autoras/narradoras são todas mulheres. Ademais, lembra-nos Petit (2009), as leituras oferecem caminhos, de modo que lermos o que mulheres narram sobre a maternidade é conhecer com elas, com suas versões, bifurcações para encontros com outras maternidades. É aprender suas rotas de fuga.

Por outro lado, o levante de narrativas e vozes de autoras feministas na nossa prática grupal de leitura faz burlar aquela lógica predominante que desvalorizava nossos argumentos cotidianos, permitindo experimentarmos mais potência nas nossas vozes, tal como vinha se inscrevendo no meu corpo-mãe. Pois com essas mulheres - as nossas antepassadas e as lutadoras incomuns - as quais se tornam nossas narradoras-exemplo, estamos inscritas como mulheres ou como pessoas que se afirmam feministas. E os feminismos nos ensinam a lutar pelas nossas vozes, pelo direito aos nossos corpos (MARCIA TIBURI, 2021).

Esse foi o chamado à formação daquele novo grupo: ao debate reflexivo sobre a maternidade, sobre as nossas maternidades, que toda mulher – no nosso caso, mulheres mães - estaria convidada a fazer. A nós, sobre os nossos corpos, afirmo junto com Badinter (1985), caberia testemunhar, ouvir e julgar. Era, portanto, um convite a nos experimentarmos deslocadas de lugares convencionados para nossos corpos-mães. *Sim, minha cara*, ouço agora confirmar-me Michèle Petit (2009), a leitura nos convida a sair do lugar.

De modo que, naquele tempo de medos e incertezas, mover linhas, sair do lugar, ainda que isso ameaçasse o nosso conforto, conforme prenunciava Elisabeth Badinter (1985), era a promessa anunciada na minha proposta de passarmos a nos encontrar como um grupo de leituras sobre maternidades, e de forma virtual. Se ler

nos libertaria, eu não sabia; e talvez continuasse, com Débora Diniz²³, sem saber. Mas eu e ela, a antropóloga, já sabíamos que ler vinha nos libertando para imaginar. E embora fosse uma aventura arriscada, como nos alertaria Michèle Petit (2009), estávamos as quatro confiantes.

Aqui faremos uma interrupção para marcar que toda essa configuração da nossa nova prática como um grupo ‘de leitura’ com mães, que nos provoca desde/para um lugar de leitoras, carrega uma proposta a qual prevê que as participantes façam as leituras, e que elas possam ler. Isso aponta para outro aspecto da homogeneidade desse grupo: somos todas mulheres com formação escolar de nível médio a pós-graduação.

Essa similaridade, que nos aproxima como leitoras e talvez para além, importa acompanhar para uma leitura da nossa experiência grupal, bem como para o debate sobre grupos de leitura enquanto prática de cuidado e intervenção com mães. Assim, como tem sido o percurso narrativo dessa pesquisa, não nos privaremos de voltar e nem da condição de recontar histórias que dialoguem com essas questões na oportunidade em que o processo do grupo nos interrogar.

Daqui saltamos para a outra novidade, que estaria no uso exclusivo de espaços online para os nossos encontros e conversações os quais acessamos de dentro de nossas casas, muitas vezes sem nenhuma privacidade; quando o comum era “estarmos em rodas, circulares, almofadas no chão, crianças ao redor; falando sobre nossas vidas”. Assim, refletimos: além de servir à preservação da saúde e segurança da maioria das pessoas, inclusive das que amamos, o que mais produziria para nós o novo formato?

Fiquei a imaginar, com esse encontro, se e como o afastamento social imposto pela pandemia da COVID-19 estaria interrompendo importantes processos psicossociais das mulheres, devido a nossa tradição em gerar conhecimentos, práticas, saberes e ações sociais nos encontros e experiências do cotidiano. Como nós estávamos lidando com as limitações decorrentes do isolamento social, que suspende ritos presenciais de celebração em família e entre amigas, festividades,

²³ Produzi esse pequeno fuxico com a antropóloga Débora Diniz a partir do post <https://www.instagram.com/p/Cq6dPXvl3EI/?igshid=YjNmNGQ3MDY%3D>, no perfil dela no Instagram, o @debora_d_diniz. Mas também, inspirada pelas muitas e longas “conversas nossas” na sala de aula da Banquinha.

rodas de “jogar conversa fora”, onde são criados “jeitos de ser” e fugas para o viver-mulher?

“Dividindo a casa com nossas familiares, e com seus ouvidos”, nossas vozes se tornariam domesticadas? Intriga-me o fuxico, ao pensar junto com Michèle Petit (2009). Ou escapariam, “sem rosto e pelas caixas de chat”, hipertrofiadas pelo alcance dos espaços existenciais interconectados? Anima-me Luciana Kind (2020), convidando-me a vislumbrar a potência das redes e articulações online de mulheres, para além das rodas físicas e dos cotidianos.

Acredito que as duas versões nos servem aqui. Elas nos ajudarão nas problematizações que nos interpelam na passagem de um grupo de leitura às leituras do grupo. Nesse processo, que será aprofundado daqui em diante, temos encontrado uma forma de potência política tal como quando mulheres-redes tomam seus tempos e dispendem suas energias física e psíquica para (re)unirem-se; como se houvesse um lugar-fronteira-nós onde subvertemos práticas instituídas, transgredimos, e geramos vidas.

3.1.2 Nós-leitoras

Seguindo com Michèle Petit (2009), reflito que ler, para nós, seria transpor alguns obstáculos físicos, sociais, culturais e psíquicos à leitura. Para começar, não tínhamos um espaço só nosso para a prática da leitura (e da pesquisa); sequer tínhamos um tempo só nosso para isso, o fuxico marca expressamente essa configuração. Isso me lembra do conflito já denunciado pela Renata, por Banditer (2011) e por Zanello (2018) no começo dessa história: quando a mulher e a mãe estão unificadas numa representação identitária, são delimitadas fronteiras sociais, culturais e psíquicas para as configurações das suas relações e práticas.

Desde esta complexa composição, crivada nas escrituras de uma única história sobre o “ser mãe”, inspiro-me para versões e formas que a proposta apresentada poderia compor para uma nova configuração grupal nossa. Eu, Elisabeth Badinter (1985) e a leitura, sugerimos às convidadas pretendidas ao grupo que a maternidade não é universal; que não há uma única maternidade, existem outras. Essa leitura, então, faz vacilar as linhas que configuram uma certa maternidade/maternagem e indica que há outros lugares além daquele que seria, talvez, um lugar para nós (PETIT, 2009).

Mas a leitura não aponta para onde iríamos: ela abre para outras perspectivas, para outros mundos, mas não garante onde iremos chegar, não nos diz com quem nos encontraremos e nem quem poderemos nos tornar. Ela é um caminhar, é movimento (PETIT, 2009). No nosso caso, ela poderia ser o prelúdio para uma maternidade/maternagem ativa, ou para uma tomada de consciência da nossa contingência, imaginamos com Michèle Petit (2009) e Elisabeth Badinter (1985).

Estas perspectivas que nos aguçariam o desejo, o interesse pelas possibilidades de outras maternidades que a leitura iria nos proporcionar, como expressa a Bárbara; ao mesmo tempo nos provocariam medos associados a esses desejos, revela-nos a Mariama, bastante tocada com a leitura e com o convite a nossa transformação. Acompanhando as reflexões que Michèle Petit (2009) faz ao tocar a complexidade das experiências de leitura para as mulheres - especialmente as mães - da França, sou convocada a perceber o nosso grupo de leitura como uma experiência de/com mulheres mães. Assim, acrescento para a nossa discussão aqui, que fazer o movimento para a leitura e para nos tornarmos leitoras era também um ato de transgressão a diversos interditos; e que os ultrapassar mobilizaria uma trama individual-social de medos, de perspectivas e de poderes (PETIT, 2009).

Dos interditos citados pela autora, o do lazer “inútil”, é evocado no fuxico do reencontro pela simultaneidade de tarefas funcionais que estamos realizando, enquanto buscamos nos entregar à “roda de conversa”. Isso me fez lembrar de um episódio narrado pela Bia numa de nossas rodas de puerpério. Em sua estreia - sua primeira participação em rodas de maternidade -, ela nos contava que ao sair de casa, toda arrumada, com a bebê no colo, o esposo lhe perguntara:

- Vai fazer o quê nessa roda de mães?
- Vou conhecer gente nova! Ela respondeu, em tom irreverente.

Aquilo me tocou tão forte à época, me pareceu tão subversivo que eu criei um quadrinho, pedi a uma amiga para fazer um design pois eu queria postar no Instagram do Ereko. Hoje, isso me (re)toma para fazer pensar, junto com o fuxico sobre o nosso primeiro encontro e com Petit (2009), como algumas atividades parecem não nos caber quando somos mães, como não encontramos lugares para atividades “inúteis” como a leitura e reuniões em rodas com outras mães. Ou, como essas atividades só nos cabem se as conciliarmos com “o bebê no colo mamando, resolvendo as coisas da pia na cozinha”; funções estas que nos identificavam, e até mesmo nos aproximavam, como mães.

Lendo, as mulheres escapam do lugar prescrito; formulava um homem branco francês da história antiga (PETIT, 2009). Expondo tais crenças misóginas, ao falar sobre o temor que se espalhava no campo pela ideia de que os livros desviariam as mulheres do mundo doméstico no qual se pretendiam as/nos confinar, Michèle Petit nos ajuda a pensar que controlar o nosso fazer – os nossos deslocamentos cotidianos – e as nossas leituras de mundo, “é provavelmente uma única e mesma coisa” (2009, p. 115).

Aguçada pelo fuxico, e percebendo-nos soterradas de a-fazeres domésticos, fiquei a refletir como teríamos conseguido escapar, para ler. E escapamos. Desafiamos a ideia segundo a qual nos restringir aos cuidados úteis da casa, do privado, do cotidiano, faria necessariamente restringir nossas ideias; pois as leituras que libertam as ideias são as que encontram com o desejo (PETIT, 2009). E a proposta apresentada ia na direção do nosso desejo. Nela, como declara a Zadú, conseguíamos nos reconhecer: “... é inquietante, né, ouvir tanta coisa, e saber quantas coisas são postas pra gente, e a forma como elas são postas”.

Apropriando-nos dos nossos pedaços de tempo e daqueles fragmentos de leitura, fragmentos de conhecimento, sentindo o desejo de algo diferente, e imaginando que ler seria, talvez, uma atividade que também nos cabia, me reaproximo do fuxico para especular o que nos aconteceu quando, nós mulheres mães, entregamo-nos a leituras feministas sobre maternidades.

A leitura, nesse caso, apresenta-nos um de seus riscos. Ela talvez nos afastaria do grupo social hegemônico, o “ser mãe” da única história, e dos nossos contextos e relações próximas e afetivas, empurrando-nos para novas sociabilidades e outras maneiras de convívio. De modo que, como testemunha Michèle Petit, “para se entregar à leitura é necessário deixar o grupo sempre na ponta dos pés” (2009, p. 106).

Ou melhor, para aceitar o convite à leitura - e mais, a uma leitura que nos abriria “os olhos para as perturbações que contradizem à norma” da nossa maternidade, como nos alertava Elisabeth Badinter (1985), o que pressupõe entrarmos em conflito com os modos de vida e valores do nosso grupo, acrescenta Michèle Petit (2009), era preciso checar se o grupo estaria junto nessa, se poderíamos continuar juntas nessa história: “Eu não sei se todo mundo sentiu...”, convoca-nos a Zadú, enquanto mulheres mães, para compartilharmos do que ela estava sentido com aquela proposta.

Daí, ainda que estivéssemos ansiosas para encontrar uma maternidade que nos coubesse, ainda que corrêsemos animadas para garantir uma vaga no novo grupo, como expressam a Bárbara, a Luiza e outras mulheres presentes naquele encontro, havia lugares-comuns dos quais era difícil nos libertarmos; ou dos quais não queríamos nos libertar.

Se, por um lado, parecia-nos pertinente, diz a Juliana - e quem sabe necessário, eu comungo - incomodar uma certa ideia de maternidade, cutucando aquela mãe que parecíamos juntas habitar, apertando-nos para caber desde que nos entendíamos como mulheres no mundo. Por outro, a gente pensava também nas mães que poderiam estar juntas ouvindo aquela história, recebendo aquele convite, ela nos lembra.

Pois essa multidão de mulheres são redes que nos colocam em aprendizagem, cumplicidade e cuidado com as mais velhas e, o mesmo tempo, com as mais jovens. Colocam-nos em comunicação, em conexão, ainda que não saibamos de onde vêm as vozes, “se estão próximas ou mais distantes; se no canto da sala, se sentada bem ali ao meu lado”, ou do outro lado do globo (KIND, 2020). Então, como seguir para outro lugar sem as trair? Como superar a ambivalência em mover ou não as linhas? Confabulo com Michèle Petit (2009).

De um lado ou do outro, ler poderia se tornar arriscado para os nossos laços, os nossos vínculos, as nossas performances como mulheres e mães. “Ler e sair do lugar é aventura complexa” (PETIT, 2009, p. 121). Mover-se para outro lugar é uma dança de saber-e-não-saber, querer-e-não-querer, de poder-e-não-poder; como nos diz a Mariama, que não sabia se queria e se poderia dar conta dos sentimentos fortes que estavam vindo com aqueles trechos da leitura. Com essa fala ela nos toca para considerar outro importante processo, o da interioridade com a leitura.

Michèle Petit (2009, p. 103) propõe que “a leitura é como uma chave para transformações”, é um profundo mergulho para dentro de si; assim como prenuncio: “Eu acredito que essa leitura não será apenas uma leitura em nossas vidas. Acredito que irá mexer conosco”. Também convencida disto, a Mariama pondera: “Então, realmente, eu acho que vou ler o primeiro capítulo e ver se eu dou conta disso tudo. Acho que só vou conseguir me inscrever depois que eu ler o primeiro capítulo e sentir se eu vou conseguir digerir, junto com tudo que tá vindo”.

No que me diz respeito, e no pesquisar, inscrever-me nessa pesquisa-intervenção feminista foi um processo semelhante de aproximação, de espiar mais de

perto, de ler (e de escrever) aos poucos para ir digerindo. Para esse “caminhar mútuo por processos mutantes” (PAULON, 2005, p. 21), busquei auxílio nos afetos, e descobri a “análise de implicação” como apoio. Ela me ofereceu a sustentação para me entregar numa pesquisa-intervenção em que é ela mesma o momento de produção de tudo, ao mesmo tempo: produção teórica (inclusive, desta escrita), produção das questões, e produção daquela que conhece.

Como aconteceu quando a Mariama me disse, em uma das leituras que fez deste texto, especificamente da sessão “A implicação como lugar de cuidado”. Leitura a qual ela realizou toda de uma só vez (coisa rara a ela, para o tamanho do texto), “pois estava gostoso de ler”; ela me conta. E continua; auxiliando-me a pensar a história que estava sendo escrita da forma como estava sendo feita:

Ainda que eu não entenda muito de escrita acadêmica e nem de teorias da psicologia, sobre o cuidado partilhado das vivências, sinto o movimento que você descreve [...]. Percebo reverberar o que foi aprendido junto lendo o texto, a experiência de escutar e o cuidado umas com as outras na escuta [...]. Em vários momentos, e por situações diferentes, estes cuidados aconteceram e estão acontecendo (Mariama, meu WhatsApp, 7 de março de 2023).

Com essa metodologia em que admito ser objetivada por aquilo que pretendia objetivar, conforme me propôs Simone Paulon (2005) e eu aceitei naquela sessão, agora analisada pela Mariama, fui me movendo da experiência com o grupo de leitura Maternando-se para uma leitura única dessa experiência e desse grupo. Não a única leitura, as pesquisadoras e autoras feministas me lembram, pois é importante insistir. Mas uma versão entre tantas outras possíveis; pois essa leitura está atravessada pelo meu corpo, em diferentes localizações, assim como o ato de ler o atravessa.

É, portanto, a minha leitura, a minha escrita, a minha versão. Não sozinha, mas povoada pelas versões e vozes de outras mulheres. “Já que é produzida, também, por subjetividades plurais em permanente conflito que engendram modos inusitados de subjetivação”, como me lembra Simone Paulon (2005, p. 22), ousa na invenção de uma escrita que deseja unir nossas vozes sem pretensão de realizar uma síntese integradora. É o que venho tentando performar neste texto e que nomeei lá na nossa primeira conversa como uma dororidade discursiva.

Portanto, meu argumento metodológico, no produzir e no escrever, diz de uma localização também como leitora e narradora, ou contadora de histórias: a fuxiqueira. Foi desde um “nós-leitoras”, com seus processos parciais de subjetivações, que foram produzidas as análises e os saberes nesta dissertação. Foi desde onde ‘lemos a

experiência', nos afetamos, nos remexemos e nos transformamos com ela; e voltamos para a reler de forma discursiva e imaginativa. Foi desde esse movimento que criamos e apontamos bifurcações para as psicologias – qualquer uma que queira - escolherem entrar ou não, e seguirem conhecendo.

3.2 Leituras, “remeximentos” e caminhos

Eram passados alguns dias desde a criação do nosso espaço no WhatsApp. O grupo ainda estava quieto, como um recém-nascido. Tinham sido trocadas apenas mensagens pontuais sobre experiências com a leitura digital, dúvidas de como fazer marcações, e que tipos de dispositivos poderiam nos ajudar. Para a maioria de nós, era estranho ler dessa maneira, ou nunca tínhamos feito antes. Tal como puérperas, tateávamos a nova experiência buscando saber como aquilo poderia seguir.

Já às vésperas do nosso encontro online síncrono para discussão sobre o primeiro capítulo do livro de Elisabeth Badinter, a Zadú surgiu esvoaçada, e acordou o grupo:

- Bom dia queridas! Estou lendo e fiz uma pausa pra vir aqui falar com vocês um pensamento que me veio durante a leitura, que foi ‘nossa, que bom que tem outras mulheres lendo isso junto comigo, vou poder comentar as coisas que me inquietam sem ser vista como anormal’. Que estudo fantástico! Quantos caminhos e ‘remeximentos’ nos causam essa leitura.

A Leka, dizendo que ainda nem tinha saído do prefácio e já estava revirada, confirmou a declaração da Zadú. Assim, remexidas e desassossegadas, fomos acompanhadas por aquela leitura nas semanas seguintes até o nosso terceiro encontro. Então reunidas, a certa altura do capítulo quando Badinter (1985) nos falava sobre a concessão de alguns direitos às mulheres as quais estariam atrelados ao matrimônio e fazíamos uma discussão sobre como elas ficavam vulneráveis fora do casamento, a leitura pinçou uma lembrança na Leka. Ela nos contou que na sua vivência com a maternidade solo sempre teve a sensação de estar exposta:

- Eu sou mãe solo desde sempre, desde o meu primeiro filho, sempre tive a sensação de ser malvista, sabe. Principalmente quando eu chegava em rodas de casais. As mulheres me olhavam torto, não tinham amizade comigo. E eu tratava os homens com o maior respeito, porque eu tinha medo de ser malvista por elas.

E, após uma breve pausa reflexiva, continuou:

- Por outro lado, esses dias eu tava pensando nisso... Como eu ouvi várias vezes que a culpa dos meus relacionamentos, de eu não casar, era minha. Porque a minha postura fazia com que os homens não quisessem casar comigo. Ouvi isso diversas vezes, e me culpava muito.

A leitura nos revirava. Agora era Leka aquela mulher vulnerável da história que nos contava Elisabeth Badinter. Para ela, aquelas coisas lidas eram muito reais pois já tinha vivido tudo aquilo e se culpado muito por isso. Examinando suas memórias, ela relatou como performava e se calava para tentar ser a pessoa certa, e poder se casar. Agora, ela não se culpava mais; afirmava nos contando que vinha sendo uma descoberta tudo o que vinha re-conhecendo com os estudos e que nunca esteve tão bem na atual condição, de estar solteira e estar realmente feliz.

Reflexiva com essa partilha, comentei sobre um curso da pesquisadora feminista Valeska Zanello sobre dispositivo amoroso²⁴, que eu havia assistido no YouTube²⁵. Expliquei sucintamente o conceito cunhado pela pesquisadora. E o tema do “relacionamento amoroso” tomou a discussão. Ele já vinha aparecendo em nossas conversas, e Zanello (2018) entrou na prosa junto com ele. O desejo de trazer ela para nossa roda já havia sido expresso: “Agora depois a senhora trate de organizar um grupo do livro dela”; provocara-me a Leka no WhatsApp aquela mesma semana.

Se haveria outros grupos, não era certo. Mas que faríamos mais leituras, àquela altura já era inspirado; pois vinha sendo muito libertador, conforme testemunhava a Renata: As coisas que leio e ouço aqui me fazem pensar bastante e me ajudam a construir uma nova percepção. Assim também afetava outras de nós: “A pessoa vai estudando e mudando o olhar, depois de ver as lives da Valeska não pude deixar de perceber o que ela debate tanto”, relatava a Leka, compartilhando no WhatsApp o link

²⁴ Dispositivo amoroso é um conceito cunhado pela pesquisadora Valeska Zanello (2018) para explicar que ser amada por um homem é um dos caminhos privilegiados de subjetivação e reconhecimento para as mulheres brasileiras. Para a Zanello, nós mulheres somos subjetivadas a partir do olhar de um homem que nos valida ou não. Percebemos e avaliamos a nós mesmas mediadas pelo olhar de um homem. Sendo assim interpeladas nossas suas relações conosco mesmas, em nossas emocionalidades e performances, aprendemos que precisamos ser escolhidas por um homem e nos casar.

²⁵ Módulo I do curso Saúde Mental e Gênero: [https://www.youtube.com/watch?v=6FJITLhet_U&ab_channel=Sa%C3%BAdedeMental%26G%C3%AAnero](https://www.youtube.com/watch?v=6FJITLhet_U&ab_channel=Sa%C3%BAdedeMental%26G%C3%AAnero;); Módulo II do curso Saúde Mental e Gênero: https://www.youtube.com/watch?v=nSTTP7ftzKc&ab_channel=Sa%C3%BAdedeMental%26G%C3%AAnero.

de um filme que a levou a examinar os dispositivos amorosos, dos quais tratava a Valeska Zanello no curso que eu havia referido.

Nesse movimento, temas e materiais foram variando; posts, vídeos, filmes e lives circularam. Nomes e rostos de novas autoras apareceram, como anunciando que em breve também poderiam nos acompanhar: “Meu filho tá lendo o da Angela Davis, vou ler depois”, partilha-nos a Leka. E assim, tudo que nos remexeu, nos provocou, e nos chamou a refletir, gerando nossas conversas, foi se tornando leitura. Tudo aquilo ia nos ajudando a contar nossas histórias. Como já havia nos dito a Leka, essa experiência vinha sendo fortalecedora, pois todo o conteúdo que chegava, cada mulher ou livro que a gente conhecia era como se fosse (re)construindo caminhos para nós.

3.2.1 Reler-nos

Se por um lado, no primeiro encontro do grupo Maternando-se, narrado na sessão anterior, a Mariama nos revelara o receio dos remeximentos que a leitura poderia nos provocar; ler com mulheres nos trazia segurança, informa-nos a Zadú semanas depois, já anunciando alguns caminhos para a nossa arriscada experiência.

Quando no prefácio do livro Badinter (1985) afirma a contingência, impermanência e imperfeição do amor materno no curso da história das mulheres, fazendo desconfiar das análises patológicas construídas para toda aquela que fosse exceção à norma da “boa maternidade”, parece mover um medo que atava nossas línguas, como expressara a Zadú no fuxico: “nossa, que bom que tem outras mulheres lendo isso junto comigo, vou poder comentar as coisas que me inquietam sem ser vista como anormal”.

Ao expressar seu medo de ser julgada anormal por se inquietar com o que lhe incomodava na maternidade e com a nova leitura – e com razão, afinal a linguagem não é um mero instrumento, é antes a construção de nós mesmas enquanto sujeitas - Zadú recupera da minha memória um episódio que me espantara anos atrás, lá no meu angustiante e solitário puerpério (PETIT, 2009).

Certo dia, em meados de 2015, eu postara no Facebook: “Eu amo a minha filha, mas odeio ser mãe”. Aquilo repercutiu em várias mensagens no meu feed e algumas diretamente no meu celular, de pessoas próximas (e outras nem tanto), perguntando-me se eu estava bem, se não seria o caso de consultar uma profissional pois quem

sabe eu não estaria com depressão etc. Lembro de ter ficado muito confusa e aborrecida com aquilo, lembro de ter me sentido ainda mais sozinha, de ter me sentido julgada. Aquilo me parecia um enorme mal-entendido, e ressoava-me também como uma advertência ou um conselho, que eu me revirava para compreender: “A gente não deve falar sobre isso?”.

Tempos depois, com as leituras feministas que antecederam a experiência com o grupo Maternando-se e, que me moveram para ela, pude reler esse episódio, compreendendo os movimentos de julgamentos que sofri. Eu não devia mesmo falar sobre as contradições inerentes à própria maternidade, ou me arriscaria a ser classificada em um processo de patologização das experiências das mulheres mães por meio do fenômeno da psiquiatrização e do psicologismo que marcaram, e marcam ainda hoje, a história da maternidade e do nosso ser mães (ZANELLO, 2018).

Naquelas re-leituras, tomei fôlego e tônus para minha voz antes emudecida. Desde uma perspectiva de (não) silenciamento dos afetos negativos da maternidade, acompanhada por Valeska Zanello (2018), eu me desloquei daquela confusão paralisante para uma narrativa de acolhimento e afirmação das (minhas) ambiguidades e conflitos naquele momento da vida e do contexto da (minha) maternagem. Eu me desloquei também de uma psicologia perinatal neutra para uma prática feminista, como já contei antes.

De modo semelhante, ler em grupo produzia muitos remeximentos para nós. Remexiam as nossas emoções, remexiam os nossos lugares como mulheres, como mães e até como meninas. Leka, compartilhando no WhatsApp um vídeo²⁶ da coletânea “A revolução das princesas” que havia comprado para a sua filha de sete anos, relata-nos: “Eu leio essas histórias [para a minha filha] e me dá uma alegria... É engraçado como nossa criança tá dentro de nós mesmas, cada história, cada conto que leio pra ela, me fortalece mais um pouco” (Leka, WhatsApp do grupo, dia 23 de maio de 2020).

Os livros e as leituras fazem recuperarmos lembranças perdidas. É como encontrar também uma referência, um caminho (PETIT, 2009). Nessa nova experiência de leitura com a filha, Leka experimenta alegria e revolta, pois se tivesse lido essas histórias quando criança (ela imagina) teria se empoderado mais. Ela vislumbra um rastro, um caminho da sua vida. Quando a leitura da coletânea sobre

²⁶ Link do vídeo “A revolução da Rapunzel”, compartilhado pela Leka: <https://youtu.be/I8moHegmHaM>

princesas põe em jogo a referência que ela tem de si mesma, surge uma questão: se tivesse lido aquilo antes, teria sido ela dona do seu destino, da sua história?

Eu acreditava que sim. E era também por isso que me investia nessa experiência. Então eu reagia à lamentação da Leka, reafirmando que quem tem as suas histórias nas mãos, a qualquer tempo, tem o poder de se reconstruir:

- A vida adulta também merece cuidado e investimento de crescimento, Leka (sei que você percebe isso). Acredito que é tão valioso primarmos e zelarmos pelo nosso empoderamento quanto pensamos em fazer com nossas filhas. Ainda temos muito a aprender! Temos muitas crianças pulsantes de vida dentro de nós! Eu escrevia, reagindo ao lamento dela.

- Menina, é verdade! Ela respondeu aliviada.

Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria existência, à própria vida; para dar voz ao seu sofrimento, dar formas aos seus desejos e sonhos (PETIT, 2009, p. 72).

Não sabia eu que Michèle Petit (2009) concordava conosco. Poder pensar a própria vida e maternidade com a ajuda de livros como fazíamos àquela altura do nosso materno, seria, inclusive, “um direito elementar, uma questão de dignidade” (p. 78). Validando a potência de conhecermos releituras e testemunhos que tocam de modo mais profundo e humano as nossas experiências maternas, mesmo depois de já termos nos tornado mães, a antropóloga afirma que os livros são importantes “em todos os momentos da vida em que devemos nos reconstruir” (PETIT, 2009, p. 78).

As novas leituras, costuradas com as nossas histórias que haviam sido reduzidas desde meninas para caber numa única narrativa patriarcal, realça como era difícil falar das emoções e dos deslocamentos que fazíamos ou queríamos fazer na vida e na maternidade. E agora, a experiência com cada mulher ou livro que a gente conhecia nos fortalecia, era como se fosse reconstruindo caminhos para nós, testemunhou a Leka no fuxico.

De modo que fazer essas conversas entre mulheres, e acompanhadas por autoras mulheres, fazia diferença para deixarmos nossas vozes saírem, interferia no como e quando elas saíam:

Pra mim, na verdade, remexe tanto que acabo falando muito em outras áreas. Eu acabo falando nos espaços onde eu encontro, que são quando tem homens. Eu trabalho com muitos homens, e sempre que tem algum momento que alguém fala alguma coisa aí eu cito, “mas é porque vocês não sabem, né. Porque antigamente...” aí muito do livro me vem, porque muita coisa eu não sabia. Não é à toa que quando você lê vai ficando espantada, indignada.

[...]. É muito dessas falas que os meninos todos, todos os homens e todo mundo tem. Aí eu acabo falando nessa questão do livro, dos estudos com mulheres (Zadú, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

Esta declaração é feita por Zadú entre partilhas disparadas pela minha curiosidade em saber como estava sendo o processo com as leituras no dia a dia delas. A leitura estava nos proporcionando acesso ao saber, a conhecimentos que moviam as linhas do nosso viver, afetando nossas relações sociais, familiares e de poder (PETIT, 2009).

Para a Leka, aquele capítulo estava muito interessante:

Na verdade eu tô cada vez mais absorvida por esse estudo [...]. Muito bom pra analisarmos a maternidade, paternidade, renúncias, modelos... Minhas argumentações até com os pais das meninas estão cada vez mais firmes e seguras, e só isso já me dá mais leveza (Leka, WhatsApp do grupo, dia 22 de julho de 2020).

Ela contou também, trazendo uma live da Valeska Zanello, que vinha observando como os homens sempre geriram nossos desejos, e como isso repercutia nas nossas maternidades e sofrimentos:

Ela [a autora locutora] diz que a psicologia feita pra mulher, a psiquiatria, tudo que é feito pra mulher foi feito da visão de um homem. Agora é que surgem estudos de mulheres feitos sobre mulheres. Daí a gente vê o quanto é importante a gente ir se inserindo cada vez mais nesses ambientes, pra ir dando luz de que não é assim, não é do jeito que você tá falando, como é que você vai falar sobre mim? (Leka, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

De modo que as aproximações com as obras de autoras mulheres, feministas, vão desenhando o gênero como um mediador das nossas leituras e processos no grupo. Não apenas a-firmamos nossas vozes e argumentações. Semelhante ao processo descrito por Gabriela Pacheco (2019) com a experiência do projeto “Leia mulheres”, passamos também a atentar para a (não) presença feminina – a das nossas vozes - em lugares de saber sobre nós, de produção de conhecimento sobre nós e de promoção de políticas para nós.

Esse processo aconteceu com um texto de Badinter (1985) que havia gerado uma discussão sobre amamentação e sobre a campanha engajada na Semana Mundial do Aleitamento Materno²⁷. Estávamos chocadas com a primeira frase que

²⁷ “A história da Semana Mundial de Aleitamento Materno teve início em 1990, num encontro da Organização Mundial de Saúde com a UNICEF, momento em que foi gerado um documento conhecido como “Declaração de Innocenti”. Para cumprir os compromissos assumidos pelos países após a assinatura deste documento, em 1991 foi fundada a Aliança Mundial de Ação Pró-Amamentação (WABA, sigla em inglês). Em 1992, a WABA criou a Semana Mundial de Aleitamento Materno e, todos os anos, define um tema a ser explorado e lança materiais que são traduzidos em 14 idiomas com a

acompanhava o *slogan* oficial da campanha em 2020: “Cada vez que uma mãe oferece a seu filho o leite de vaca industrializado ela não imagina como está prejudicando a saúde não só do seu bebê como também do nosso planeta”, a Flor lê em voz alta (Flor, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

Naquele exaltado debate, todas presentes se declaravam favoráveis ao aleitamento materno, mas como tantas vezes havia sido impossível manifestarmos nossos descontentamentos, dores e revoltas com esse tipo de abordagem que agora, novamente, nos entalava: “É impositivo e como condena a que não faz. E isso tem sido passado pra tantas mulheres que acreditam que tem que ser dessa forma, e quando não conseguem se sentem uma mãe ruim”, desabafou a Zadú (Zadú, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

Aquela abordagem que fazia junto um apelo ao mito do amor materno, segundo o qual “quem ama amamenta”, desenhara por muitos anos na vida da Leka contornos de uma mãe anormal, adoecida:

Eu me achava doente, defeituosa, porque [a maternidade] nunca me completou. Nunca. Faltava outras coisas e eu não sabia o quê. Hoje eu tenho consciência. Mas por quanto tempo eu me senti mal porque eu não tinha esse sentimento assim tão como todo mundo diz, que isso vai suprir tudo na nossa vida (Leka, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

Flor, por sua vez, indagava se teria feito suas próprias escolhas:

A gente vai sendo bombardeada por esse discurso do amor materno que é maravilhoso, que tudo vai ser lindo. [...]. Hoje eu sei que eu poderia ter escolhido não querer amamentar. Não sei se eu teria feito isso, mas eu nunca cogitei não amamentar se eu pudesse amamentar (Flor, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

Então, Leka nos fez uma provocação:

- Eu fui observar de novo o texto da Campanha e vi que quem escreveu foi um homem. É muito importante a gente observar isso.

É importante! Corrobora Gabriela Pacheco (2019), visto que o “deslocamento da voz da mulher transforma o seu retrato em uma miragem, distorcendo e eclipsando suas histórias, suas realidades e suas vontades próprias” (p. 201). Assim como a Zadú nos permite perceber, confrontando a ideia de maternidade desenhada por um homem para aquela Campanha:

Como se só isso [o amor] bastasse, né. “Mas é um amor tão grande...” Eu tava agora aqui olhando a Flor, e lembrando de mim. A Flor amamentando agora aí com o filho no colo e coçando o olho, cansada... E se esforçando para ter o momento dela aqui com a gente, mas eu tenho certeza que só o amor e o afeto do filho, que a gente sabe, minha gente, que não é pequeno, mas que não é só disso que a gente vive (Zadú, encontro online, dia 02 de agosto de 2020).

Mirando a imagem materna que aparece quando a narrativa da Zadú desloca da cena as vozes daqueles homens - o pensamento hegemônico -, vemos o processo de criação de narrativas que se articulam e se entrelaçam fora do cânone do saber/poder masculino, cis, hétero e branco (GABRIELA PACHECO, 2019); produzindo e instaurando verdades de nós mesmas sobre nós mesmas: “É muito peso colocar isso pra cima da gente. Essa culpa”, declara a Leka contrapondo a chamada da Campanha.

A leitura feminista no grupo,

representa a tomada de voz por essas mulheres escritoras e por essas mulheres leitoras que conseguem trazer à luz discursos minoritários e criar vários paralelos entre os livros que leem e suas próprias vidas, fazendo com que o gênero seja um elo nas mediações propiciadas pela leitura e pela instância de sociabilidade” (PACHECO, 2019, p. 202).

Assim, os próprios encontros facilitados pelo grupo Maternando-se, com suas trocas de vivências, espaços de conversas e as discussões sobre as leituras são processos do grupo de leitura que vão constituindo essa experiência com um viés de gênero.

E isso à primeira vista nos animava. Ora, talvez não houvéssemos encontrado ainda palavras (das mulheres) que permitissem dizer o que vivíamos nas nossas experiências maternas. Palavras que nos permitissem sentir a liberdade de construir outras percepções, como declara a Renata sobre a ajuda que as novas leituras lhe ofereciam. Obras inteiras, ou algumas páginas; fragmentos recolhidos aqui e ali, que nos encorajassem a recompor nossa maneira de pensar e dizer as coisas. Às vezes, apoia-nos Michèle Petit (2009, p. 77), “uma única frase que impele aquilo que estava imobilizado em uma imagem”:

- Vou sair outra mulher dessa quarentena! Entoou a Flor, esperançosa com as leituras.

Eu queria só me alegrar com a Flor e assim encerrar esta sessão. Queria muito! Não que eu não me alegre; não que essa parte da história não me faça imaginar um mundo sonhado. A perspectiva de gênero vivida e sentida por estar com mulheres nos

fortalecendo umas às outras de fato fazia meus pés saírem do chão. Mas, desde que um pensamento feminista foi se formando em mim, tornando-se consciência feminista, aguçou-me também a atenção e a escuta.

Considerar que não só a leitura, mas também o gênero se torna recurso de mediação no grupo, faz reaparecer e complexificar uma particularidade que havíamos guardado lá atrás, na sessão “Nós-leitoras”: quem somos essas mulheres que leem? Quem são essas mulheres que são lidas? E quem são essas mulheres sobre as quais lemos? Isso me conecta novamente com o episódio em que a Thaylane nos interpelara na sessão “O caminhar vulnerável como lugar de potência”, para observar como as leituras que fazíamos da sobrecarga materna em meio à pandemia pareciam não dizer sobre ela, sobre o que ela estava vivendo com o fechamento das creches e impossibilidade de trabalhar.

Então, quando Gabriela Pacheco (2019) chega junto nessa releitura do grupo, escuto recompor com ela a voz da Thaylane e de muitas outras mulheres, me lembrando que as nossas críticas de pensadoras brancas sobre as questões das mulheres – no nosso caso, da maternidade - “muitas vezes, são vistas à curta distância, enunciando situações que dizem respeito a si mesmas” (2019, p. 201).

Ansiando por versões que ofereçam abrigos, humanidade, dignidade, força e segurança para outras mulheres, inquieto-me: A que distância leio as questões do viver das mães? De que forma chego até as leituras e sigo com elas para o grupo, e no curso do grupo? O contato com histórias mais distantes faz/faria improvisarmos movimentos alongados dos nossos corpos e do grupo?

Com as leituras podemos fazer tais movimentos. Não apenas com elas, há outras práticas culturais que nos permitem conjugar relações de aproximação. Mas com a leitura, com seus jogos de língua que instauram outros lugares e outros tempos (PETIT, 2009). Descobrimos nas experiências com o grupo Maternando-se e com esta pesquisa, o quanto podemos estar mais próximas das outras mulheres, e das outras pessoas. E notamos como isso é extremamente importante, pois nem sempre podemos conhecer suas histórias contadas ao pé do ouvido.

3.2.2 Leitura com

Somos carregadas para esse tópico com a provocação que o fuxico recente nos faz sobre gênero e talvez nem demos conta das reverberações dessa interpelação

aqui nesse espaço, e nesse tempo. No momento, retomaremos daqui: gênero, que era um viés, um olhar para a elaboração de uma proposta de grupo de leitura, passa a ser também um mediador no grupo, interferindo concretamente no processo dele: o que e como lemos, com quem lemos, sobre o que/quem lemos.

Como já declarado nesta dissertação, o movimento para realização de um grupo de leitura com mães sobre maternidade vinha dos meus estudos recentes sobre saúde mental e gênero com foco nas temáticas do “ser mãe” e da maternidade; os quais eu percorria a partir de algumas perspectivas filosóficas, históricas e clínicas que eu começava a conhecer com autoras feministas. E antes, das transformações vividas com aquelas leituras e autoras.

Do meu primeiro encontro inspirador com a psicóloga e pesquisadora Valeska Zanello²⁸, surgiu o impulso para o projeto. Sendo, dessa forma, construído no atravessamento por uma perspectiva feminista estratégica de gênero binário a qual considera a existência de uma lógica predominante - apoiada no sexo biológico - que cria e mantém uma ideia de essencialidade sobre o ser mulher. Essa ideia, ensinava-me aquela autora, discrimina as mulheres e as empurra para determinados lugares sociais identitários; sendo a maternidade um deles (ZANELLO, 2018).

A tal maternidade inscrita no meu corpo-mãe. Falamos de uma maternidade desdobrada de uma determinada mulheridade, e feita para ela. Uma concepção de mulheridade segundo a qual para a mulher ser completa, ou seja, para ser chancelada como mulher, ela precisaria ser mãe (ZANELLO, 2018). Essa era a minha mulheridade brasileira, branca, cishetero e de classe econômica-social média e trabalhadora, tal como a pesquisadora inscreve em seu recorte de estudo. Não à toa tenham sido ela, Badinter, e outras feministas brancas ocidentais que nomearam a minha dor, as primeiras autoras que eu apresentei às mulheres do grupo de leitura.

Elisabeth Badinter (2011) era um dos mais significativos encontros provocadores das transformações que eu vinha vivenciando. Conversar com ela nas minhas leituras sobre maternidades me afetava de tal modo que eu queria que outras mães a conhecessem. Assim, quando a apresento como uma mulher e mãe feminista

²⁸ Os encontros aos quais me refiro foram as lives que aconteceram no perfil @zanellovaeska. Destaco duas delas como referência para mim: “Psicoterapia feminista no Brasil: construindo a partir dos dispositivos”, com a participação da pesquisadora Érica Nunes; e “A importância da perspectiva de gênero para os profissionais de saúde”, com a convidada Isabela Castelli.

naquele momento de formação do grupo de leitura, imaginando que ofereço a ela um lugar para ocupar a roda conosco, fico a vislumbrar que as demais participantes teriam com ela conversas potentes como as que eu tinha.

Antes de iniciar na experiência com o grupo Maternando-se, eu imaginava que as leituras no grupo mexeriam conosco, com as nossas subjetividades maternas, com as nossas práticas nas maternidades. Eu até imaginava que nessa prática fossem compartilhados outros materiais, opiniões sobre o livro, sobre os textos circulados, e sobre as nossas vidas, fazendo paralelos com as obras; de modo que faço essa elaboração na proposta formal para o grupo. Contudo, nos revisitando com a pesquisa, surpreende-me como elas vão além. Nossa prática e as leituras mesmas remexem o próprio processo do grupo em suas possibilidades e potencialidades com elas.

Gabriela Pacheco (2019) nos ajuda adentrar na compreensão desse movimento quando conta que “a dinâmica do clube de leitura pode alterar as impressões previamente construídas e desviar a conversa para lados imprevisíveis” (p. 197). Pois bem, para abordar isso agora, querida leitora, vou voltar um pouco no trecho narrativo do momento da composição do grupo, com o qual iniciamos esse capítulo.

Tocada pela saliência do meu corpo-mãe na mensagem do convite, reflito sobre como as histórias que me atravessavam, produzindo minhas experiências maternas, teriam influenciado minhas ideias e escolhas para a elaboração da proposta para o grupo de leitura. Percebo que a leitura oferecida de partida foi um livro da mesma autora cuja obra “O conflito: a mulher e a mãe”, vinha me ajudando a nomear e ressignificar minhas vivências com a maternidade. Daquele lugar, eu penso e defino sobre o que vamos ler, de que forma e (com) quem.

Leríamos sobre maternidades, e caminharíamos principalmente com Elisabeth Badinter (1985) durante o primeiro ano do grupo. Mas também poderíamos propor outras leituras, desde que fossem feministas. Era o que estava previsto. Mas a prática da leitura não se domina, já sabia Michèle Petit (2009). E é o que nos mostra o fuxico, quando a Leka e o trecho do livro de Badinter (1985) se encontram. Quando a autora aponta para a vulnerabilidade das mulheres que estavam fora do casamento no século XII, ela se identifica; pois se sentia exposta e vulnerável aos olhares das mulheres casadas nas rodas de casais as quais frequentava como mulher solteira.

Se, por um lado, na leitura “os leitores digerem a história, destacam as partes mais importantes, levantam questões sobre assuntos que os tocam, interpretam de acordo com sua bagagem individual e criam significados” (PACHECO, 2019, p. 195), assim como eu vinha fazendo com as minhas leituras pessoais e individuais sobre maternidades, por outra via, ela pinça nossas lembranças, tal como aconteceu com a Leka naquele momento.

Ela se vê representada nas histórias daquelas mulheres, ainda que não compartilhem “da mesma geração, cultura ou localização geográfica”. Mas que encontram, por mais diferenças que existissem, “algum ponto em comum referente à experiência de gênero em sociedades patriarcais espalhadas no mundo ao longo da história” (PACHECO, 2019, p. 198). De fato, Michèle Petit (2009), quando nos fala do livro como um abrigo, um lugar hospitaleiro, confirma esse poder que as leituras têm de oferecer um outro lugar, um outro tempo para (nos) pensarmos e pertencermos ao mundo.

Ademais, a investigação de Mary Del Priore (2009), traz-nos considerações para pensarmos essas distâncias geracionais, culturais e geográficas. Em seu subcapítulo “A perda da honra e a valorização da maternidade no casamento”, ela nos conta como a Coroa Portuguesa e a Igreja trouxeram para o Brasil Colônia práticas europeias constituintes do avesso da boa mãe e da mulher ideal.

Enquanto a ideia do matrimônio era construída no imaginário das fiéis pela Igreja, tornando-se impositiva no século XIX, as nossas antepassadas que, como a Leka, tinham sido mães e estiveram fora do casamento, ficaram desprotegidas moral, socioeconomicamente, e foram sistematicamente perseguidas e julgadas. Fazendo-a conhecer sua história ancestral – a qual influencia e produz a condição feminina, as maternidades e as mentalidades do Brasil atual -, a leitura permite à Leka, agora, afastar-se do caminho já traçado; assim como das referências culturais que a perseguiam como palavras.

Agora, que vinha se re-conhecendo com as leituras e com os estudos, eram revelados sentidos que ela não encontrava antes e que não podiam ser ditos: ela se sentia bem e realmente feliz na condição de solteira. Há de se destacar que embora a Leka estivesse sem a proteção moral do casamento, é uma mulher de classe média, assalariada concursada, o que lhe oferece uma estabilidade financeira a qual para muitas de nós, colonizadas àquele tempo e ainda hoje, é/era sinônimo de matrimônio (DEL PRIORE, 2009; ZANELLO, 2018). Ademais, como mulher e mãe branca, ela

também recebe outras proteções psíquicas e sociais (ANGELA DAVIS, 2016; LUARA PAULA BAIA, 2021; ROBIN DIANGELO, 2018). Bem, mas vamos combinar de deixar tudo isso guardado aqui, e voltarmos para essa conversa quando as histórias nos invocarem a fuxicar.

Seguindo revirada com a leitura, pois as histórias que Badinter (1985) contava são para ela tão próximas, tão conhecidas - quase como se fossem suas próprias histórias – a Leka convoca o grupo para caminhar com uma nova leitura: o livro de Valeska Zanello. De forma discreta, porém incisiva, a leitura que a Leka oferece ao grupo nos revela. “ ‘Revelar’ no sentido de revelar uma foto”, conforme propõe Michèlle Petit (2009, p. 75), fazendo ver o que até então parecia oculto: antes de sermos mães, somos mulheres.

Digo ‘parecia’, pois era justamente da necessidade de sabermos como nos separar da mãe (imposta) – a qual nos ocupava o corpo de tal modo a não conhecermos as nossas histórias enquanto mulheres - que havia surgido o impulso para o grupo de leituras. Com essa passagem, contraditória, aprendemos a complexidade que é fazer o processo de nos apropriarmos das nossas histórias. Refletimos que isso é, antes, uma experiência (a ser) vivida.

De modo semelhante ao que acontece com o “ser mãe”, o qual vai ganhando camadas de composição na nossa experiência com as leituras, nessa ocasião, a temática “ser mulher” vai se costurando a da maternidade nos processos de leituras do/no grupo. E os demais materiais (posts, vídeos etc.), vão ocupando lugares no grupo, junto com o livro que tínhamos tomado como leitura principal.

Nesse movimento, a proposta do grupo começa a fazer uma operação mútua com as leituras. Assim, o que era previsto como protocolo, e que poderia ser colocado a funcionar (ou não) por diversas vias, de diferentes formas no grupo, sofre a interferência das leituras e das conexões e inscrições delas nos nossos corpos marcados por gênero, sexo, cor/raça, classe social, capacidades e mais. Corpos que vivem, sentem e pensam seus cotidianos; de modo que a nossa prática de leitura no grupo vai se constituindo processualmente com as próprias leituras.

O fuxico nos conta que, na verdade, não foi o protocolo desenhado na minha proposta inicial – o nosso “contrato” grupal - que moveu as ações para compartilhamento de outros materiais e leituras pelas demais participantes. À medida que fomos nos encontrando com leituras disponíveis e acessíveis no nosso dia a dia, como no caso do nosso encontro - meu e da Leka – com as lives da pesquisadora

Valeska Zanello pelo Instagram, esses dispositivos foram circulando no grupo. Como uma consequência, esta rede social virtual se tornou o principal lugar de saber do grupo, a nossa “biblioteca”. E a leitura do livro de Badinter deixou de ser central.

Mas, nos encontrarmos com as leituras e autoras não bastava. O que o relato da Leka faz observarmos é que o tema do relacionamento amoroso e a Valeska Zanello entram na conversa também pelas articulações que as teorias/narrativas dela permitiam fazer com as histórias das mulheres do grupo que estavam sendo compartilhadas, e pelas reverberações que as leituras insurgentes produziam para a vida da Leka. Tudo isso faz construir caminhos para ela e para o grupo. De forma que as narradoras-autoras vão sendo autorizadas a entrar no grupo desde como as histórias que elas nos contam ajudam a compreender, nomear e abrigar as nossas histórias únicas de mulheres mães.

Convidadas por Michèle Petit (2009) a imaginar diversas e diferentes maneiras de a leitura se tornar para nós-leitoras um componente de afirmação e desenvolvimento pessoal, ficamos a pensar que é também numa pluralidade de conexões que podemos acessar e ler a experiência do grupo Maternando-se. Ou, é assim que quisemos fazer: o próprio processo do grupo, composto com as leituras e com as autoras faz a execução do nosso funcionamento, do nosso jeito de ser um grupo de leitura.

Abro um parágrafo para registrar que esse movimento em camadas, com conexões, influenciou também a pesquisa e o meu pesquisar. O material das conversações no grupo do WhatsApp passou a ser utilizado para compor como material de estudo e produção de textos desde que a investigação nos revelou como as ofertas de leituras, trocas e compartilhamentos, assim como as histórias que contávamos e produzíamos, ocorriam intensamente por ali. Visto que a leitura nos interessava como um lugar para abrigar histórias, não poderíamos ficar indiferentes ao que estava acontecendo naquele espaço social.

Nessa complexa dinâmica, impermanente e afetiva composição, vão se misturando nossos movimentos dentro e fora do grupo. E esse “fora” talvez seja para nós o ponto mais inusitado de pensar e de dizer neste texto. Vamos arriscar. Ousaremos um movimento de retomada para a questão do encontro da leitura e com o cuidado, quando a Leka traz para o grupo a leitura que vinha fazendo com a sua filha; e dali nos projetaremos, fazendo uma conexão para saltarmos no sentido da

próxima sessão. Espero, parceira leitora, não tomarmos um tombo. Então, vou tentar fazer isso cuidadosamente.

Desde a inscrição daquele episódio nesta dissertação, fiquei com a impressão que essa questão das leituras com nossas/os filhas/os poderia ir mais a fundo do que naquele momento anterior conseguimos adentrar. Mas tudo bem, pensei. Aquele contato breve já havia tocado meu corpo para movimentos possíveis, então eu sabia que poderia voltar a me envolver com aquela conexão para outros pensamentos. Tinha ficado ali um registro sensível, uma memória que me punha vulnerável aos encontros. No meu caso, às leituras.

É quando, de forma poética (assim eu sinto), Michèle Petit (2009) mobiliza essa lembrança em mim. Ao trazer a leitura como uma experiência de intimidade, de interioridade e de cuidado consigo mesma, o que, talvez, imaginássemos que não era para nós mães, a autora traduz o que eu desejava profundamente dizer à Leka. Aquela leitura me tocou como eu gostaria de ter tocado a Leka naquela ocasião de partilha. Eu queria realmente fazê-la sentir que aquele cuidado que ela oferecia tão amorosamente à filha, o qual ela acreditava que teria mudado a sua vida se tivesse acontecido quando era criança, ainda poderia acontecer.

No primeiro momento que voltei ao fuxico, fiquei a pensar como as nossas experiências individuais de aproximação com leituras e livros, a partir das pessoas das nossas vidas fora do grupo, estariam influenciando o que conhecíamos e permitíamos o grupo conhecer, como faz a Leka: “Meu filho tá lendo o da Angela Davis, vou ler depois” (WhatsApp do grupo dia 03 de junho de 2020).

Como e quais leituras chegavam e circulavam no grupo, talvez seria interessante de observar e mostrar. Mas não podia me contentar. Tinha ficado comigo uma inquietação confusa, como uma imaginação que não podia se realizar e cuja insistência eu encarava com desconfiança, tamanha era a má reputação do “imaginar”; ainda mais em alguns espaços científicos (PETIT, 2009).

Bem, não tenho certeza ainda se querer viajar com aquela memória afetiva e imaginar mais e mais era um capricho egoísta, mas não guardo dúvidas de que as palavras de Michèle Petit me acolheram, oferecendo-me asas. Lindas asas. Fortes e potentes. E com ela fui além! A leitura como cuidado não só cabia a nós, mulheres mães, como já estaria acontecendo. Ora essa, o nosso grupo mesmo não produzia cuidado com leituras!? Sim, querida leitora, mas não é nem disso que estou falando

agora. Estou falando do cuidado feito no ato de “ler para a outra”; ou melhor dizendo, “ler com a outra”.

Leka acreditava na leitura para as crianças como forma de as levarem para outros lugares, como forma de as encantar, fazer sonhar e tomar seus caminhos nas mãos. E por isso as realizava com a sua filha. Sabia, por experiência própria, que sem sonho, sem imaginação, sem histórias com as quais se possa projetar na/para a vida, não existe pensamento; ou existe um único pensamento (PETIT, 2009). Isto, ela, eu, nós já sabíamos; de modo que líamos com nossas/os filhas/os para cuidar de seus futuros.

O que Michèle Petit acrescenta para nós, ou melhor, o que o relato da Leka faz saber e a autora nos permite teorizar junto, é que por meio de nossas/os filhas/os a leitura atinge a nós mesmas mães: “Eu leio essas histórias [para a minha filha] e me dá uma alegria... É engraçado como nossa criança tá dentro de nós mesmas, cada história, cada conto que leio pra ela, me fortalece mais um pouco”. Já havia nos declarado Leka, lembra!?

Segundo Petit, esse processo mútuo faria o abrandamento de uma dificuldade das mães com a leitura, uma resistência à “cultura letrada que não quis saber delas” (2009, p. 82). Daí que para nós, oferecer leituras para mulheres mães é um cuidado, que gera cuidados; e precisa ser feito com ainda mais cuidado.

3.3 Tem que ser uma leitura com cuidado

Chegávamos à metade daquele ano assustador. O calendário marcava precisamente o momento em que a crise global entrava em nossas casas: 14 de junho de 2020. A pandemia chegava exigindo de nós cuidados a mais com as familiares, com a bebê na barriga...

A Ana Paula estava grávida e tinha passado por muitas coisas nas últimas semanas. Tinha gripado, ficou mal achando que era Covid-19, além de ter ficado muito sensível e triste por ter que ter sua bebê em um período como aquele. Ela nos contou no WhatsApp, justificando que não estava conseguindo acompanhar o grupo. A Bárbara, por sua vez, ficou ainda mais atolada das demandas de trabalho e com outras preocupações com a ameaça aterrorizante da doença e também não conseguia realizar as leituras. A Elisa foi revirada por dias turbulentos. Seu coração não poderia nos acompanhar agora, sofria a perda da sua segunda mãe. A vida de uma de nós

tinha sido retirada pela Convid-19. Essa notícia me atravessou. Me arrasou. Fez parar o tempo. Ela saiu do grupo. Segui conversando com ela por alguns dias, no privado do WhatsApp. Aquele tempo era espantoso.

Ler, naquele tempo, estava difícil. Não apenas para elas, estava mesmo dificultoso acompanhar e fazer as leituras, expressaram a Luiza e a Elena depois, despedindo-se também do grupo. As leituras estavam ainda mais desafiadoras em ocasião da permanência da pandemia, logo nos informariam outras integrantes:

- Gostaria de poder me empenhar mais nessas reflexões, mas nesse período eu tô bem fora do ritmo”, relatou a Renata.

Chegou o dia do encontro. Além da ausência dela, já tínhamos confirmadas também a da Flor, da Zadú e da Bárbara. Dispus-me a remarcar: “Caso mais alguém não esteja disponível para esta tarde, ou caso sintam que já são muitas ausências, podemos esperar por elas”. Abri um diálogo sobre a nossa participação:

- Sinto muitas preocupadas com a questão da frequência, por causa da proposta inicial de apenas duas faltas. Mas, como já falei, era somente uma formação inicial de algo que ainda estaria sendo experimentado pelo grupo. E todas nós juntas saberemos o sentido e validade de mantermos algumas ideias iniciais.

Leka e Luiza estavam prontas para participar, mas preferiram esperar pelas que não conseguiriam. Bárbara me indagou sobre a possibilidade de fazermos no sábado, e eu respondi que para mim não seria possível. Mas que a minha ausência não impediria que elas se encontrassem. Eu poderia reembarcar no encontro seguinte. Ficamos nessa conversa. Aquele sábado não daria para mim, e retomar no domingo seguinte parecia distante para o grupo. Insisti na possibilidade de se encontrarem a qualquer tempo, sem mim, e continuarmos juntas no momento seguinte. E dei outra sugestão: “Caso aos domingos seja complicado para gente nesse momento, e não encontremos outra opção, podemos avaliar de suspender os encontros e voltar em outra ocasião”. Sugeri que esse poderia ser um momento para avaliarmos juntas os movimentos, as possibilidades e os desejos do grupo. Resolvemos, por fim, pular algumas semanas e voltar todas juntas.

Reencontramo-nos quase um mês depois, 21 de julho daquele mesmo ano. Tendo em vista o tempo transcorrido sem encontros, comecei retomando e revisando alguns pontos dos capítulos que já tínhamos lido e discutido com Elisabeth Badinter. Eu falando, elas ouvindo. Havíamos reformulado, naquele momento de saída de

algumas mulheres, que somente eu ficaria com o compromisso de realizar as leituras. Para as demais participantes, isso seria feito conforme possível e desejado.

Naquele domingo desafiador, eu estava sozinha em casa com a minha filha Maria, ela vez ou outra interrompia a conversa. Mas não só ela. As minhas falas eram cortadas pelo sinal da internet. Minha conexão estava ruim, travava muito. Minha presença no encontro ficou instável. Ficou tudo meio conturbado. Como iríamos seguir, era difícil saber. Minha conexão caiu novamente. O grupo aguardou. No chat, comentavam a minha ausência. Fiquei tentando voltar. Leka, Flor e eu nos comunicávamos pelo WhatsApp. Correram 10 minutos; e eu voltei.

Conclui a revisão que eu havia preparado e perguntei se alguém quer falar ou comentar alguma coisa, ou se entrávamos no capítulo seguinte. Flor respondeu que aquele capítulo, em especial no que dizia respeito à condição da criança antes de 1760 e à indiferença materna, tinha sido muito difícil para ela. Contou o que sentiu, nos dando uma visão rápida e geral da leitura, pois estava lendo no celular. Ficamos um tempo compartilhando como aquele capítulo tinha sido forte para nós.

Declarei que foi o capítulo mais forte para mim. O abandono da criança; a valorização de certas formas de vida que não observavam o lugar de cuidado da criança, das/os filhas/os. A Flor relatou que ficou impactada com a insinuação de Elisabeth (1985) sobre o infanticídio ser feito de propósito naquela época, quando conta que crianças em situação de risco eram deixadas morrer.

A leitura mexia demais com a gente, dava raiva, indignação. Mas também nos instigava, como expôs a Flor:

- Tô muito curiosa pra saber qual é essa chave que vira a partir do século XVIII que Elisabeth vai colocar aí que o amor materno vira uma coisa linda e maravilhosa.

Ninguém falou mais nada. Por um tempo, ficamos assim. A Flor rompeu o silêncio: “Tem que ser uma leitura lenta, porque dá raiva. Você vai lendo e vai dando ódio. [...]. E as meninas não estão conseguindo acompanhar as leituras, né”. Isso também mexia conosco, nos inquietava. Tinha a pandemia, tinha a questão das faltas e a preocupação com a realização das leituras, tinha a leitura em formato digital ou pelo celular... Fomos falando e percebendo muitos atravessamentos. Fomos avaliando juntas. A Flor contou da sua experiência, como estava se percebendo:

- Eu quero muito continuar, né? Tô me esforçando pra ler. Aos trancos e barrancos porque eu não sou muito disciplinada pra leitura, como eu lhe falei.

E em seguida me sondou sobre a minha disponibilidade: “Mas se você não achar viável continuar, Debi...”. Digo que também estou me esforçando, que tem uma disciplina do lado de cá para acontecer, confirmando o meu sentimento e enorme interesse na leitura e na experiência com o grupo. Enquanto eu falava, a imagem travou. Emudeci. A tela ficou branca. Ficou preta. “Ah meu Deus!”, surgiu a voz da Flor ao fundo reclamando a desconexão. O encontro acabou, e ficamos sem conclusão.

3.3.1 Cuidado para

Escrever e pensar com esse fuxico, me fez lembrar do conto “A cabaça dos desejos”, escrito por Rai Soares (2021). O conto “É uma história de mulheres”, conforme a autora inicia o texto (p. 38). Uma história que sua avó Severa Rosa lhe contava sobre como as mulheres de seu lugar de origem, influenciadas pelo catolicismo, haviam sido inseridas numa prática de depositar numa cabaça - a qual recebiam de suas mães logo meninas - seus desejos, (in)felicidades e pensamentos, evitando falar com as outras mulheres, para não criar mexerico.

O conto é um encanto, eu recomendo a leitura completa. Mas vou pular logo para uma outra parte que me conecta com essa conversa. Certo dia, a personagem central Catarina, que não tinha muita simpatia por rodas de mulheres, começou a aparecer nesses encontros suspirando de uma forma diferente. Agora, ela se tornara o principal assunto das rodas. De primeiro, seus suspiros embriagantes, causaram inveja, mas logo começaram a gerar curiosidade e vontade de suspirar como aquela mulher. Elas sentiam suas almas revirarem do avesso e queriam saber o que fazia Catarina suspirar daquele jeito. Então Catarina lhes conta que há tempos quebrara a sua cabaça e nunca mais haveria de ter outra.

O fuxico é para mim como os suspiros de Catarina. Ele me revira imaginando importantes referências nossas de mulheres mães com o cuidado, no nosso grupo de leitura e na vida, e com as quais produzimos movimentos para esta sessão. Mas faz isso de forma velada, como se tentasse os manter em segredo. Traz para o texto questões tão complexas, tão imprecisas, no nosso ser mulheres mães e na minha análise na pesquisa, que talvez eu precisasse mesmo velá-las para perceber; re-velar para (re)conhecer. Ademais, suspirar, velar, talvez seriam jeitos nossos de mulheres de dizer o que tínhamos sido ensinadas a guardar (a silenciar).

O que é “ler com cuidado”? Começo me perguntando, ao fazer a releitura do fuxico acima para as análises e continuidade da escrita dissertativa. O título me toma, parecendo soar muito metafórico, poético. De fato, eu carregava muitos sentidos subjetivos para aquela afirmação.

Desse processo com o título e com o fuxico sobre aquele momento em que a pandemia chegou às casas das mulheres do grupo, surgiram diferentes sentidos para seguirmos com a pergunta “O que é ler com cuidado?”. Ou, no nosso caso: O que foi “ter que ler com cuidado”? Como foi ler com cuidado, na experiência com as mulheres no grupo de leitura?

Desde o início, o grupo Maternando-se esteve constantemente atravessado pelo cuidado; ora nas nossas queixas, ora nas nossas discussões. E quantas vezes aparecia acontecendo junto nos nossos momentos de conversação e encontros; ou nos interrompendo na execução das nossas outras atividades, como acontecia naquele momento do grupo.

Ele tornou-se o tema mais abordado nas nossas conversas, o qual moveu mais compartilhamentos de leituras, posts, textos e histórias. Mas não são os números que nos interessam aqui, são os lugares que o cuidado vai movendo e as formas singulares que se produzem com ele para contarmos as nossas histórias.

Naquela ocasião em que a pandemia se aproximou de nós, o cuidado nos provocou novamente, com outras elaborações para as nossas histórias:

Minha bebê nasce nesta semana e preciso dar atenção, não sei como vai ser, ninguém sabe. Apesar de o médico me falar que tá tudo bem, é tão instável, são tantos cuidados. Eu fico perdida. Como vou cuidar? Como vou ser mãe nessas condições? (Ana Paula, WhatsApp do grupo, dia 24 de maio de 2020).

Perder-se de si, em meio às incomensuráveis incertezas de “como cuidar”, e, portanto, de “como ser mãe” é o conflito que a Ana Paula nos faz observar. O cuidado materno atravessado pela pandemia colocava-se de forma tão incerta e imprecisa para ela - como condição de se tornar mãe, de ter a sua primeira filha - que parecia não ser possível concretizar essa experiência na sua vida; ela não conseguia se subjetivar nela.

Já revisamos, no começo desta dissertação, como a construção histórica cisheterossexista e racista, do patriarcado ocidental, articula o “ser mulher” ao cuidado. Constrói em sua narrativa - com convencimento, sedução e conquista - que por sermos mulheres e “naturalmente” cuidadoras, nossa história se consolida com a

maternidade. Seríamos completas quando nos tornamos mães. Essa maternidade nos oferece uma nova identidade, um único lugar. Por outro lado, essa história (branca) também nos conta como deveríamos cuidar para sermos uma boa mãe, aquela que recebe incontáveis mensagens de reconhecimento e agradecimento no Dia das Mães por ser uma supermulher e sempre saber o que fazer.

Desde o discurso moralizador proferido na coletânea de reflexões “Émilie ou Da Educação” escrita por um outro homem branco europeu no século XVIII, Jean-Jacques Rousseau (1995), “para agradar uma boa mãe que sabe pensar”, como ele afirma no prefácio; até a maternidade científica e branca - a qual se aproximava de nós, nos dias atuais - não cessaram de serem produzidos manuais, e até mesmo outros manuscritos, configurando modelos de maternidade os quais pressupõem a centralidade do cuidado, necessidade e interesses da criança (ELISABETH BADINTER, 1985, 2011; FILIPA CÉSAR, ALEXANDRA OLIVEIRA, ANNE-MARIE FONTAINE, 2018; MARIA MARTA DE LUNA FREIRE, 2008).

Essa é uma referência cultural histórica que, embora empobrecida em sua simplificação, tem poder de disputar versões para nós mulheres mães, desde uma ideia de maternidade bastante sólida com a qual vamos nos construindo. Como consequência desta articulação, especulamos com Michèle Petit (2009) que, em meio àquele tão incerto momento pandêmico o qual desestabilizava a única referência, qual seria “a mãe tudo sabe”, parecia faltar à Ana Paula repertórios que lhe permitissem habitar aquele lugar identitário, ou imaginar outros lugares para “ser mãe”.

Deveríamos, segundo aquela única história que vínhamos re-conhecendo, cuidar com total dedicação, com anulação de si, com exaustão, com dor, e até com adoecimento; sem nunca nos esquecermos da culpa (ELISABETH BADINTER, 1985; VALESKA ZANELLO, 2018; VALESKA ZANELLO, CARLA ANTLOGA, EILEEN PFEIFFER-FLORES, IARA FLOR RICHWIN, 2022).

De modo que, ao contrário da Ana Paula, outras mulheres do grupo sentiam precisamente a configuração do cuidar e do cuidado em suas “vidas de mães”. E muitas vezes esse lugar era produzido com enorme peso: “Eu já ando me sentindo novamente exausta dessa demanda casa+filhos”; escreve-nos a Zadú, após a Leka compartilhar no grupo um texto, que segundo ela, traduzia a sua maternidade:

O mundo das ‘mulheres insuportáveis’ tem nome: exaustão. Não há ser humano na face da terra que aguente o tranco de organizar a casa, fazer o almoço, janta, cuidar dos filhos, passar pano na casa, lavar banheiro, colocar roupa na máquina, estender, guardar, TRABALHAR, se virar nos 30, se

revirar, sem que a saúde mental, física, emocional sejam comprometidas. Geralmente chegamos ao final do dia com sensação de fracasso, de que deveríamos ter mais braços, ser de aço. Chegamos ao final do dia em débito. Especialmente com nós mesmas. Cabelo sempre preso. Algo público e notório é que as mães sempre se deixam por último (texto postado por Leka no grupo do WhatsApp, dia 28 de outubro de 2020).

O que a Leka nos diz, e Shirley Macêdo (2020) confirma com seu relato de mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia, é que a configuração mulher mãe multitarefas (ou melhor, multi-cuidados), a qual fica ainda mais demandada e realçada naquele período, não está nos fazendo bem; que estamos ficando para trás nos cuidados. Tendo conhecido com as leituras de Valeska Zanello (2018) o poder da cultura patriarcal na colonização dos nossos afetos, a qual nos exalta e nos faz acreditar que somos incríveis por cuidar de tudo ao mesmo tempo Leka nos provoca:

- Sempre nos deixaremos por último? Convocando-nos a questionar aquele lugar im-posto.

A Fernanda, mãe acadêmica, docente e pesquisadora até pensa que “maternar e produzir (um doutorado, por ex.) dá uma ‘canha’ que é uma experiência válida”; como tinha declarado em meio a uma discussão que fazíamos sobre a sobrecarga do cuidado materno, em um dos nossos encontros online. Mas não estava interessada em se deixar por último. Compartilhando sobre suas vivências em reuniões na universidade, contexto no qual ainda é muito difícil e delicado, sobretudo para ela e as colegas mulheres, expor as desigualdades em relação aos colegas homens acadêmicos. Ela afirma que não lhe interessava negociar toda a sua vida, e nem mesmo parte dela - a sua vida profissional - por um padrão identitário de supermulher:

Eu sempre falo nas reuniões, aponto as diferenças. Mas pontos da vida pessoal não podem ser tratados, são tabus. O nosso pessoal revela a desigualdade gritante. Tudo é visto como o “chororô” das mulheres que estão em casa, inclusive nas casas deles [dos colegas homens de trabalho], né? Daí um dia ele [um dos colegas] chegou lá em casa, e ficou ali fazendo elucubrações teóricas que preparava pra aula que ia dar. Eu ouvia enquanto estava cuidando da casa, preparando a janta... E quando ele me perguntou se eu queria uma ajuda no trabalho e na produção da minha aula, eu retruquei: “Eu quero! Eu quero que você venha brincar com as crianças” (Fernanda, encontro online, dia 07 de fevereiro de 2021).

Ainda que não quiséssemos nem pretendêssemos nos deixar para trás, isso não dependia somente de nós. A medida de fechamento das creches e escolas²⁹,

²⁹ Já no início de março de 2020, quando foram registrados os primeiros casos de Covid-19 no Brasil, alguns estados adotaram o fechamento das creches e escolas como principais medidas. No Estado de Alagoas, essa medida foi instaurada a partir do Decreto nº 69.257 de 17 de março de 2020.

associada ao isolamento social, por exemplo, já atingia a nós mulheres há cerca de 4 meses, com aumento das demandas de cuidados e educação das/dos filhas/os, atenção redobrada com as familiares, atividades remotas e em home office, como no caso da Fernanda, da Flor e outras de nós brancas, classe média, escolarizadas e empregadas no mercado de trabalho (SHIRLEY MACÊDO, 2020; VALESKA ZANELLO, CARLA ANTLOGA, EILEEN PFEIFFER-FLORES, IARA FLOR RICHWIN, 2022; JULIANA SILVA, VANESSA CARDOSO, CAMILA ABREU, LÍVIA SILVA, 2022).

Para a Thaylane, mulher e mãe preta, que naquela ocasião estava desempregada e a procura de trabalho, o isolamento das familiares e o fechamento das escolas não repercutiu em ver e sentir o trabalho laboral entrar pela porta da sua casa, somando às suas outras demandas. Para ela foi perder a possibilidade de continuar buscando emprego, foi ficar ainda mais vulnerabilizada social, econômica e psicologicamente. Assim como para Zadú, que também ficou sem trabalhar, pois, cessados os eventos sociais, os serviços dela como fotógrafa não foram mais contratados; sendo que alguns que já haviam sido agendados, foram suspensos ou cancelados.

Enquanto muitas de nós com vínculos empregatícios mantidos gozávamos, ainda, de muitos direitos com as nossas branquitudes classe média, Thaylane e Zadú sofreram impactos da pandemia nas suas vidas com questões como perda de descanso semanal remunerado, licença à maternidade, férias, 13º, aposentadoria etc. (SHIRLEY MACÊDO, 2020).

O que a história da Thaylane escancara com a pandemia é que o cuidado materno é uma questão inscrita de forma singular nas nossas vidas de mulheres, e que ele surge com outras problemáticas no período pandêmico. Ela conta que quando ficou afastada da família e da rede de apoio - pois as creches eram sua principal política pública de amparo e cuidado - teve que conciliar tudo sozinha, e começou a ter crises de ansiedade:

Tem uma perspectiva que continua cobrando da mãe, jogando pra mãe a garantia do cuidado pro mundo: 'Se vire, faça aí, dê seus pulos'... A maternidade é muito boa, mas não é boa pra todo mundo (Thaylane, encontro online, dia 14 de março de 2021).

Esse cuidado que cuida (só) do outro, o qual é marcado por dor e opressão, já estava presente nas nossas vidas de mulheres mães. Contudo, quando acentuado durante a pandemia - cujas novas demandas como o acompanhamento escolar

remoto, por exemplo, também recaíram de forma majoritária sobre nós - configurou para as vidas da Leka, da Fernanda, e de muitas de nós uma sobrecarga ainda maior, exaustão, e uma “exigência” para buscarmos formas de não ficarmos por último ao dar conta de tudo. Ao passo que atravessou a vida da Thaylane perda de renda, acrescentando ainda mais vulnerabilidade social, econômica e psíquica, impondo-a uma história de abandono e adoecimento (SILVA et al, 2020; ZANELLO et al, 2022).

Meses depois, a Lidiane nos contou que estava em processo de separação também porque tinha começado a dar conta de tudo: “As causas do cuidado sempre caem na carga da mãe. [...]. A gente tem impressão de que tem que cuidar de todo mundo. Só agora eu decidi que quero cuidar de mim” (Lidiane, WhatsApp do grupo, dia 13 de fevereiro de 2021). Assim, ela fazia um movimento politizado de distanciamento de um “cuidado para”, abrindo caminhos na sua história para um cuidado consigo mesma. Eram, portanto, novos e singulares movimentos de negociação para as nossas histórias de mulheres, mães, e cuidadoras que a pandemia nos possibilitava fazer.

Descolar-se de um “cuidado para”, embora parecesse uma opção evidente, a qual se resolveria desde que encontrássemos condições externas a nós mulheres mães – rede de apoio, política pública etc. – era também um conflito interno sofrido pela Flor. Desde que o filho nasceu, ela vinha sofrendo o dilema de conciliar a carreira e o cuidado dele. Ela queria muito cuidar dele; também porque lhe preocupava como cuidado seria feito. Essa era, talvez, a virada de chave que ela tinha curiosidade de descobrir com a leitura de Elisabeth Badinter: a maternagem agora lhe/nos interessava, ainda que não tivesse se tornado uma coisa maravilhosa.

Com a leitura sobre a “nova mãe”, na qual Badinter (1985) nos conta que a mulher passa a ser/se considerada/considerar responsável pela felicidade e pelos (maus) destinos das/os filhas/os - ideia que alcança o apogeu no século XX - a Flor reflete que a volta da mulher para casa teria o sentido de garantir um bom cuidado das crianças. O que parece um paradoxo diante do que vínhamos conversando no grupo sobre nossas “ausências” maternas: embora refletíssemos que cuidar das/os (nossas/os) filhas/os, integralmente, não fosse condição para ser uma “boa mãe” e nem para lhes garantir um bom futuro, a presença integral ou predominante de nós mães nos tranquilizava quanto a esse cuidado com elas/eles.

Um conflito para a Flor. Pois ela também ama a profissão como docente, e sempre gostou de pesquisar; então se sentia perseguida pela culpa, por querer o

tempo que tinha antes para si, para o seu trabalho (SHIRLEY MACÊDO, 2020). E durante a pandemia, manter o ritmo de trabalho e de produtividade acadêmica acentuava para ela essa questão. É bem verdade que ela queria muito poder fechar a conta “cuidado do filho E autorrealização profissional”, mas com o filho enfiado dentro de casa 24h por dia aquilo lhe parecia ainda menos possível.

Por outro lado, com o confinamento, nem seu trabalho parecia ter mais lugar de reconhecimento nem seu cuidado materno, ela nos contou emocionada: “Ninguém tá me validando, né? Porque ninguém tá vendo a minha maternidade” (Flor, encontro online, dia 02 de maio de 2021). Provocada pela querida Telma Low³⁰, numa leitura comentada deste texto, percebi como a fala da Flor parecia expressar e confirmar a única história de que a mulher é reduzida à maternidade. Mas também revelava a noção de que a mulher se tornaria sujeita apenas quando e a partir da validação de outra pessoa; geralmente de um homem, conforme nos diz Zanello (2018). Ao mesmo tempo que a Flor-mulher-mãe, com a pandemia, parece não ser validada porque ninguém a reconhece, ninguém a vê, a declaração dela faz uma contestação: *ninguém tá me validando porque não me vê; mas eu estou aqui, eu sou uma mulher maternando e desejando produzir profissionalmente, e estou sofrendo com isso.*

A culpa, por sua vez, que já era uma antiga companheira nossa, pois que produzida historicamente, sobretudo a partir do início do século XX com a “maternidade científica” tão conhecida da Flor, também influenciava as referências que ela fazia de si mesma, como mãe e como cuidadora (BADINTER, 1985; ZANELLO et al, 2022). Essa maternidade lhe prescrevia uma forma de cuidar incompatível com a sua vida desejada de pesquisadora, e ela já vinha se sentindo deixada de lado no trabalho, percebia que as pessoas evitavam lhe envolver nos projetos acadêmicos, pois não esperavam que ela conseguisse produzir mais.

O “cuidado para” foi um dos lugares que as nossas histórias produziram com as leituras e com a pandemia, e que mutuamente produziu mais histórias para as nossas maternidades durante esse tempo presente, incisivo, marcante, incerto, imprevisível, confuso, contraditório, doloroso, espantoso. Um cuidado tão duro quão

³⁰ A Telma Low é uma querida e admiradíssima mulher professora, pesquisadora, com quem me encontrei na vida a partir do projeto de pesquisa “Desafios e estratégias de educação permanente na saúde materno-infantil em Alagoas” e de algumas participações como mediadora em rodas/redes de conversa sobre saúde da pessoa parturiente, com enfoque no parto humanizado e prevenção à violência obstétrica, do programa de Temáticas Contemporâneas em Saúde, que ela conduz no curso de graduação de Psicologia da UFAL.

afetuoso: cuidado com as nossas parentas de grupo de risco, com as nossas crianças que passaram tanto tempo sem vacina, e com as nossas bebês que, conforme desabafava a Ana Paula, estavam sendo gestadas e paridas com o medo; embaladas com a tristeza de chegarem ao mundo - às nossas vidas - num período como aquele (RAYANE OLIVEIRA, 2023).

Por outro lado, esse cuidado/cuidar/maternar que parecia nos afastar de nós mesmas, dos nossos desejos, dos nossos projetos, como víamos agora acontecer naquele momento em muitas de nós saíamos daquele espaço, deixava para o grupo questões sobre como e para onde seguiríamos: Conseguiríamos continuar lendo? Poderíamos? Seguiríamos sem as mulheres que se despediram no caminho? Como? E como nós mesmas poderíamos seguir? Podíamos mesmo ser mulheres-mães-leitoras; ou mulheres, mães e leitoras? Não sei se essas perguntas têm respostas, mas penso que elas nos requerem seguirmos pensando com (o) cuidado.

3.3.2 Cuidar com

O cuidado de todas, e sobretudo das nossas/os filhas/os - que estavam em tempo integral conosco, dentro de casa -, denunciava que não havia tempo pessoal de cuidado para nós mesmas as cuidadoras. Que não havia tempo nem condições para nossos projetos, nossas atividades de trabalho ou de lazer; deixando-nos tão sobrecarregadas e exaustas que não tínhamos mais energia para as leituras. Era o que já nos havia feito saber a Monaira em outro momento dessa história: “...me sinto meio desvitalizada pra ler, entre os cuidados com a bebê” (WhatsApp do grupo, dia 19 de março de 2021).

Mas, curiosamente, o nosso cuidar (solitário, exausto, adoecido) não aparecia nos nossos questionamentos sobre conseguirmos ou não continuar com o grupo de leitura naquele momento de avaliação. Tentamos resolver o impasse sem envolver a problemática do cuidado materno. Levantamos diversas questões que atravessavam o nosso processo como leitoras: havia a pandemia, a questão das faltas e a preocupação com a realização das leituras, as questões com a leitura em formato digital ou pelo celular. Indagamos termos ou não “qualidades para ler”: não conseguíamos manter um ritmo de leitura, não tínhamos disciplina (e não era de hoje), e por aí seguimos. Mas não apontamos o cuidado que evidentemente nos atravessava

(MACÊDO, 2020; ZANELLO, 2022; SILVA, 2020). Com título enigmático “Tem que ser uma leitura com cuidado”, quero nos provocar para essa ausência no fuxico.

Ainda que sufocadas naqueles tempos difíceis, sentir des-gosto pelo cuidado das/os filhas/os era um lugar culposos e confuso para nós mães ocuparmos. E não à toa. Somos levadas a nos envolver com o cuidado de várias maneiras, uma delas é pela culpa. Se por um lado, acreditava-se que se nós mulheres nos livrássemos da culpa não cuidaríamos das/os nossas/os filhas/os, conforme articularam pediatras, psicanalistas e outras autoridades masculinas e brancas de poder (BADINTER, 1985). Por outro, o patriarcado precisava da nossa culpa de mulheres mães para sustentar a lógica reprodutiva capitalista. E nós tínhamos, de alguma forma, aprendido a nos identificar com ela (ZANELLO, 2018; ZANELLO et al, 2022).

Desde essa versão, atentamos para a complexidade das questões que nos tomaram na leitura do processo do grupo com o cuidado: E se nos livrássemos da culpa, o que poderia acontecer com o nosso cuidar/cuidado, com o nosso maternar? O que poderia acontecer conosco? Nos tornaríamos mães ruins? Não podíamos, então, nos queixar do cuidar/do cuidado para as/os nossas/os filhas/os? Ou os lugares desse cuidado não eram tão certos, exatos, em nossas vidas? Ou não queríamos “resolver” o cuidado para lermos? Se não queríamos “parar de cuidar” para ler, conseguiríamos seguir numa leitura com o cuidado?

Pois bem. Queixarmo-nos do cuidado materno não parecia ser um tabu para o grupo àquela altura, como a Zadú e a Leka, com seus relatos de exaustão já nos fizeram perceber. Por outro lado, estávamos envolvidas com o cuidado, estávamos interessadas nele. Com ele eram conduzidas muitas e várias conversas, discussões e trocas em grupo, com as leituras. Embora fossem muitas as possibilidades de caminhos e formas para falarmos sobre maternidades, era um movimento nosso falar e ler sobre cuidado.

Desse modo, “ter que ler com o cuidado” compõe com a nossa experiência um sentido de revelar a questão de o cuidado ter se tornado tão presente para nós, nos nossos processos, que as leituras sobre maternidades tinham que ser (e foram) frequentemente leituras sobre o cuidado, sobre cuidar. Esse movimento aconteceu com as leituras, por um lado, mas também com as nossas partilhas de outros materiais e com as coisas que aconteciam nas nossas vidas. Como conta a Leka, que meses antes da pandemia estava passando pelo dilema de deixar suas filhas por mais tempo

na escola, em razão da necessidade de manter dois trabalhos para o sustento da família:

Aí a gente fica num lugar também... Porque eu quero tá junto das minhas filhas, mas ao mesmo tempo não posso dispensar esse emprego. Aí eu já fico numa aflição 'meu deus, eu vou fazer o quê com os meus filhos, quantas horas eu vou passar fora de casa? (Leka, encontro online de 12 de julho de 2020).

E completa: "... nem sei se tô dando conta [do cuidado deles], tem hora que ficam por aí se criando" (Risos). Mas é isso, né? É ir se livrando das culpas". Nesse movimento, a Leka move a questão da culpa materna, apontando para a possibilidade de um cuidado imperfeito, falho, displicente.

A leitura de Badinter (1985), sobretudo a do capítulo "A condição da criança...", acionou em nós o cuidado desde uma vontade de proteger, e de fazer crescer bem nossas/os filhas/os. Especialmente naquele momento de um governo assombroso, cujos posicionamentos do Ministro da Educação faziam emergir e fortalecer uma mentalidade de punir e fazer sofrer nossas crianças para as educar, trazia preocupações para nós:

Eu tive uma educação extremamente alienada, e eu só tive consciência disso há muito pouco tempo. O meu filho já teve uma educação (formal) muito mais crítica [...] ele tinha professores de história que falavam da história real. Eu não aprendi isso não. Eu ainda tive Educação Moral e Cívica na escola. [...]. e acredito que isso vai voltar a existir. E é nisso que a gente tem que se atentar pros nossos filhos (Leka, encontro online de 12 de julho de 2020)

Ademais, o cuidado com as nossas/os filhas/os, acrescenta a Leka, era um interesse das nossas maternidades: "[...] é nisso que a gente tem que se atentar pros nossos filhos. Eu tô fazendo uma biblioteca aqui pras minhas filhas. Pra que saibam distinguir educação e cuidado de violência, como esses tão pregando aí" (Leka, encontro online de 12 de julho de 2020).

Líamos para nossas filhas. Queríamos que elas tivessem acesso a um grupo de leitura como o nosso, o mais cedo na vida. Queríamos que elas soubessem sua história, contadas por mulheres, queríamos que elas pudessem construir suas histórias, desde jovens. Pois a leitura vinha sendo, para nós, um caminho. Um caminho que, conforme já havíamos imaginado junto com Michèlle Petit (2009), apresenta bifurcações para um cuidado mais cuidadoso conosco, um cuidar com.

É isso que uma delicada história, que a Fernanda nos compartilhou, nos convida para a voltar a pensar; e com mais detalhes. Ela nos narra um episódio da

iniciação da sua vida com a docência em que tinha passado num concurso para outra cidade e, às pressas, precisou viajar até lá para umas questões burocráticas da sua nomeação; e deixou o filho que na época tinha 10 meses:

Apesar de ter viajado às pressas, de tudo acontecer de forma turbulenta, eu lembro que ter me sentido bem aqueles dias. Eu não sentia culpa, afastada dele. Daí, quando eu voltei, no exato momento que entrei em casa, ele ficou agarrado em mim e não largava. Abraçado mesmo. Na cama. Eu adormeci e ele ficou lá acordado abraçado em mim. Depois o meu marido me contou. Ali foi que eu me dei conta de que aquilo tinha marcado ele. Que teria que cuidar daquilo. Eu noto que isso marca até hoje a nossa relação. É isso. O nosso aprendizado de vida como mulher, como pessoa, ele acontece a partir de tudo que a gente faz sendo mãe também, nessas escolhas. Não tem muito como dissociar. Hoje, eu tenho que cuidar muito bem dessa ferida, tenho que passar muito algodãozinho. As nossas escolhas talvez sejam o mais doloroso da maternidade, elas têm uns afetos, elas afetam diretamente nossos filhos... a gente vai aprendendo. Eu acho que essa responsabilidade que a gente carrega, e a gente vai vendo essa fronteira de como as nossas ações reverberam assim neles, é muito evidente, e ao mesmo tempo sabendo que isso é parte da vida, né, não é algo que a gente deva se culpar. Mas que a gente pode estar atenta pra ir cuidado. Às vezes temos mais clareza, há mais equilíbrio; às vezes a gente precisa remediar, passar o algodãozinho (Fernanda, encontro online de 07 de fevereiro de 2021).

Sua história anuncia um cuidado que parece mais displicente, desapegado, ou em segundo plano, semelhante ao qual vivenciavam as mulheres da história de Badinter (1985), do século XII até meados do século XIII; reaproximando-nos do caminho que a Leka havia indicado em seu processo de ir se livrando das culpas. E diz que a gente pode elaborar configurações para nossas maternagens com esse cuidado, as quais também se tornam lugares possíveis de nos abrigar.

Fernanda também nos oferece uma versão para um outro tipo de cuidar/cuidado, que é fluido; que com ele vamos nós mesmas nos constituindo enquanto mulheres mães. Fala sobre um maternar que aprende a se responsabilizar no sentido de como nossas ações e escolhas reverberam na/o outra/o. Como nossos posicionamentos suscitam cuidado e geram necessidade de cuidado, como a feridinha que foi gerada na ocasião da saída dela de casa por alguns dias em razão da nomeação no concurso e da qual ela até hoje sente que precisa cuidar.

Permite-nos perceber como a maternidade nos conecta com a/o outra/o em responsabilidades também afetivas. Fazendo deslocar uma ideia de responsabilidade e cuidado como obrigação e, portanto, movida pela culpa (e com culpa), ela nos abre para possibilidades de uma ética do cuidado que nós mesmas vemos acontecer no grupo, quando tentávamos resolver nossos problemas com as saídas das participantes e dificuldades com as leituras.

Aqui pausamos, respiramos. Vamos recomeçar com calma. Estamos tocadas com a dor da Elisa, pela perda da sua querida segunda mãe. Segunda, pois a madrinha-que-cuida ela guarda no coração, no cantinho feito para guardar mães. O cuidado da madrinha-mãe junto com o da primeira mãe fizera crescer sua vida, ela tinha duas mães para amar.

Assim como essa linda história com a qual ela nos conta da partida da sua madrinha, a história que a Fernanda faz aparecer no grupo nos comove. Passamos um tempo sentido a despedida da Elisa. Tempo de um cuidado, que nos sensibilizava a perceber que outras situações atravessavam o nosso percurso naquele momento.

Não queríamos (só) deixar a Elisa e seguir. Então eu fico alguns dias em contato com ela pelo privado do WhatsApp, dando apoio para aquele momento tão difícil. Não queríamos deixar nenhuma de nós. E tentaríamos o que estivesse ao nosso alcance para continuarmos, e juntas. Com a Elisa e a Ana Paula, fomos oferecendo compreensão, acolhendo suas dores:

Quanta coisa importante lhe acontecendo, Ana Paula. Não se desculpe por não ter lido, querida. A vida está lhe pedindo outros cuidados nesse momento. Se desejar conversar um pouco mais sobre toda essa angústia estamos aqui, viu. Que a chegada da sua filha seja repleta de saúde e harmonia (Flor, WhatsApp do grupo, dia 24 de maio de 2020).

Houve outros momentos de circunstâncias externas mais atípicas que fizeram algumas mulheres deixarem também o grupo. E aceitamos. Havia algumas dificuldades, questões comuns a nós, quanto ao ritmo ou à disciplina para a leitura, como partilhado pela Renata, pela Flor e por mim no fuxico. Porém, elas também guardavam suas delicadezas, como revelava a Ana Paula com seu pedido de desculpas por não ter conseguido acompanhar e fazer as leituras.

Ela não teria sido a primeira a expressar dificuldades em realizar as leituras, assim como essa não era a primeira ocasião que isso aparecia no grupo. No período que já realizávamos a leitura do segundo livro de Badinter, “O conflito: a mulher e a mãe”, a Monaira já havia nos falado do seu esforço para manter o interesse pela leitura, que era densa de fazer: “Por mais que seja bem dividida, não flui” (Monaira, WhatsApp do grupo, dia 19 de março de 2021).

A Rayane também já tinha nos falado de como a densidade dessa nova leitura e a forma como a autora abordava as questões, junto com as demandas todas que referimos na discussão do “cuidado para”, impunha para ela um ritmo para ler: “Debi, estou lendo de uma forma lenta, precisa e necessária, uma, duas páginas por vez

(quando me é possível), mas também, por me revirar todinha, e encontrar palavras pra nomear as vivências, dores, enfim... É um rasgar-se e remendar-se, como diria Guimarães Rosa. A gente vai, segue dentro das im(possibilidades)” (Rayane, WhatsApp do grupo, dia 30 de maio de 2021).

Todavia, o que nos chama a atenção - eu diria mais, o que nos chama para o cuidado – é que estávamos deixando o grupo por não conseguirmos realizar e acompanhar as leituras, como é o caso da Elena: “Meninas, não estou conseguindo acompanhar a leitura do livro nem os encontros aos domingos. Muito obrigada pela partilha de vocês. É sempre bom e muito proveitoso ouvi-las. Peço licença para sair do grupo, mas não da vida de vocês, pois nos encontramos no outro grupo” (Elena, WhatsApp, dia 07 de julho de 2020).

O outro grupo, ao qual ela se referia, era o espaço do Ereko no WhatsApp que eu havia aberto com a Luiza anos antes, e do qual a Elena também era participante. Este grupo virtual era somente de compartilhamentos, escuta e apoio. Lá, não cabia a ela nenhuma atividade, e não aconteciam mais encontros síncronos, presenciais ou não, desde o começo da pandemia. Lá, ela poderia permanecer conosco ainda, confessa-nos. Assim, ela nos deixa uma mensagem de que no grupo de leitura, não havia um lugar para ela ficar.

Por outro lado, algumas de nós já tínhamos deixado de participar de encontros online, em alguns momentos, ou tínhamos cogitado nos ausentar; como também tinha ocorrido de remarcarmos alguns encontros por não termos lido o que era previsto para aquela ocasião. De modo que, semelhante ao que a Elena nos faz observar com a sua declaração, parecíamos nos sentir desconfortáveis para ficar no grupo assim. E, talvez, de outro jeito, pudéssemos continuar.

Tudo isso estava movendo uma dinâmica no nosso grupo com a qual eu já vinha sensibilizada, e que me trazia dúvidas sobre o como estávamos fazendo, conforme narrado na sessão “A implicação como lugar de cuidado”. Mas eu não era a única preocupada com isso. A observação que a Flor faz, naquele encontro cuja leitura tinha sido especialmente difícil para nós, e sobre as meninas não estarem conseguindo acompanhar as leituras, realça que elas estavam se ausentando do grupo também por questões com a leitura, e por dificuldades de ler.

A dificuldade para a/com a leitura já tinha aparecido nessa história antes. Dois momentos que nos interessa retomar são o da nossa discussão sobre o lazer “inútil”, em que problematizamos se a leitura seria uma atividade concebível às mulheres

mães. E o segundo, novamente com Michèle Petit (2009), quando ela nos ofereceu uma releitura da dificuldade em nós lermos pela perspectiva de uma “resistência das mães”, ajudando-nos a imaginar a leitura como cuidado; e no caso do não-acesso das mães à leitura, como ausência de cuidado.

Agora nesse novo fuxico com o qual nos referimos à disciplina empenhada para a leitura acontecer em nossas vidas, ou melhor, no grupo de leitura, reconectarmos àqueles dois fragmentos nos faz especular como as feridas provocadas por aquela única história da maternidade, que não nos ouvia nem nos permitia escrever, para contar nossas próprias histórias, teriam marcado nossos corpos e em nossos processos com as leituras: concebíamos que o grupo de leitura era uma prática para nós? Imaginávamos que ler poderia ser um lugar hospitaleiro, um lugar de cuidado?

Na experiência com o grupo, foi importante estarmos atentas às histórias singulares e nos investirmos em trazer leituras que pudessem dialogar de forma mais plural com as maternidades de todas nós, como quando a Zadú teve o cuidado de trazer para nós o perfil da Andressa Reis³¹ no Instagram (@andressareis), potencializando no grupo a circulação de leituras sobre maternidades pretas e não brancas.

Além de outras iniciativas de compartilhamento de leituras (filmes, posts, vídeos etc.) para diferentes maternidades, fizemos algumas leituras da obra “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo (2020). Mas, aquele momento nos ensinava que para seguirmos juntas seria insuficiente oferecer outras leituras - leituras feministas nas quais nos reconhecíamos - em lugar daquelas que ouvíamos há tanto tempo e que não sabiam contar nossas histórias.

De modo que, foram feitos outros movimentos no grupo que permitissem termos acordos mais flexíveis: desobrigamo-nos de todas realizarem as leituras, somente eu fiquei com esse compromisso, pois estava com boas condições de tempo, ânimo para ler. Em outro momento, mais adiante, paramos a leitura do segundo livro de Badinter, o qual estava gerando muito desconfortos; descentralizamos a leitura com os livros, e experimentamos dialogar nos nossos encontros online a partir de outros materiais, como fizemos com o filme “Blue Mission”; e nos arriscamos até mesmo a nos encontrar e conversar “somente” com as nossas próprias histórias.

³¹ Andressa Reis é uma mulher e mãe preta, autora do livro infantil “Da cor que eu sou”, e criadora de conteúdo digital feminista sobre maternidade, mulheridade, cuidado, criação, educação entre outras temáticas.

Talvez, àquela altura, já tínhamos reunido repertório satisfatório para seguir contando e construindo nossas histórias. Não saberemos. O que aprendemos com o cuidado, foi construirmos formas de (nos) ler com a presença dele, em suas múltiplas versões. Mesmo atravessadas pelo “cuidado para”, poderia haver formas de cuidado que nos permitissem continuar lendo juntas, “cuidando com”. E mesmo se ocorresse de fazermos escolhas que elas mesmas produzissem feridas em nós, a gente poderia passar um algodãozinho.

4 MATERNANDO-NOS

Durante o meu puerpério, eu ouvia que a chegada de uma/um filha/o e da maternidade nos leva em busca de coisas lá atrás, onde de certo encontraríamos nossas mães. Por onde eu andava essa frase era dita e repetida como uma sentença; reproduzida por profissionais da atenção à saúde materna e por leigas/os, como prescrição para a cura das dores do “tornar-se mãe”: *Vá buscar resolver suas questões com a sua mãe [...] uma psicoterapia lhe ajudará a sanar as pendências entre vocês.* Ou algo assim.

Mesmo sem entender bem, essas falas me inquietavam muito naquela época. E quando comecei a acompanhar mulheres mães, na clínica individual e nas rodas de apoio ao pós-parto, passei a me incomodar ainda mais; pois naquele momento eu já sabia como essas histórias produziam sofrimentos engendrados por pedagogias de gênero sobre “sermos e termos boas mães” (ZANELLO, 2018). De modo que eu andava muito insatisfeita com aquilo. Andava inconformada com tantas culpabilizações (abstratas) proferidas a mim, às mães que eu conhecia e encontrara na vida, e à minha própria mãe.

Quando eu nasci, já havia pelo mundo ocidental e no Brasil fortes influências dessas narrativas ainda dominantes que definiam uma “boa mãe” (BADINTER, 1985; DEL PRIORE, 2009; ZANELLO, 2018). E mainha não era aquela. Ela não era uma mãe abnegada, integralmente presente e dedicada tão somente ao cuidado de mim e do meu irmão. Ela vivia também para si e para outros projetos de vida. Foi a primeira, talvez, da nossa linhagem familiar que recusou algumas coisas que o destino lhe guardava enquanto mulher branca.

Iniciar-me nas leituras feministas sobre maternidades, de forma individual e com o grupo, levou-me a observar como essa construção histórica teria afetado o comportamento e a vida dela. Levou-me a perceber os movimentos e a configuração da maternidade dela desde de algumas prescrições normativas hegemônicas. Levou-me a acolher a história dela como eu ia re-conhecendo, ou imaginando. Processo semelhante aconteceu com a gente no grupo de leitura. Acompanhadas pelas autoras feministas, nomeadas e autorizadas com as histórias que nos contaram, examinamos os nossos próprios desejos e pensamos sobre as nossas maternidades de modo a nos abirmos para a compreensão das maternidades das outras mulheres também.

Preparando-me para a escrita deste capítulo, e aproximando-me do final da história-dissertação, fui reconhecendo na experiência com o grupo uma maternagem coletiva. Isto me reconduziu para indagações como as de Luciana Kind (2020) sobre os alcances das nossas vozes (domésticas): estariam des-empoderadas nos labirintos em que a moral patriarcal parecia encurralar nossas existências? Partindo deste lugar, fui dar uma volta com as lembranças. Tomei fôlego, coragem, e me reposicionei para escutar a voz da Renata que ainda ecoava baixinho nos meus ouvidos, incomodando o meu coração. Sei que isso ficou meio confuso, querida leitora, mas eu vou explicar.

Em meados de 2021, nós mulheres do grupo Maternando-se tivemos um encontro presencial para conversar sobre como essa experiência e as leituras estavam interferindo em nossas vidas, que sentidos e efeitos tinham para nós. Eu lhes perguntei, e me pus a ouvir. Como eu esperava, a mediação com as leituras feministas foi afirmada por elas como um diferencial em nossos encontros, mas o que eu fui saber também é que não era assim com todas nós: “Para mim nem importa se faremos leituras ou não. O que tem feito diferença na minha vida, na minha maternidade, são as trocas com vocês. Com as experiências e as histórias de todas tenho aprendido mais sobre mim, me sinto mais normal e me liberto”, expressou a Renata.

Esta declaração, retomo, confundiu o meu coração obstinado por subversão. Nos meus encontros com as mulheres mães, na vida e nas rodas, eu percebia que as nossas versões carregadas de queixas e reclamações, nossas histórias domésticas, pareciam não encontrar validação ou validade para os círculos externos. E, principalmente, não encontravam força para disputar com a narrativa hegemônica, que tantas vezes parecia ser a única. De modo que, na ocasião da criação do grupo de leitura, eu acreditava que politizarmos e teorizarmos nossas questões maternas seria ação de empoderamento e libertação; lembra!?

Eu imaginava que, para isto - para tomarmos nossas histórias nas mãos - seria necessário intelectualizarmos nossas vozes ao falar sobre as nossas questões cotidianas. Pois sim! Na experiência com o grupo Maternando-se, vivenciamos um espaço único para a reflexividade e erguemos nossas vozes para lugares além das nossas casas e das rodas de apoio à maternidade. Por outro lado, testemunhamos como “conversar” com as autoras feministas, como quem cochicha segredos a ouvidos compreensivos e acolhedores de uma amiga, deixou-nos despreocupadas de avaliações e julgamentos. Autorizando-nos a falar.

Lendo mulheres - sejam autoras literárias ou ficcionais, sejam acadêmicas -, tenho aprendido como o “cochicho” ao ouvido da comadre, da irmã, da amiga, na nossa existência tem a potência de gerar soluções, de transgredir opressões, de criar realidades mais dignas, de fazer sobreviver e viver, de nos amparar e proteger em redes (KIND, 2020). Durante o tempo que transcorreu desde aquele fuxico que a Renata nos contou, e no percurso do meu pesquisar, eu me encontrei com essas leituras feministas que vez ou outra despertavam as palavras dela. Com elas, eu fiz re-leituras sobre o poder das nossas narrativas e práticas cotidianas de mulheres.

Muitas dessas literaturas, como já venho afirmando e as referenciando, fazem articulações com a questão da escrita e das políticas de pesquisa. Elas me ajudaram a pensar como a escolha por uma forma de escrita poderia potencializar esta dissertação e interferir para a compreensão das nossas histórias de mulheres contadas aqui, bem como para os conhecimentos produzidos com elas. Mas quero enfatizar uma delas que, em especial, fez girar o conflito que eu carregava com a problematização provocada pela fala da Renata. Refiro-me à história da Adora, a personagem central fictícia da dissertação de Ellen D'Oliveira (2021).

Acompanhando as inquietantes questões da Adora sobre “as pontas soltas do patriarcado e outros fenômenos de se tornar o sujeito do feminismo”, fiquei impactada com a coragem dela em perceber e afirmar como os problemas que ela havia aprendido mais recentemente a teorizar e debater intelectualmente com o feminismo após ingressar na academia, já eram discutidos nas conversas domésticas das mulheres da sua família. Era o que, agora, parecia ter-me dito a Renata: *Olha só, de certa forma a gente já sabia disso tudo aí que as leituras estão trazendo, e me parece que intelectualizar nossas conversas é só outra maneira de saber e de dizer.*

Nossa outra maneira de saber e dizer, no grupo de leitura, foi junto com as autoras. Pois os processos de construção das nossas narrativas reverberaram além dos textos, tornando-se fluido nas conversas, nas elaborações e nas interlocuções com as leituras feministas. Assim como ler sobre maternidades para depois conversar com mulheres mães interferiu no modo de encararmos a leitura, ler mulheres também produziu efeitos. Gabriela Pachêco (2019) nos ajuda a observar que ao atentarmos para a (não) presença de vozes femininas nas narrativas e histórias que ouvíamos sobre nós e sobre a maternidade, passamos a valorizar ainda mais as narrativas das autoras que encontramos. Ademais, discutir, desde as leituras, nós mesmas nossas maternidades, fez assumirmos um lugar privilegiado na hierarquia da linguagem.

Foi nesse giro de corpo que trouxemos as autoras para a roda de conversa, aproximando conversações cotidianas não conceituais e teorizações. De modo que, neste capítulo, as autoras e suas narrativas – seus pensamentos, teorias, ideais - foram articuladas como diálogos, colocando-as na roda também como interlocutoras e parceiras mulheres. Parceiras narradoras-exemplo. Parceiras que nos diriam coisas, por exemplo, que deixamos de conhecer com as mulheres das nossas próprias vidas.

Colocar as autoras na roda foi, para o grupo de leitura e para esta escrita, mais do que dialogar com autoridades. Foi “desabafar a ouvidos compreensíveis” e ouvir sábias histórias de quem bem sabia de nós. Foi experimentar criar um lugar acessível, onde nos imaginaríamos juntas: “Eu agora ando com a Valeska Zanello pra tudo quanto é lugar. O livro dela é debaixo do braço. E eu tô apresentando as mulheres que conheço a ela. Minha vontade é que todas elas leiam, então vou presenteando todo mundo”. – Relatou-nos a Leka no encontro online em que realizamos a leitura desse livro (Leka, encontro online de dia 02 de maio de 2021).

Imaginamos que as autoras e suas narrativas podiam se conectar com as nossas questões, com a nossas dores. Que elas podiam se perceber em muitas das nossas vivências, e que entre nós seriam compostas histórias-escapatórias.

Histórias-escapatórias como as que encontrei e conheci me envolvendo na dança das teorizações feministas implicadas, e incorporadas; as quais me permitiram seguir pesquisando com as (minhas) dores. Fui ficando com o problema³², e aprendi na experiência com o grupo de leitura e com as próprias leituras que a história das mulheres e das maternidades duram várias vidas: a minha, a nossa das mulheres do grupo, a das nossas mães e avós, e possivelmente a das nossas filhas e netas.

Assim, embora eu tenha chegado ao mestrado querendo fazer irem embora as (minhas) dores na maternidade, conforme legitimou bell hooks (2017) lá no começo, não nos ocupamos aqui de resolver as nossas dores de mulheres mães até a cura. Quisemos, esperando com Chimamanda Adichie (2019), perceber que nunca existiu uma única história da maternidade. E quem sabe reavermos, nas histórias únicas, paraísos para nós. Ou apenas re-aprendermos algumas rotas de fuga que nos levassem (de volta) a lugares onde pudéssemos dançar com as nossas maternidades.

Assegurando a minha pesquisa nessa vulnerabilidade e a abraçando, segui instigada pela questão da produção de conversas nossas com as autoras - nossas

³² Referência à obra “Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno”, de Donna Haraway, 2019.

referências para ler as maternidades no grupo. Trazemos as falas delas produzindo verdades inventadas, e construímos articulações com as nossas falas de mulheres mães no grupo de leitura. Para a fluidez dos diálogos, escolhemos usar as citações indiretas e as paráfrases sem a regra de ano/publicação. Para isto, os diálogos criados com Elisabeth Badinter tiveram como referência sua obra “Um amor conquistado: o mito do amor materno (1985), e as falas de Valeska Zanello estão apoiadas em seu livro “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação (2018).

Apostando que nossas rodas de conversas, incluindo as autoras, envolvem-nos na produção de conhecimentos desde uma investigação mútua e compartilhada, reproduzi alguns dos nossos importantes momentos no grupo de leitura. Enquanto conversamos sobre algumas questões nossas de mulheres e mães surgidas no grupo - comentando, examinando, questionando, imaginando, refletindo, assentindo, contemplando, julgando - voltamos para confrontar a dúvida cutucada lá no começo sobre “não saber” e (poder) narrar. Especulamos que para perceber como a experiência do grupo Maternando-se interferiu para nos reapropriarmos das nossas histórias, e pensar o que ela significou e produziu, precisávamos fazer fuxicos todas juntas, abraçando a presença da incerteza sobre aonde eles nos levariam.

4.1 Histórias

Era época de histórias. Mês das mães é sempre repleto de histórias sobre nós. Então a gente ia pegando algumas coisas que apareciam no feed das nossas redes sociais e compartilhava no WhatsApp do grupo. A Leka estava passeando meio distraída pelo Instagram e foi sendo invadida por montes de mensagens românticas sobre a maternidade. Ela já começava a sentir uma agonia, foi quando apareceu um post no perfil @psitrafem³³ que a impactou logo pela imagem que o quadrinho trazia de uma mãe que, naquela data tão sagrada, parecia nem existir. Era de uma mãe com as três filhas, tentando fazer a feira no supermercado e lidando com as demandas e pedidos insistentes delas.

³³ O @psitrafem é um perfil do Grupo de estudos e pesquisas sobre Psicodinâmica do Trabalho Feminino, o qual foi fundado pela Professora PhD. Carla Atlloga, pesquisadora em Trabalho e Autonomia Feminina e Violência contra a Mulher, pelo Instituto de Psicologia da UnB.

Leka foi logo para a leitura do texto³⁴. Tinha sido escrito pela Mel Veneroso, socióloga e pesquisadora na temática de trabalho, para a própria mãe e postado em 20 de setembro de 2019: “Minha mãe é a gerentona das jornadas triplas, quádruplas e às vezes quíntuplas. Ainda hoje. Quando éramos menores, o único horário que ela tinha para fazer as compras era logo depois de buscar nós três na escola...” Assim a Mel começava a contar à Leka aquela história, e seguia desdobrando sobre as formas como ela e as irmãs haviam sido cuidadas quando crianças.

Quando se deparou com esse relato, a Leka ficou a imaginar de que maneiras teria se virado a própria mãe para criar ela e as irmãs. A mãe dela também trabalhava fora de casa, dando conta das famosas jornadas triplas. E ainda se divertia; não havia se deixado para trás, como ela mesma vinha vivenciando na sua maternagem exaustiva.

Daquelas reflexões, ela fez o movimento de compartilhar o link do post no WhatsApp do grupo, como deixando um convite para nós, suas parceiras, imaginarmos junto com ela:

- Até que enfim uma leitura mais real da maternidade.

Eu abri o post de imediato, havia 1min que a Leka tinha enviado. Fiquei emocionada pela forma como o relato da autora ia fazendo costuras desde as duras condições que a mãe dela teria encontrado numa maternidade “100% real” (como ela mesma referia) até a ideia para um amor mais que perfeito. “Um amor ‘pedagógico’ e afetuoso”, pensei. Então me animei para evoluir todas as demais naquela leitura:

- Queridas, eu li e estou aqui revirada. Deu uma revirada interessante em mim; fez surgir lembranças e muitas reflexões.

Aquilo fez eco. A Zadú reagiu ao trecho em que a socióloga nos contava que para tentar controlar o tempo, o dinheiro e os chiquinhos das filhas pelos produtos no supermercado, tudo ao mesmo tempo, a mãe dela andava com um molho de chaves na mão com a ameaça de beliscar seus braços com dedos, força e chave, tudo junto:

- Nossa! Vou refletir mais sobre isso. Tive algumas lembranças agora. Acho que o amor da minha mãe não é algo que eu precise medir (como as vezes a gente acaba querendo justificar) mas os medos que senti em olhares que minha mãe direcionava a mim.... Vou pensar mais e tentar partilhar o que senti.

³⁴ Link do post: <https://www.instagram.com/p/B2oO9R1FKOS/?igshid=tt3tqbsfkw40>

- Não é que não existiram momentos melhores de serem representados, nem que nos tenha faltado amor de mãe, disse a Mel nos justificando o quadrinho e o texto, que parecia ter impactado a Zadú.

- Por isso eu entendo o que você fala, Zadú. Eu também não sei se preciso julgar a minha mãe. E quando penso sobre o que você diz, sabe, sobre medir o amor dela, sei lá... só me vem que seria um crime falar que falta amor na minha maior fonte inesgotável de todos os recursos de afeto do universo.

A conversa entre a Zadú e a Mel Veneroso provocou algumas lembranças na Elisa:

- Minha mãe não teve ajuda da família, nenhuma. Me criou junto com minha madrinha, minha outra mãe. Ela trabalhava um horário, sempre diz que eu fui criada com babá. Mas é interessante que mesmo não tendo a lembrança delas sentadas comigo no chão, brincando, correndo pela casa, não tenho a sensação de falta.

Naquele período, vínhamos lendo sobre o mito do amor materno. Elisabeth Badinter nos contava de um momento histórico e socioeconômico da França em que as mulheres mães tinham comportamentos muito distantes do que passou a ser esperado das novas mães, a partir de meados do século XVIII, com a construção do amor materno tal como nós do grupo conhecíamos hoje. Elisabeth, como uma moleca, punha uma pulguinha atrás das nossas orelhas:

- Naquele tempo, quem sabe, não existia esse amor. Ou se existia, seria um amor indiferente, pois as mães estavam envolvidas com outras práticas sociais, e a criança não tinha centralidade nas vidas delas.

O que Elisabeth nos dizia era que as/os filhas/os, séculos atrás, não tinham atenção nem presença de suas mães como percebíamos ser exigido em nossas maternagens agora. E isso não era julgado anormal e nem mesmo errado naquele tempo. E nem as mães pareciam se culpar por isso. Refletindo sobre essa história, voltei para conversa com elas:

- Lendo vocês, todas essas partilhas, chama-me à reflexão quando a Elisabeth nos fala que o amor materno não foi sempre igual, não teve sempre as mesmas apresentações e práticas. De como ele foi sendo construído e transformado desde antes das nossas avós, passando pelas nossas mães e até as nossas próprias maternidades.

- Sim! Confirmou a Zadú. Essa Elisabeth é incrível, mulher. E continuou.

- Hoje eu consigo perceber melhor como a minha mãe viveu e essa história toda de amor materno. É muita romantização. E não é só isso. É muito foda como essa história que a Elisabeth comenta se apropria do amor e coloca ele onde quer colocar: “Quem ama cuida”. “A mãe que ama tá presente...” E por aí vai. Se fosse só assim, a Elisa estaria aí toda sofrida achando que não teve mãe, e teve logo duas. E nem tá sentindo que faltou amor ou que não teve amor porque a mãe se ausentava e tal.

O que a Zadú afirmou, fez sentido para a Elisa:

- Sabe, Zadú, eu me identifiquei muito com essa coisa de as nossas mães se virarem pra dar conta das coisas, como a Mel conta aí do problemão que era para a mãe dela ir fazer uma coisa tão trivial como uma feira do mês. E quando ela falou desse fazer tudo junto e misturado, reconhecendo que foi assim a forma que a mãe dela teve de a criar, e que foi a melhor forma dela, me deu um estalo sobre essa forma de cuidado. Antes eu via “cuidado” e esses momentos de “dar conta” como coisas separadas.

Naquele incrível “estalo”, a Elisa fez uma nova leitura do que antes era para ela só um acúmulo de tarefas: cuidar da casa, cuidar das filhas, trabalhar. Esta era a sua leitura para a sobrecarga materna. Não que ela pensasse agora que a sobrecarga ou a exaustão materna não eram reais. Ora essa, ela vivia aquilo e sabia bem. Mas ela não tinha concebido, até ali, que aquelas práticas que atravessavam o “cuidar da boa mãe”, perfeito, integral, e que tantas vezes interferia na forma exata desse cuidar, não fazia o cuidado materno parar, não interrompia o cuidado. Fazia acontecer outra forma de cuidado:

- Minha mãe e a minha madrinha nos carregavam pra todo lado, até pras farras que nunca na vida deixaram de ir por causa da gente (eu e minha irmã). Mas para mim, o cuidado estava em outros momentos nossos; do banho, da alimentação, do brincar.... Então assim, além de eu perceber que nunca senti falta de cuidado, agora eu tô vendo ainda mais cuidado, e sinto meu coração feliz.

- Menina!!! A Leka voltou animada no meio da conversa.

- Tu dizer aí que era carregada pras farras, me fez lembrar como a minha mãe também viveu muito a vida dela, mesmo depois de nascermos. E no meu caso, mesmo ela indo e nos deixando com outras parentas, eu também não sinto que ela falhou comigo. Eu nunca senti o peso da tal “ausência materna”. E sei lá, me parece que pra ela [minha mãe] também não foi uma maternidade tão pesada.

- Né isso! A Elisa reagiu, surpresa e aliviada.

- Acho que dificuldades por serem mães elas viveram muitas. Nas leituras mesmo, estamos vendo isso. Mas a maternidade da minha mãe não me parece que foi cheia de culpas, sabe. Foi mais leve que a minha, pelo menos assim me parece. Sempre foi muito parceirona, muito mesmo. Minha madrinha também, mas sempre mais rígida que minha; muito mais, até hoje é. O que mais admiro na minha mãe é o fato de mesmo não recebendo amor da minha avó, ela conseguiu fazer tudo bem diferente e consegue até hoje.

Àquela altura da conversa, as histórias únicas da Mel Veneroso e da Elisa se aproximavam, partilhavam lugares para estar juntas. A Elisa, ela mesma, fazia uma releitura amorosa do cuidado vivido com as suas duas mães, e de como validava os bons “resultados” daquele cuidado possível. E a Mel contemplava aquilo:

- Que lindo, Elisa! Essa virada que a sua mãe fez na própria história. No meu caso, foi com esse jeito de nos cuidar, atropelado, às vezes duro, que a minha mãe criou três mulheres independentes, afetuosas e cientes de que a vida é tudo junto e misturado, e que a gente faz o que tá ao nosso alcance pra dar tudo certo. E eu confesso que tô bem satisfeita.

Assim como testemunhou a Mel, para a Elisa as formas de presença da mãe na infância não tinham lhe marcado como falta de amor. Mas a história cisheteronormativa e racista dominante diria que sim, que faltou amor, que a ela não teve uma boa mãe. Ela mesma tinha imaginado isso algumas vezes na sua vida. Agora, desconfiada, ela refletia: “O patriarcado conta cada história... ele cheio de histórias que conta uma história só”.

A conversa foi rendendo. Sucedeu uma série de trocas e relatos sobre nossas mães e os cuidados conosco. E ficamos por ali. Silenciamos aos poucos, envolvendo-nos com a casa e outros cuidados. No avançar do dia, aproximando-se do horário do nosso encontro online síncrono, a Leka postou uma self amamentando a filha mais nova e com o celular em mãos já aguardando pelo nosso momento juntas. Escreveu, no rodapé da imagem, “maternando e aprendendo”, e me provocou aos risos:

- Vai ter que mudar o nome do grupo, hein, Debi!?

Reagi com vários emotions de risos e coraçõezinhos. Eu vinha mesmo revirada com aquilo tudo que estava acontecendo no grupo. Uns dias atrás, numa conversa

superpotente e carinhosa com a querida Ligia Ferreira³⁵ sobre a minha pesquisa, tínhamos analisado juntas que o que vinha acontecendo no grupo de leitura era cuidado a nós mesmas, que estávamos nos maternando. Desta lembrança, respondi prontamente à Leka:

- Sabe que eu vinha pensando em mudarmos mesmo!? Refletindo que estamos produzindo sobretudo cuidado umas às outras e para nós mesmas, pensei em subverter um sentido comum da palavra maternagem, o qual entoa no nosso dia a dia como um cuidado ou uma relação da mãe com as filhas, e nos nomear “Maternando-se”. Ou seja, mulheres mães que se maternam, que cuidam de si. O que acham!?

Choveram mensagens, emotions e figurinhas de apoio e concordância com o novo nome. E uma das mensagens, a da Monaira, lembrou-nos da importância e poder de darmos nomes às coisas:

- Adorei a mudança do nome, combina com meu longo processo que iniciou em 2013 quando comecei a conhecer, investigar, identificar, e acolher minha criança interior. Hoje, ao ler o novo nome do grupo, digo que estou gestando uma imagem de mim criança. Ao pari-la, será melhor de visualizar internamente, quando este aspecto infantil de mim mesma se manifesta. Agradeço mais uma vez por tantos lampejos de ideias. Acredito que além de portos seguros externos como este grupo, preciso cultivar e fortalecer conversas mais assertivas e cuidadosas comigo mesma. O novo nome do grupo me veio como uma luva.

4.2 (Des)embaralhando as histórias

Minutos depois começou o nosso encontro online. A Renata iniciou. Como estava tudo fresquinho, ela retomou a conversa que tinha se iniciado com a Mel Veneroso e foi costurando com a leitura que fazíamos da Elisabeth Badinter. Foi trazendo reflexões, coisas que foi elaborando com as leituras e os nossos relatos. Ao que lhe parecia, os modelos construídos sobre o “amor materno” não só nos diziam

³⁵ A Lígia é uma vizinha do meu condomínio que um tempo depois descobri ser também uma parente distante do meu companheiro, o pai de minha filha. Além desses vínculos, nossa relação de amizade-parentalidade foi sendo atravessada por encontros e conversas sobre questões acadêmicas e sobre a minha pesquisa. Lígia dos Santos Ferreira é mestra em Literatura Brasileira e doutora em Estudos Literários pela UFAL. Tem muitas e notórias experiências profissionais, sociais, civis e acadêmicas, como ela mesma nos conta na apresentação do seu currículo lattes. Sendo que algumas coisas, em especial, aproximam nossos “currículos do viver”: gostamos de uma boa história, apreciamos o mar, e a força da natureza da dança. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6465685437690786>.

como deveria ser a nossa maternagem, como também nos colocava sempre em busca de provas do nosso amor pelas nossas filhas, e das nossas mães por nós.

E a Elisabeth nos provocou a pensar:

- E se tais provas não fossem encontradas, isso nos forçaria a concluir no sentido inverso: que não há/houve amor?

- Eu acredito que muitas vezes tiramos nossas conclusões por aí, inclusive julgando as nossas mães, respondeu a Renata. E seguiu pensando:

- Parece que a gente recebeu esse *check list* da boa maternidade, e basta ir conferindo se bate ou não: Amamentou? Banhou, e colocou pra dormir? Perdeu noites de sono cuidando da febre? Foi às reuniões e atividades da escola? Deu suco só da fruta? É um amor medido mesmo pelos nossos comportamentos, sem conhecer a história direito.

O manual que a Renata tinha ganhado para “ser mãe”, não contextualizava quem ela era, onde estava, quais as suas possibilidades. Ela sequer tinha sido consultada sobre como desejava construir sua própria maternagem. E as leituras oferecidas por Elisabeth Badinter, agora a faziam pensar sobre isso. A Zadú confirmou que as leituras também a carregavam nessa aventura reflexiva, e ela ficava pensando como é que tudo isso veio para nós. Pensava nas maternidades das nossas mães, de como é que a gente as percebe:

- Porque eu sinto que minha mãe foi presente, o tanto que ela pôde, eu consigo compreender algumas coisas. E se a gente for pegar como uma falta toda a vida que a minha mãe viveu, a gente acha, ou melhor, a gente diz que ela não foi uma boa mãe, e eu não sinto isso. Eu não sinto que minha mãe não foi uma boa mãe. Depende de como a gente vê toda essa história, né, de como a gente ouviu. Só que aí tem tanta coisa no meio disso tudo, que a leitura meio que traz, e que toda vez quando vocês falam também me remete...

Entrei na conversa, comentando como a confrontação de Elisabeth Badinter àquela perspectiva apoiada numa lógica de contraprova e os relatos da Mel e da Elisa no dia anterior no WhatsApp me faziam lembrar do que a pesquisadora Valeska Zanello discute em seu livro, sobre o *looping effect*:

- Minha gente! Lembrei do conceito de *looping effect*, que a Valeska traz no livro dela. Vou compartilhar com vocês, pra verem se faz sentido.

Eu não lembrava se era um conceito dela, achava que não. E também não soube destrinchar a teoria com as minhas próprias palavras. Mas estava muito tocada

(e bem empolgada, é verdade!), observando como aquela outra versão que a Elisa tinha elaborado, com a história da Mel, acerca dos cuidados de sua mãe com ela alterava sua percepção e sentimentos sobre aquelas experiências. Eu queria fazer alguma relação daquilo com o processo que víamos experimentando no grupo com as leituras e as contações de histórias, e tinha certeza de que a Valeska poderia me ajudar. Então, abri o livro e a própria autora se pôs a explicar:

- É assim, minha gente! A Valeska começou.

- Primeiro a gente precisa entender a produção de nossas identidades e emocionalidades como um processo mutável, pois ele depende da cultura além de outros fatores. E que somos subjetivadas enquanto mulheres e mães junto com tudo isso aí. De forma que as narrativas e histórias contadas a nós nesse processo de nos tornarmos mulheres e mães têm poder de influenciar nossas percepções, emoções e performances maternas, embora também sejam temporárias. Vou dizer por quê. E aí é que chegaremos ao conceito que você falou, Debi. Ao nomearmos certos processos ainda invisibilizados, como vimos fazendo aqui juntas no grupo de leitura, podemos alterá-los, provocando aquilo que Ian Hacking denominou de looping effect.

Interrompi a leitura:

- Acho que não era isso que eu queria dizer não...

Tinha ficado confuso para mim. Senti que faltava alguma coisa. Fui folheando o livro, atenta às minhas anotações. Retomei a leitura em outro trecho, buscando desenrolar aquela conversa com a Valeska Zanello. E logo ela trouxe palavras que pareciam dizer melhor:

- Vejam, minha gente! Socorreu-me a Valeska.

- Pensando sobre nós, mulheres e mães. Ao longo da história, foram produzidas concepções hegemônicas a partir da construção do mito amor materno e de toda uma mentalidade sobre o “ser mãe”, como vem nos narrando a Elisabeth. Inclusive a ciência, que não é neutra, também criou “definições” para entender e pensar os comportamentos maternos. Essas criações qualificam os comportamentos das nossas antepassadas e os nossos, são como leituras que dão sentido a essas experiências, e têm como consequência alterar a própria vivência delas. No meu estudo, eu faço uma relação disso com as formas como as mulheres avaliam as maternidades - as próprias e as das outras mulheres. Nesse processo, as narrativas predominantes influenciariam a forma como percebemos a nós mesmas, o nosso senso de autovalor e a maneira como lembramos e descrevemos a nossa vida. Mas

isso é bem mais complexo, e eu acho que não é intenção sua aprofundar aqui, certo, Debi!?

Não era mesmo a minha intenção para aquela ocasião. O que quis refletir com elas, do que que havia compreendido com a leitura da Valeska, era sobre os efeitos confusos, dolorosos e adoecedores que a ideia e o modelo hegemônicos de maternidade produziam para as/os filhas/os, para as mães, para as suas relações. Pois uma vez que as/os filhas/os e as próprias mães não conseguissem ou pudessem reconhecer, nas maternidades que viviam, as qualidades definidas pelo modelo, concluiriam que não tinham ou não eram uma boa mãe, e não conseguiriam ou não poderiam legitimar a maternagem única acontecida entre elas e eles.

- E é muito difícil não ter uma “boa mãe”, concluiu a Valeska.

- Nossa! É isso! Espantou-se a Renata.

- A gente começa a embaralhar as coisas: “É, realmente eu fui só. É, eu vivi mais na casa dos outros do que na minha casa”. Mas se eu for resgatar mesmo a questão da família, na infância, foi bom.

Começamos a perceber que a única história era mais uma história. Como a história que a Elisabeth Badinter nos fazia conhecer, como a da Mel Veneroso, e como as nossas próprias histórias. Tinha uma mistura que era formada no meio das histórias que íamos conhecendo nas nossas vidas, e agora com as leituras, como denunciara a Renata.

A Zadú tinha ficado realmente remexida com a leitura do capítulo do livro de Badinter, tinha feito muitas reflexões que gostaria de dividir com a gente, mas não conseguiu entrar muito na conversa pois estava muito doída e angustiada por uns fatos acontecidos com ela no dia anterior. Com as novas histórias e as trocas, conforme as leituras da Elisabeth e da Valeska nos convidavam, ela foi situando os comportamentos maternos, os da sua mãe, e os seus:

- Eu me pego pensando muito nisso, de que minha mãe saía, viajava. E agora que eu tô passando por isso, mas tô com o dedo apontado pra mim o tempo inteiro, como se eu não tivesse assistindo meus filhos, ou como se eu tivesse faltando, eu paro e penso nela. E lembro de que ela também saiu. De que ela, anos atrás, quando eu era mais nova, precisou. Então assim, ao mesmo tempo que isso me conforta, me angustia. Fico triste por estar sendo julgada pelos meus comportamentos, apesar de saber que tem uma droga de uma ideia tomando a cabeça das pessoas. E fico

insegura, às vezes. Não é fácil ser posta à prova o tempo inteiro; a gente fica em dúvida se tá mesmo fazendo certo.

As histórias trazidas com aquelas leituras nos abordavam: Será que fomos filhas bem cuidadas? Será que estamos educando bem? Será que depende somente de nós que as nossas filhas sejam bem-criadas e se sintam amadas? A Leka tinha destacado um trecho da página do livro, em que Elisabeth expunha algumas pregações do século XVII que questionavam o equilíbrio e a sanidade das mães, e imputava a elas a responsabilidade pela maior parte dos problemas das filhas. E ponderou, indignada:

- Pra mim faz muito sentido toda essa conversa com a Mel, a Elisabeth e vocês. Eu tenho é feito o exercício de largar a mão do controle, sabe, pois hoje eu questiono se tenho mesmo essa capacidade de definir o futuro das minhas filhas, as histórias delas. Não sou somente eu que interfiro nisso, não é uma condição natural minha como mulher e mãe. E eu já acreditei que era, e sentia muito medo de estragar minhas filhas.

- Que massa, Leka! Vibrou a Renata.

- Te ouvindo assim, eu pensei como foi incrível que a Mel quebrou a “régua de medir mãe” e validou o amor da mãe dela, vivido da forma delas. Mas também ela é pesquisadora feminista, né? Deve conhecer a história que estamos descobrindo agora com a Elisabeth e as outras intelectuais.

Aquilo que a Renata falou, sobre a Mel já saber o que só estávamos descobrindo agora com as leituras feministas me atçou sobre a circulação das nossas histórias de mulheres mães. Lá no começo da minha maternidade, eu tinha ficado intrigada por nunca antes ter ouvido sobre as questões do ser mãe como eu vinha vivenciando. Já que nunca tinha sabido nada das minhas avós, das minhas tias, da minha mãe. Também não me lembrava de ter conhecido aquelas histórias nos desenhos animados nem nos filmes, nem mesmo nos livros. Como eu poderia imaginar que a (minha) maternidade tinha uma história, que tinha sido construída, colonizada e conquistada?

Agora que nós estávamos conhecendo outras leituras sobre maternidades, isso voltava a me intrigar. As histórias existiam, havia vários rastros delas; e até escritos inteiros, muitos. Eu soube, pois agora vinha os encontrando na minha caminhada, inclusive com a pesquisa. E, no grupo, éramos todas mulheres escolarizadas. Mas

isso ainda não pôde garantir que aquelas histórias fossem conhecidas, que chegassem até nós. Fiquei ali, fuxicando comigo mesma.

Enquanto recontávamos com a Elisabeth, com a Mel, e com a Valeska, histórias sobre o amor materno, lendo e ouvindo umas às outras, foram aparecendo desajustes entre as nossas experiências e o que era narrado o tempo todo para gente. Há pouco menos de meia hora do fim do encontro síncrono, a gente foi como voltando para o começo. Foram surgindo mais histórias, revigorando a declaração da Renata: no (des)embaralho das coisas, dos (não)ditos, des-aparece uma história que não está nos servindo. Com as leituras, a Leka vinha recuperando a sua própria história:

- Agora, eu venho observando muito a minha história, a minha criação e das minhas irmãs. Não tive problemas com a criação nem a ausência da minha mãe. Meus problemas não vêm daí. Para as minhas irmãs, elas dizem que foi diferente. É muito legal a gente observar a nossa história, né!

E mais legal ainda era sabermos que essa história estava ainda em construção, como a Zadú voltou esvoaçada para nos contar:

- Minha gente, fiquei acompanhando nossas histórias com as nossas mães (porque eu tava aqui, né, conversando com vocês e comigo mesma dentro da minha cabeça). Tudo revirando com essas leituras. Quanto mais eu estudo mais percebo essas coisas que a gente aprendeu a pensar e sentir também sobre as nossas mães, né? Eu tinha ficado aqui, quieta, só acompanhando. Só sei que quanto mais histórias vocês foram compartilhando, mais eu fui pensando na minha mãe. Viajei tanto, que até como teria sido a criação dela com a minha avó eu imaginei. E eu não sei como foi. Deu tanta vontade de saber que eu fiz uma ligação rapidinho. Disse a ela que tava lendo com vocês sobre maternidade e que lembrei dela: “Foi só pra dizer isso, mãe”. Mande um beijo e desliguei.

4.3 Fazer histórias

No dia 16 de maio de 2021, estávamos na nossa roda online de leitura e conversas novamente, eu, a Leka, a Flor, a Zadú, para falarmos sobre o livro da Valeska Zanello:

- Enfim chegamos à Valeska, comentei com um sorriso embaraçado.

Eu sabia o quanto aquela leitura já vinha sendo visada para a nossa roda. A Leka já vinha comentando com o grupo suas descobertas e aventuras individuais com

a Valeska. Comentando, ora e outra, novidades conosco, ela nos provocava para um mundo ainda mais amplo e complexo do que aquele que vínhamos conhecendo com a Elisabeth. Um mundo que a Valeska havia narrado ia mostrando outros lugares para ela e para suas vivências de mulher.

Àquela altura da nossa caminhada, ela tinha encontrado diversas autorias e histórias feministas, tanto nos livros quanto nas páginas do Instagram, e fazia muitas leituras isolada do grupo. Ela compartilhava comigo muitas delas, às vezes no privado do WhatsApp, outras quando estávamos juntas no dia a dia ou em encontros sociais. Eu acompanhava de perto suas novas descobertas.

Em nossas conversas, cada vez mais apareciam discussões sobre nós mulheres, sobre masculinidades e outras questões. Questões de gênero, principalmente. Algumas versões do “ser mulher” faziam a Leka se sentir compreendida na vida e nas dores, de forma divergente de como eu me percebia. E isso tinha começado com as histórias da Valeska. Discordávamos na ideia dos sujeitos homem e mulher. Vivíamos encontros tensos, contornados pelo respeito e aceitação uma à outra. O fato é que eu estava muito reticente sobre o desfecho e impactos desses embates para a nossa tão valiosa relação, e também para o grupo.

Mas naquele encontro, ainda não chegaríamos às outras questões do ser mulher as quais vinham mexendo com a Leka. A conversa ainda era sobre maternidade, sobre o conceito de dispositivo materno. Nessa leitura, Valeska Zanello explicava para nós que o dispositivo materno atua fazendo um borramento entre a propensão biológica da mulher cis para ser mãe e a capacidade e a responsabilidade para o cuidado.

Somente eu e a Leka tínhamos feito aquela leitura; sendo que em outro momento passado. Tinha sido um movimento individual de cada uma de nós. Era uma história que eu eventualmente contava às mulheres que acompanhava na psicoterapia. E havia indicado à Leka justamente numa ocasião dessas. A Flor não tinha lido ainda, mas tinha assistido a um vídeo da autora falando sobre aquele tema no Instagram. Uma live que a Leka tinha compartilhado no ano passado, no nosso grupo do WhatsApp.

Naquela ocasião, ela comentara que gostava muito dos vídeos da Valeska porque eles mostram algumas situações em que o dispositivo materno atua e ela conseguia perceber na vida dela. E eu imaginava que esse era um dos movimentos

que a gente poderia fazer também no grupo com as leituras. Então lembrei de uma situação “fresquinha” que tinha me acontecido, e já fui logo contando:

- Mainha tava vindo de Porto de Pedras pra passar o fim de semana em Maceió, e vinha se comunicando comigo pra ver como seria quando ela chegasse, como seria o deslocamento dela do ponto de descida da viagem até a minha casa. Então ela me abordou pra ver se eu iria pedir um Uber ou se ia conseguir buscar ela lá e tal. Daí eu me dei conta de como isso era um padrão, de ela sempre abordar a mim e não ao meu irmão nessas situações de apoio, de cuidado etc. Ainda que ele tivesse fazendo uso do carro dela, emprestado há anos, ela sempre procurava a mim para a buscar quando chegava à Maceió.

Eu vinha refletindo que tanto a minha mãe me percebia como uma cuidadora natural, responsável por buscar e levar ela, e não o meu irmão, por exemplo; como eu, provavelmente, inúmeras vezes a abordava daquele mesmo lugar e não ao meu pai. E agora eu conseguia compreender mais a mainha e sentir menos raiva daquela situação, embora ainda me sentisse injustiçada pela desigualdade de cuidados demandados a mim em relação ao meu irmão. Naquela oportunidade recente, eu tinha comunicado isso a ela, de forma cuidadosa e compreensiva, convidando-a a observar também. Comentei com o grupo, ainda com uma sensação de dúvida sobre me expor:

- Eu venho relendo os meus movimentos e os da mainha, sabe. E a nossa relação, a partir dessa leitura da Valeska. E noto alguns deslocamentos meus.

- Olha, minha gente! Sabe o que eu penso? Interferiu a Valeska.

- É muito problemática essa concepção de que o cuidado diz respeito a mulher. De que é responsabilidade e obrigação essenciais da mulher. E a gente precisa mesmo falar sobre isso. Que história é essa!? Então por termos útero e podermos gestar, devemos ser responsabilizadas (só nós!), pelo cuidado? Foi forjada uma causalidade entre sexo e gênero, e é aí que se fabricam as nossas opressões e muitos sofrimentos maternos psíquicos.

Assegurando-me que a minha fala era pertinente e necessária, a Valeska Zanello se referia a opressões e adoecimentos que muitas de nós mulheres do grupo sofríamos na vida; mas não todas nós, e nem da mesma forma. Mas isso ela já sabia, e a gente vinha aprendendo e reconhecendo. A fala dela repercutiu para a Leka que combater essas opressões passava primeiro por questionarmos “pequenas” coisas:

- Eu acho problemático já desde as expressões, as nomeações. Fico encucada, sabe, pensando como a gente vai desconstruir uma noção tão antiga de que o

maternar não é capacidade essencial da mulher, se o próprio nome remete a lembrarmos das mães, do materno. É como a coisa do “ex-mulher”. Isso hoje pra mim é uma questão, pois acaba que a mulher continua sendo validada como mulher só, se e quando tem um homem. E quando se separa não é mulher mais não!?

- Falando assim você vai ficar como suas primas. Brincou a Zadú, ironizando a solteirice da Leka.

- Né isso! Respondeu a Leka rindo.

- “Se você continuar assim, vai ficar sozinha”. A Leka entrou na brincadeira, lembrando das falas dos seus familiares.

- Aff! Que coisa, né!? Resmungou a Flor.

- A gente é ensinada desde cedo que a gente vai ter uma família, aquela família tradicional.

E Flor se dava conta de que tinha aprendido bem a lição. Ela contou que teve dois relacionamentos longos antes do atual companheiro, pai do seu filho. E que sempre achou que não ia ficar sozinha. Agora ela se questionava como foi que chegou a pensar assim, sem se imaginar nunca na vida sem uma relação amorosa e uma família. Então veio a Leka, trazendo a resposta prontamente:

- É nosso dispositivo amoroso, né, meu bem. Não ouviu não a Valeska falando lá no vídeo que você assistiu!?

Caímos no riso. Ficamos um tempo por ali brincando com a história do dispositivo amoroso, comentando sobre nossas histórias de relacionamentos cisheteronormativos. Enquanto isso, eu ia paginando o capítulo do livro da Valeska, para a gente fazer mais conversas. Deparei-me com um trecho que eu tinha destacado na ocasião da minha leitura individual, e li para elas: “Segundo Forna (1999) ...”, começou a nos contar a Valeska Zanello passando aquela história adiante:

[...] a maternidade é um construto social e cultural que decide não só como criar filhos, mas também quem é responsável pela criação dos filhos. Em certos lugares desse mundo, a maternidade foi forjada de modo diferente. Há lugares onde a mãe não é a única responsável pelos filhos e ninguém espera que ela seja, onde o homem se envolve muito mais com a vida dos filhos, onde para a mulher não há conflito entre ter filhos e trabalhar, onde a mãe não é levada a se sentir culpada por suas escolhas pessoais (2018, p. 32).

A citação trazida pela Valeska reforçava para gente que tinha monte de história. Não era só a história que a gente conhecia, e que parecia nos influenciar tanto. E por falar em (más) influências, a Zadú lembrou logo do lance do embaralho das histórias.

Ela ficou pensando que confusão era saber quem somos nós mulheres mães, quem queremos ser, e como podemos ser aos nossos olhos e aos das outras.

Ficou pensando nisso e analisando a relação de uma amiga queridíssima, a Léa, com a própria mãe. Sua amiga confidente sempre reclamava da mãe, da falta de cuidado dela, por ela não fazer os cuidados tradicionais. Ela a julgava, e não a percebia como uma boa mãe. E a Zadú começou a notar que elas tinham um distanciamento porque, para a Léa, a prioridade da mãe sempre eram outras coisas à maternidade. A mãe dela tinha uma vida pessoal ativa mesmo, isso era fato. Mas o que a Zadú não sabia mais se era fato é que a mãe da Léa era uma mãe ruim só porque não performava aquela mãe per-feita que a única história nos fazia conhecer:

- Tem um jeito de ser mãe que é esperado da gente, né. A gente já sabe. Ela comentou.

- Mas aí eu fiquei imaginando, sentindo uma compaixão pela tia [a mãe da Léa], porque eu acredito que ela ama a Léa; e penso que elas poderiam estar mais felizes uma com a outra se não fosse essa história toda no meio. Porque eu observo que elas têm uma relação delas lá.... Sei não.

A Flor também sentiu compaixão pela mãe da Léa. Lembrou da sua tia, que sempre foi muito da farra, e ela ouvia muitas vezes as pessoas julgarem que ela deixava os filhos largados, como se a tia fosse uma mãe do tipo que abandona, “e eu acho que isso foi muito para a vida deles”, ela refletia:

- Os meus primos ficavam muito com a gente lá em casa, pra mãe deles sair. Quando ela morreu, o mais velho sentiu muita falta. Ele ficou perdido, foi uma morte repentina. Ele não se dava muito bem com a mãe. Hoje ele fala com muito arrependimento. Eu penso que por ter essa narrativa do que é uma boa mãe, e de terem o modelo da minha mãe por perto, eles viam isso, queriam ver isso na mãe deles e não viam... Ele sente um arrependimento de não ter visto a própria mãe, de não ter visto e sentido o amor dela por eles.

A tia da Flor amava os filhos enlouquecidamente, ela era apaixonada pelos filhos dela. Ela tinha muito orgulho deles. No final de sua vida, o filho primogênito estava muito afastado:

- E ele perdeu de viver isso, de tá mais perto dela, de entender mais ela.

Eu me emocionei:

- Nossa, Flor. Quanto desse amor recíproco, quanto dessa vivência parece não ter sido validada e sentida entre eles por causa dessa construção. Que coisa sofrida!

- E como é difícil pra gente, pra outras mulheres. Acolheu a Zadú.

- Ela também vivia a vida dela, além de ser mãe. O mundo continua assim, um monte de gente que não acolhe essa mulher, essa mãe. É uma luta pra mim, me colocar em primeiro lugar. Eu também sou gente, também quero me divertir. Mas só se pensa no que os filhos acham. O quanto ela cuida. Mas o que é que eles veem, né, o que é que elas acham? A gente nem sabe. Quantas mulheres estão no lugar dessa sua tia!

- E como o contrário também. Retomou a Flor.

- Como é difícil as pessoas enxergarem as qualidades das mães, aquelas que não são como as dos comerciais de margarina³⁶. Existem as mães que são presentes de formas diferentes da forma com é pintado como perfeito, como certo. E como é quando a gente se torna mãe? Como é a gente encontrar ‘que mãe sou eu’, que tipo de mãe sou eu. Eu me cobro porque meu filho tem comido muita massa ultimamente... “Você tem que ser aquela mãe que cozinha, que cuida da nutrição blá blá blá”. Quando minha mãe avisa que vem me visitar eu saio feito louca organizando minha casa, porque a minha mãe é aquela mãe padrão, tudo certinho e organizado. É a gente reconhecer o que somos nós: “Olha! Sou eu mesma, minha casa é assim...”. Ir se entendendo, ir se permitindo.

As versões das mães da Léa e da tia da Flor nos tocaram. Ficamos comovidas. Foi um encontro muito forte de maternagem coletiva que gerou compreensão e acolhimento, atravessando o tempo e as gerações: relemos nossas antepassadas, acolhemos mulheres que não conhecíamos, ou que tínhamos julgado em outro momento, e nos abrimos para as mulheres e mães dessa geração, ansiando fabricar lugares possíveis para as futuras mães.

Depois do encontro, fiquei um tempo com aquela questão da Flor: Como seria a gente encontrar ‘que mulheres mães somos’?

E duas semanas depois...

- Bom dia, mulheres! Como estão!? Eu as cumprimentei pelo WhatsApp.

- Passando aqui pra deixar um abraço, pra dizer que me disponho para nosso encontro nesse domingo, e sugerir este filme como disparador para nossas conversas.

³⁶ Referência a comerciais de televisão que trazem representações de famílias reunidas em torno de mães perfeitas e felizes.

Lancei a proposta compartilhando o link³⁷ do filme “Blue Mission” que estava na plataforma Netflix.

- Amei a proposta! Vou me organizar pra estar presente e de filme assistido. Confirmou a Mariama, junto com muitas de nós.

Aos seis dias de junho de 2021, estávamos todas organizadas e reunidas para conversar a partir daquele filme. Era um documentário que retratava a campanha da oceanógrafa Sylvia Earle, para salvar oceanos do mundo de várias ameaças. A história dela enquanto mulher e mãe era abordada discretamente, mas me parecia oferecer caminhos para aquela pergunta que a Flor havia formulado e que eu carregava comigo: como seria a gente encontrar as mulheres que somos? Além do mais, eu tinha achado a história de Sylvia Earle inspiradora e provocante.

Assim como a mim, tinha chamado atenção da Leka, que ficou encantada com a história audaciosa e revolucionária daquela mulher. Não somente do ponto de vista profissional, que era incrível. Mas da história pessoal mesmo, e no que lhe tocou mais: a história dela de mulher e mãe. Com a pesquisadora Sylvia Earle, a Leka fez um retorno à sua própria infância, lembrando as coisas [os sonhos] que tinha na vida dela:

- Eu sonhava ser aeromoça, ir pra cruz vermelha, tinha umas coisas assim na minha vida. Mas, depois de um certo ponto, eu acho que muito nova, uns nove anos, eu já queria ser adolescente, namoradinho... E não foi porque a minha mãe incentivou isso não. Muito pelo contrário, na minha casa a minha mãe sempre incentivou a gente ser muito independente. Mas não deixa de ser curioso, pra mim, como uma mulher vive uma vida daquela que a Sylvia viveu. Porque a maioria das mulheres, acho que noventa por cento das mulheres que eu conheço a pulsão da vida delas é um relacionamento, é família, é filho. Não que elas não se realizem profissionalmente, mas a história da Sylvia pra mim é uma coisa que foge totalmente da realidade que eu vivo, que eu conheço. Ali é muito claro, né, que a vida dela é o mar.

- E a mentalidade da época era de que ela estava mesmo fora do lugar dela. Começou analisando a Flor.

- Tipo, a preocupação da manchete do jornal, ao invés de exaltar o fato de ela estar ali, de ela ser uma mulher que na década de 60 ia pra uma missão daquele

³⁷ Link do filme: <https://www.netflix.com/title/70308278?s=i&trkid=13747225&clip=80004458&t=wha>

porte... Mas não, ficou preocupada com a questão de ela ser casada e estar num barco com outros homens.

Flor, que é também uma pesquisadora, conectou-se com uma sensação de desvalorização do seu trabalho na academia e na ciência, sobretudo depois que se tornou mãe. Ela se irritava como sempre os narradores das nossas histórias de mulheres e mães estavam sempre interessados em exaltar nossas vidas domésticas, apenas. Já nós, estávamos mesmo interessadas pelo que tinha intrigado a Leka, sobre como se construiria uma história de mulher e de mãe como a da Sylvia. Fuxicávamos como ela tinha vivido uma vida para além daquela que lhe era reservada como mulher.

- Não tem patriarcado no fundo do mar não!? Brinquei.

Caímos todas na gargalhada.

- Não sei como é que forma [uma mulher assim] não, mas hoje sei que elas existem. Essas mulheres estão virando meus cruchs hoje em dia. Que vida massa! Que mãe massa! A Leka entrou na brincadeira.

Fizemos várias piadas e rimos muito. Mas, a Leka, que já vinha bem atenta às sutilezas do patriarcado, rapidamente, retomou a história e criticou:

- Mas, Debi, eu tava pensando aqui... o que te faz pensar que a Sylvia escapou do patriarcado? Porque veja, ela se casou (e mais de uma vez), teve filhas... Então, eu me pergunto se ela não foi mesmo fisgada pelos dispositivos amoroso e materno.

Sylvia Earle tinha duas filhas e as levava para onde ia. Carregava-as para lá e para cá, entre viagens e expedições. Mudando de endereço, de escola, de vida. Como tinham feito as mães e madrinha da Leka e da Stef. Mas a Sylvia não tinha uma maternagem como a da “boa mãe” do modelo hegemônico. Ela tinha outra coisa, assim como as nossas mães. no embalo das reflexões da Leka, a Flor lembrou como é comum, no meio profissional dela, isso de carregar os filhos debaixo do braço; referindo-se às experiências das mães com mestrado, doutorado etc. E a Leka se projetou naquela costura de histórias:

- Olha eu aí no meu mestrado daqui a uns anos!

- É isso, Leka! Como a Sylvia se tornou essa mulher... Ela foi se encontrando, com grupos, com referências. Concluiu a Flor.

O que a Flor e outras de nós vínhamos refletindo e experimentando é que fazendo leituras de mundo em grupo a gente podia dar lugar às coisas que vivíamos e sentíamos, fazendo existir o que queríamos. Assim como nos contava o filme, que

a menina Sylvia se aventurava quando criança no quintal da sua casa, o qual dava para o mar, brincando de ser o que quisesse ser. A Leka também nos relatou ter, em algum momento da vida, imaginado ser o que quisesse. E o grupo validou:

- Pra gente não acabou, né! Assentiu a Flor.

Naquela fala, ela estava recordando um momento recente na sua vida profissional com uma orientanda. A graduanda que acompanhara tinha realizado um processo de escrita muito importante para si mesma, e que tinha sido uma realização desafiadora para a Flor. Elas tinham defendido, e o trabalho foi apreciado pela banca com muito sucesso. Aquilo fez a Flor repensar o “projeto” de mudar de carreira por causa da maternidade, o qual ela vinha considerando com muita dor:

- A gente vai se minimizando, se colocando num lugar de que não tem valor...

Ela, ainda emocionada e começando a chorar, dizia-nos que há sempre, na sua vida, uma questão de precisar ser reconhecida, de ser validada.

E eu acolhi aquela história:

- Sua fala é muito relevante, querida. Tô dizendo isso com eco nas nossas vozes de mulheres e mães, pois eu sinto reverberar em mim.

Contei da minha crise ao voltar para esse lugar acadêmico, como mestranda, depois de tantos anos. Do quanto me questionava enquanto pessoa que podia pesquisar, que podia produzir conhecimento, estando atolada com as minhas facetas de mulher e mãe. E fui compartilhando reflexões sobre o meu processo de pesquisar. Acabou que a conversa se contornou para a própria pesquisa:

- E como é que tá, Debi? Abordou-me a Leka querendo saber como eu estava querendo fazer a dissertação.

Confirmei que meu interesse era envolver a experiência do nosso grupo na pesquisa³⁸, e falei sobre as leituras feministas que vinham me apoiando. A Flor, que é acadêmica docente e pesquisadora me apontou alguns caminhos. Fui ficando nervosa, e confessei isso a elas. Elas se dispuseram a colaborar no que eu precisasse. Falamos sobre a submissão ao Comitê de Ética. Perguntei se elas topavam. Elas confirmaram e ficamos a compartilhar ideias, orientações etc. Até que a Zadú nos interrompeu:

³⁸ A pesquisa envolvendo o grupo de leitura foi aprovada pelo Comitê de Ética, através do Parecer nº 5.432.641. Vale ressaltar que além das conformidades previstas na Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016, pautamo-nos por uma ética construída com as participantes de modo que todo o processo foi acompanhado e produzido com elas.

- Quando ouço a gente falando sobre estudos dá tanta vontade de voltar a estudar!

A Zadú tinha parado de estudar quando engravidou, aos 17 anos. Estava no primeiro ano científico, como era conhecido na época. Um tempo depois ela fez um supletivo e conclui o Ensino Médio. Então, parou novamente e não voltou mais, pois não dava para conciliar com a maternidade e o trabalho. Ela imaginou, algumas vezes, ingressar no ensino superior, mas na universidade pública era improvável para ela e as mensalidades das instituições particulares comeriam boa parte do dinheiro que a sustentava com o marido e os filhos.

De lá, 15 anos depois, cá ela estava a trocar ideias comigo sobre a “nossa pesquisa”, empolgadíssima. Eu tinha mencionado que pensava em produzir uma história fictícia, mas que talvez seria uma coisa de criar personagens híbridas, misturando nossas histórias e tal. Então ela lembrou de um livro, “Três mulheres”, e me sugeriu que talvez eu conseguisse encaixar um modo de escrita com ele:

- Puta que pariiiiiii!!! Vai ficar massa! Ela começou a construir.

- Porque aí você pode criar realmente personagens, até porque você pode pegar uma fala minha e da Leka, por exemplo, e fazer uma outra coisa que você visualiza com essas falas, que não sou eu mas que vai ser usada como personagem...

- Aí você aproveita e já coloca aí a minha fala: “Hoje eu já acordei... É isso! É isso!”

E eu ali, ouvindo profundamente emocionada aquela mulher mãe preta que havia “deixado” os estudos lá no passado da sua vida, imaginei: “Hoje ela já acordou fazendo histórias sobre si”.

4.4 Só mais uma história?

Fazia quase um ano que nos encontrávamos. Era curioso como o grupo e as leituras, assim como a pandemia pela Covid-19, tinha realçado para nós mulheres mães as questões que vivíamos há tanto tempo, desde o doméstico, nos fazendo perceber de uma maneira nova. Agora politizávamos nossos sofrimentos, percebíamos e denunciávamos as opressões de gênero, cor/raça, classe social e, aos poucos, outras marcações que nos colocavam em lugares únicos na história do mundo, na história daquela pandemia, e nas nossas próprias histórias:

“Como a sociedade virou as costas pras mães –

Não é apenas sobre '*burnout*', é sobre traição."

Dizia a imagem e a chamada inicial do post³⁹ do Instagram que a Zadú compartilhou conosco no dia 12 de fevereiro de 2021, pelo WhatsApp. Ela se sentia tão esgotada e abandonada que aquilo lhe pareceu muito verdadeiro. Tudo aquilo que ela vivia, e agora percebia tantas mães vivendo, era uma história de traição:

- Ontem à noite eu quase mandei mensagem aqui pra falar sobre isso... Eu não me tornei mãe pra ficar sozinha com tudo não. É muita coisa pra dar conta, e eu não tinha escolhido isso não. Eu só tinha escolhido ser mãe. Aliás, hoje em dia eu não sei nem se escolhi isso também, ou se escolheram por mim. Mas enfim... A gente sabe que essa é uma enorme questão.

O que a Zadú referia como 'questão' era o contexto histórico, social e econômico no qual nos tornamos mães nos deixando levar pela corrente, como analisa Orna Donath (2017), e por conquista e colonização das nossas práticas e afetos, pelo sistema capitalismo-patriarcado-racismo-cishetero, como nos contavam Elisabeth Badinter (1985), Mary Del Priore (2009), Valeska Zanello (2018), Angela Davis (2016) Luara Baia (2021). A questão urgente, que lhe parecia pessoal, privada, (ou algo tinha ficado mal contado naquela história?), era que ela não aguentava mais essa maternidade:

- É muito injusto! O povo faz "Não quis ser mãe!? Então se vira aí com tudo sozinha...". E tem as porras das nossas próprias brigas psicológicas intermináveis. Só de dizer isso, dá vontade de chorar. Ela concluiu, quase sem fôlego.

- Muuuuuuuito!!! Respondeu a Renata, identificando- se.

- Aqui, enquanto ela [a filha] dorme eu surto sem saber por onde começar. Correndo, antes dela acordar... Senhooooor!

A Zadú sabia que não estava sozinha. A sociedade tinha criado uma maternidade que nos abandonava, e a gente já tinha percebido isso. Tinha a Renata, e havia de ter mais milhares de mulheres assim como elas. Ela sentia suas dores. E estava indignada, preocupada:

- Será que nossas filhas precisarão passar por isso!?

Rayane chegou acolhendo as duas, e se sentindo abraçada naquele desespero surreal em que estavam envolvidas. Na terça daquela mesma semana, ela tinha

³⁹ Link do post: <https://www.instagram.com/p/CLKaFQjHfSQ/?igshid=yxihz9v54vs8>

chorado o dia todo (o dia todo!!!) pensando em como pôr fim naquilo tudo. Estava tão cansada, como se estivesse mesmo vivendo um burnout, que teve ideias de desespero, tipo: “Será que só com a morte?”, desabafou:

- Sei que não, e também não sou uma suicida em potencial. Mas, cara, o que é isso? Hoje estou mais de boa, seguindo agarrada nos meus propósitos. Mas a cansaça psíquica tá aqui... pulsando. Confessou a Rayane, sentindo-se também muito traída.

Afinal, como nos dizia a matéria do New York Times sobre os efeitos catastróficos da pandemia nas mães, interpretada em resumo pela editoria do perfil @politicaeamae em fevereiro de 2021:

- Não é delírio de vocês não! O peso esmagador na saúde mental das mães reflete o nível do sentimento de traição.

Para a Leka, aquilo que a Rayane sentia não era loucura e muito menos exagero. Ela mesma já tinha imaginado inúmeras vezes se seria só com a morte o fim daquela angústia. Mas agora, com as leituras, ela vislumbrava que haveria outras soluções. Além do mais, com a filha do meio ela já tinha uma liberdade maior do que com a caçula, que era da mesma idade do filho da Rayane. Então acreditava que as coisas ficariam melhores para a ela também:

- Eu compreendo você, Rayane. Na sua dor e necessidade de acabar com ela. Até porque agora sabemos nomear melhor tudo isso que vivemos, né? Mas quando o seu filho for crescendo e ganhando autonomia, essa parte dos cuidados práticos deve suavizar.

Entre maior ou menor liberdade, tal como as maternidades da Leka e da Rayane as possibilitavam em fases diferentes, com filhas e filhos em idades diferentes, a Zadú seguia com des-esperanças sobre aquilo melhorar:

- Eu tava pensando ontem, daquele jeito, em fugir e sumir. E "isso não acaba não pelo amor de Deus, que agonia, que cansaço, que sensação de estafa que nunca acaaaaaba!". Eu digo nunca, porque não começou com a gente, e nem é só sobre a gente, não tá na gene não. É como o texto do post diz: “Não é burnout, é uma opção feita pela sociedade”. Só sei que opção minha de viver assim não foi! Insistiu a Zadú, e continuou:

- Não foi opção minha ter filhos pra viver assim. Eu não sabia que ter filhos era isso. E não é mesmo, né! Se ter filhos fosse isso, os homens não estariam por aí, pais

solteiros e descompromissados. Pagando dois reais e vivendo suas vidas. E eu, aqui, vivo entrando e saindo dessa indignação.

A Zadú tinha se separado do pai dos seus filhos, bem no começo do nosso grupo, e seguia sofrendo com as questões das desigualdades de gênero no cuidado e responsabilização. Queria “fugir” pois não sabia mais como sustentar a casa e os filhos. Sendo que o pai, quando convocado por ela a assumir suas responsabilidades e fazer uma feira para alimentar os filhos, aparecia balançando uma sacola com dois pacotes de biscoito e uma porção de queijo. Ele estava empregado, e bem empregado. Mas pensava que pagar a mensalidade da escola da filha mais nova já estava de bom tamanho.

O resto ficou com a Zadú, que é a mãe, ora essa. E que ainda tinha que acalmar o coração dos filhos. Como no dia anterior, em que o pai tinha ficado de ir buscar a filha mais nova para passar o fim de semana com ele, depois de dois meses sem a visitar, mesmo morando na mesma cidade:

- E o descarado não desmarcou em cima da hora pra fazer uma viagem com os amigos!? Explodiu a Zadú.

- Ah! Mas qual foi a minha surpresa? Isso aí é a vida dele de pai. Sempre interferindo na minha de mãe.

- E como isso dói, né? Confirmou a Rayane, acolhendo a Zadú.

- Como nossos corpos vão se enrijecendo com esses comportamentos, com essas diferenças. Dói muito! Sei que de certa forma os filhos também sentem isso. Tento fazer o movimento de entender, e diferenciar esses sentimentos. Mas é muito difícil.

O filho dela não via o pai desde setembro do ano passado. Com a separação, ela voltou a morar em São Paulo, e ele mora em Maceió. Em dezembro, ele tinha dito que iria a São Paulo ver o filho, daí o pai dele pegou Covid ele não foi. Depois, disse que estava arrumando o carro para ir... ela rememorou horrorizada:

- Detalhe: ele disse que "o carro é como um filho que está no hospital". Gente!!! Socorrooo, é demais! Enfim, ele não vem porque não quer vir. Se quisesse, faria qualquer coisa pra vir, e eu aqui precisando lidar com as frustrações do meu filho.

A Flor entrou na conversa fazendo uma lista enorme das diferenças na vida dela de mãe e na do companheiro, as quais impactavam seu dia naquele mesmo momento em que estávamos conversando pelo WhatsApp. Mesmo ela, que tinha um parceiro engajado, ficava com a maior parte do trabalho:

- Parei de escrever porque ENQUANTO eu tentava enviar a mensagem a criança pediu peito e eu estava ligando o computador pra ter uma reunião daqui a pouco. A criança tomou café tarde porque ENQUANTO eu tentava dar conta da reunião e do café da manhã o pai estava "acordando". Depois do café, ao invés de já ir cuidar do almoço e adiantar as coisas eu cuidava da criança ENQUANTO lavava roupa e o pai "precisava" fazer umas coisas (eu sou multitarefas o tempo todo, mas ele só faz 1 coisa por vez). ENQUANTO isso eu sou a mãe que continua dizendo "espera um pouco filho que mamãe tá fazendo isso e já já brinca com você", e o pai continua sendo o cara que sempre brinca e está totalmente disponível porque ele "não consegue" fazer 2 coisas ao mesmo tempo. Foi na base do textão, mas é isso, tô PUTA da vida e vocês me escutam.

Era o grupo que muitas vezes salvava a Flor. Por isso, mesmo atolada de coisas e cansada, ela investia parte do pouco tempo que tinha para conversar com as outras mulheres, pois ela se nutria de verdade, nós a escutávamos. Escutávamos como ouvindo a nós mesmas. Aquela problemática ocupava tanto as nossas vidas quanto o textão da Flor fazia corresponder. A queixa que ela gritou envolveu a todas. O nosso espaço no WhatsApp foi movimentado como nunca. Ficamos dois dias envolvidas em relatos e trocas, inclusive de participantes que se mantinham em silêncio por ali, como nos disse a Mia, atualizando-se nas conversas:

- Só agora atualizei todas as mensagens. Agradeço por terem colocado palavras aos meus sentimentos e angústias. Me senti super-representada pelas falas. E continuou adicionando mais uma problemática à lista da Flor:

- Ainda tem outra coisa, pai do meu filho me falava, ENQUANTO eu fazia mil coisas ao mesmo tempo, que era pra eu desacelerar e fazer uma coisa por vez. Porém, ele "nunca se deu conta" de que se eu não fizesse, acumulava (porque ele só fazia no tempo dele, ou não fazia) e depois eu teria que fazer tudo ao mesmo tempo, porém com maior sobrecarga. E aí, no fim, eu ouvia que isso era minha necessidade de controle.

- Bom dia, queridas! Aqui é a Laura.

- Que enriquecedor ouvir os relatos de vocês, me identifiquei com cada uma. Fico bem ausente aqui, mas passei rapidinho pra dizer que me senti abraçada por cada relato, e deixo meu abraço a todas.

- Eu também li e senti cada partilha. Surgiu a Thaylane.

- Sintam-se abraçadas por mim. Maternar é um desafio diário, dentro e fora dos nossos lares e mentes. Tem muitos paradigmas para serem quebrados e este é um dos espaços para isso. Na semana passada, quando compartilharam aqui aquela postagem de uma mulher oferecendo faxina a 20 reais, devido às necessidades extremas que passava nessa pandemia, e uma mulher branca da elite se aproveitando disso, vi nela muitas mulheres como a minha mãe.

A mãe da Thaylane tinha sido diarista e faxineira dos nove anos de idade até os 40. Passara por coisas que a gente nem imaginava que uma mulher mãe seria capaz de sofrer. Essa era uma das faces do nosso país, certamente uma das mais perversas faces do abandono às mães, a qual muita gente como nós no grupo não via, e que a história da Thaylane nos fazia saber. E que nos fazia conhecer melhor a nós mesmas:

- Nove anos?! Admirou-se a Leka.

- É muito triste ler isso.... Obrigada por partilhar sua história, Thaylane. Eu leio isso e reflito sobre essas realidades tão distantes de mim e só posso oferecer meu abraço, escuta e tentativa de melhorar o mundo por perto de mim através de minhas ações e da criação de meus filhos.

- É doído ver o abismo que nos separa, principalmente em situações de crise. Sigo esperançosa por dias melhores. Confirmou a Thaylane.

Aproximamo-nos da dor da Thaylane. Queríamos a abraçar, e poder abraçar a mãe dela e as mulheres que ela nos permitiu imaginar ali. Queríamos as ouvir, as maternar. Ficamos tocadas por ela nos contar sua história, não como “histórias para ‘ninar os da casa grande’ ” como diz Conceição Evaristo (2005). Mas como histórias vividas que precisam ser enxergadas; que precisávamos escutar, incomodar-nos, repararmos, como a Thaylane nos convocava.

Assim como a Leka, queríamos muito tentar ajudar a transformar o mundo que a Thaylane e as mulheres da vida dela viviam também. Queríamos aprender caminhos de nos aproximarmos mais, e a Thaylane julgava que as leituras eram uma alternativa, que poderíamos seguir por ali:

- Tô me organizando pra começar a ler Conceição Evaristo. Temos tanto a aprender com ela! Vamos juntas construindo o futuro que tanto desejamos. Como eu sou feliz por estar aqui, por poder vivenciar essa partilha e acolhimento. Estamos juntas, queridas! Ela nos confiou.

Continuamos aparecendo uma por uma, trazidas pelas dores marcadas nos nossos relatos e pela alegria de estarmos ali, juntas. Lendo e relendo as falas umas das outras, nos sentíamos representadas, nomeávamos as sensações, emoções, inquietações e as problemáticas que vivenciávamos. As questões que antes pareciam estar dentro da gente, ou dos nossos lares privados, e que havíamos descoberto como permeavam nossas histórias de mulheres mães, em diferentes tempos e lugares, pois eram problemáticas estruturais. E isso não queríamos esquecer jamais:

- Foi bom mesmo você nos lembrar que os problemas que vivemos e compartilhamos aqui estão “dentro e fora dos nossos lares e mentes”, Thaylane. Voltou a Leka, erguendo a voz.

- Acho fundamental a gente não perder isso mais de vista, sabe. É como o post disse aí. Chega dessa história de colocar a culpa e a responsabilidade nas mães, como se a gente quem não tivesse sabendo lidar com a maternidade. Gostei muito quando o texto analisou como uma perspectiva de traição aponta diretamente para as estruturas quebradas ao redor das mães. Foi o que a Zadú e a Rayane mostraram. Não é mesmo uma traição todo mundo, a sociedade toda, ficar incutindo ideias sobre termos filhos e depois nos deixar sozinhas com todos as questões?

- Sorte a nossa que estamos juntas aqui! Celebrou a Monaira.

- Não foi à toa renomearmos o grupo de leitura, né! Lendo agora o post, isso deu ainda mais sentido e força para mim.

“Minha esperança é que, ao reconhecer a natureza sistêmica do problema, as mães possam se libertar da culpa e do estresse que não merecem”, era a mensagem que a Monaira referia do post. Era um pouco como ela vinha se percebendo:

- Eu tenho esperança no que estamos fazendo. Embora não seja nada simples, não tô iludida. Mas tô inundada de esperança, e com essa consciência, vou tentando umas coisinhas que estão ao meu alcance.

Chegada há poucos dias na sua casa nova, ela pensava em formas de diminuir as demandas: “tipo um prato, talheres e copos pra cada um”; contou-nos, sorrindo, meio envergonhada. Mesmo ciente de que isso nem de longe resolveria nem a ponta do iceberg, ela buscava formas, dentro das suas possibilidades, para lidar com aquelas questões que faziam sofrer todas nós.

Questões que nos atravessavam de formas diferentes, como estávamos aprendendo com Angela Davis (2016), Luara Paula Baia (2021), Conceição Evaristo (2020) e tantas outras. Aquelas leituras nos contavam mais sobre nós mesmas, e

sobre outras mulheres e mães, permitindo nos aproximarmos e cuidarmos umas das outras. Como compartilhou a Leka:

- Uma estratégia que tem dado certo pra mim é fortalecer as mulheres.

Em seu ambiente de trabalho (profissão militar, um dos lugares mais machistas e opressores que ela conhece), Leka não encontra ninguém com a mentalidade que tem hoje. Daí ela vai tentando fortalecer as mulheres. Quando elas estão nessas situações de opressão, ela se aproxima, fala alguma coisa em apoio.

Já na vida privada, ela e a Flor vêm se articulando para apoiar a Lua, diarista que presta serviços nas casas de ambas. Lua tem duas filhas e um filho, e sonha em trabalhar com confeitaria, mas mal tinha tempo de cuidar deles e da própria casa. Então elas tinham elaborado uma diminuição da jornada de trabalho da Lua em suas casas, sem prejuízo de remuneração nem direitos trabalhistas, buscando facilitar a outra atividade que ela desejava, assim como o tempo dela na própria casa com os filhos. E mais, tinham a estimulado a fazer terapia, viabilizando um período de tempo dentro dessa jornada de trabalho.

Mas não estávamos satisfeitas com os nossos discretos movimentos, e nem mesmo iludidas sobre somente as nossas micropolíticas poder mudar as coisas. Já reconhecíamos que o problema era estrutural, enxergávamos e sentíamos as ‘estruturas quebradas’, estivessem os pais das nossas filhas junto conosco ou não. Como era o caso da Leka, que mesmo separada passava por coisas semelhantes ao que relatavam as que viviam com seus companheiros:

- É ISTO! Mesmo separada, passo o mesmo. Sou a multitarefas e eles os pais brincalhões. O interessante é que lendo tenho compreendido tudo isso de outra forma. A leitura tem me dado mais luz e conforto. E aí tem outras leituras, como a da Valeska Zanello, que me ajudam a perceber como eles, os homens, não são socializados para todas essas questões. É tão fácil para o homem se desresponsabilizar de qualquer “obrigação” de casa e de filhos. É tão pouco pesado, ou ele pode simplesmente não fazer, e optar sempre, SEMPRE por si. Hoje me veio muito isso pela minha vivência e leitura atual.

A vivência da Leka tinha sido a crença na formação de uma família no modelo cristão. Embora ela não estivesse dentro das igrejas, e nem nomeasse assim, o que ela sonhava para a própria vida quando aceitou ter outra filha foi que eles (ela e o pai) cuidariam juntos. Ela jamais havia imaginado maternar sozinha, nem dentro nem fora

do casamento; como continuava acontecendo com na sua maternidade solo. Ela se sentiu envolvida e iludida pelo “pouco de pai” que a sociedade a oferecia.

A Leka não queria maternar só, nenhuma de nós queria. A gente nem imaginava que seria assim. Tínhamos sido iludidas; traídas. Além do quê, a gente nem podia mais continuar assim; estávamos adoecendo, e as próximas gerações também sofreriam com isso. A certeza de não querer maternar só, ou de não ter escolhido ser mãe e ficar sozinha nessa experiência, abandonada pela sociedade nessa responsabilidade, e de poder validar todos os afetos insurgentes, foi uma conquista que as mulheres foram realizando no grupo e com as leituras:

- Oi Mulheres, boa tarde! Aproximou-se a Luiza.

- Grata pela partilha de todas. Estejam certas que muito me serve. É muito libertador sentir e falar sem medo sabe, além de tomar consciência das estruturas. Porque de fato este momento está sendo muito diferente. Eu não escolhi estar grávida e muitas vezes me sinto cheia de pensamentos e sentimentos não permitidos pela sociedade.

A Luiza estava grávida da sua terceira filha. A gestação chegou em um momento que o florescimento da vida profissional dela saltava aos olhos, de modo que o corpo dela não podia ignorar. Ela estava feliz. Estava realizada profissionalmente como há muito tempo não vinha sentindo. E tentava lidar com a dolorida afirmativa de não querer mais ser mãe. Além de interromper a sua carreira, ela já sabia da sobrecarga da maternidade que as outras mulheres do grupo estavam denunciando. Naquele momento, ela se pegava sentindo muita raiva.

O nosso pequeno grupo social, ao contrário, permitia aqueles sentimentos. A Zadú, então, expressou compreensão a ela pela privação de coisas da vida que tanto curtia, além do trabalho que ela vinha amando fazer:

- Que bom que você se permiti sentir essa raiva, querida.

- Pura verdade! Apoiou a Renata.

- Preciso canalizar a raiva urgentemente. Vivo me imaginando quebrando coisas pela rua.

Rimos juntas. Rimos muito juntas, por um tempo. Quando, entre uma gargalhada e outra, entrou a Margarida:

- Olá! Acolho cada palavra.

Ela nunca tinha falado no grupo. Nem pelo WhatsApp e nunca tinha estado em nenhum dos nossos encontros online. Ela tinha encontrado o grupo de leitura em

meados de janeiro de 2021, quando tinha chegado a mim, no privado do WhatsApp, por trocas de contatos e indicações via redes sociais. Não nos conhecíamos, nem eu e ela, nem ela e as demais mulheres do grupo. Naquele momento, ela apareceu suave, amorosa, e começou a nos confiar tão delicada história que nem parecia ter sido trazida pela (nossa) raiva:

- Meu marido faleceu 20 dias antes de minha filha nascer. Então, janeiro é o mês de morte dele e nascimento dela. O nascimento dela e o puerpério são indescritíveis para mim, porque eu descobri, após três anos e meio com as leituras dos livros de Laura Gutman, quais eram as sombras que me afetavam. Descobri e ainda continuo descobrindo quais sombras minhas a minha filha me mostra. É meio endoidecedor. A criança revela a nós mesmas nas dimensões que nem sabemos que existem. Elas nos fazem perceber dos contratos que firmamos ou não quando optamos, em conjunto com alguém, a ter um filho juntos. Meu estresse maior era o cansaço emocional de ter que criar uma filha sozinha enquanto o combinado era criar juntos. "Ah, mas ele morreu!" Saber disso não fazia diferença para mim. Eu continuava a sentir raiva e a cada dia ficar mais cansada e sugada, considerando também toda demanda física de trabalhar fora, de cuidar da casa e da minha filha sem ajuda familiar. Continuei buscando nas leituras e descobri que a minha questão maior era que eu não tinha decidido ter um filho por mim mesma. Minha decisão foi em acordo com meu companheiro. E, com a morte dele, e o cansaço, tudo piorava porque ele morreu e não estava cumprindo o que havia combinado comigo. Juntou a decisão, que não foi minha mesma e só minha, para depois ser em conjunto com a ausência dele... Eu precisei fazer esse movimento porque esse conflito meu desencadeou um tipo de "tic" na minha filha, que ainda era uma bebê, de piscar os olhos voluntariamente (digo porque fiz todo tipo de tratamento que encontrei e nada ajudou). Quando eu aceitei (ela já tinha 3 anos e meio) como minha responsabilidade primeira o fato de ter decidido ter um filho e que só depois desta aceitação poderia ser uma decisão conjunta com o pai dela, minha filha parou de piscar. E, quando eu entrava em conflito de novo, ela piscava e eu dizia para ela que mesmo eu estando cansada eu era responsável por ela e que a amava. Que eu tinha escolhido ser mãe dela, voluntariamente e que agora eu estava consciente disso e aceitava com todo amor que eu tenho em meu coração. Que ela poderia parar de piscar que eu já havia compreendido isso. Com o passar dos dias, ela parou totalmente de piscar e eu nunca mais senti raiva dele. Imagino que se ele tivesse vivo também agiria como a maioria

dos homens. Não sei como eu me sentiria, se seria algo parecido com o abandono que eu senti com a morte dele e a chegada de minha filha. Mas sou grata a partilha de cada uma de vocês. Não me sinto só neste meu desejo e busca incessante de me cuidar e de cuidar melhor dela. Não conheço vocês, mas sei que somos uma só...

5 UMA HISTÓRIA DE TODAS NÓS

Quando recebi o convite da Débora para fazer parte da sua dissertação de mestrado foi impactante. Ela pensou, a princípio, contar a história de uma mulher mãe que viveu vários processos como participante do grupo de leitura, e em outras experiências com ela, fazendo ver minha história como uma história de muitas de nós. Vejo na minha vida um percurso tão comum, de uma mulher socializada a partir da descoberta de meu sexo para ser tudo aquilo que esperam de nós (mulheres), que realmente não via ou vejo muito o que dizer da minha vivência. Por outro lado, me senti empolgada e aceitei o convite sem pensar.

Depois ela propôs para não mais ela contar a minha história, mas eu mesma a escrever. Fiquei emocionada com isso, confusa e com receio também, especialmente pela forma acadêmica de escrever. Mesmo acompanhando o processo dela e sabendo que ela estava propondo algo muito diferente das normas da academia, ao mesmo tempo, consciente de que ela buscava uma ciência a partir de histórias não hegemônicas, senti-me confortável e instigada em fazer parte dessa des-construção. De repensar e reestruturar a ciência das ideias e teorias apenas, e não do que se vive na pele.

Desde o momento que ela me convidou até começar a escrita fiquei pensando muito em como iniciaria e resolvi só abrir o documento e escrever. Vou começar pelo fim, penso ser assim mais fácil para mim e para quem lê. A Debi e eu temos uma relação de amizade, linda, cuidadosa e que me ensina a cada diálogo a falar melhor sobre o que sinto e a cuidar de quem quero manter em minha vida. Preciso dizer também que essa relação já foi de terapeuta (ela) e paciente (eu), de facilitadora de leituras de livros em grupos e participante leitora, de organizadora de rodas de apoio a mães no puerpério e mãe puérpera. E foi assim que iniciamos nossa história.

Preciso dizer isto, pois penso que revelar e afirmar essa história é muito importante e potente, para nós duas e para as mulheres. Pois sabemos que de acordo com a ética posta, essa nossa relação nem deveria existir, devido à distância que paciente e profissional necessitariam manter. Em parte, concordo. E foi assim durante o processo terapêutico. Até eu entrar no movimento de alta. Naquela ocasião, tivemos uma conversa tão franca que ainda hoje me emociona. Choramos juntas, falamos da importância desse processo para nós duas, e ela trouxe uma questão que me deixou

muito feliz e grata pela forma como se colocou aberta a minha resposta: - Agora, precisamos pensar que tipo de relação queremos e iremos nutrir a partir daqui.

Nossas vidas, naquele momento, já tinham um entrelaçamento expressivo; devido às rodas de pós-parto, ao grupo de leitura e uma pesquisa da UFAL sobre educação para profissionais da saúde que lidam com mulheres no ciclo gravídico-puerperal, na qual estávamos trabalhando juntas também. Diante disso, eu só a falei que gostaria de estreitar nossa relação e presença nas vidas uma da outra, pois para mim fazia sentido. E assim foi... E assim tem sido. Hoje somos amigas, por vezes confidentes, suporte, rede de apoio; fazemos viagens, planos. Tantas e tantas coisas. E é também por isso que conto essa história, para celebrar essa relação. Viver e celebrar relações de amor e genuína amizade com as mulheres tem sido, talvez, o maior impacto na minha vida de tudo que tenho reaprendido com o feminismo.

Esse é o “fim da história”. Que deu início a outros começos. Mas a história que fez acontecer nossa relação, e que a Debi, acompanhando e conhecendo, imaginou trazer neste capítulo final, eu vou começar a contar agora.

Nasci em Maceió/AL, numa família onde meu pai e minha mãe eram casados, e tinham condições financeiras e sociais excelentes. Estudei em escolas particulares a vida inteira, fiz ballet, viajei, fui sendo construída a partir de e com de muitos privilégios. Sou uma mulher branca, policial militar, enfermeira, mãe de um homem de 25 anos, e de duas meninas, uma de nove e a outra de quatro anos. Cada um de meus filhos tem um pai diferente.

Sou a filha mais velha das três irmãs de um casal jovem, a primeira neta de ambos os lados. Quando chegavam presentes para os netos, eu escolhia primeiro. O brinquedo rosa era sempre reservado para mim, pois eu era a “princesa da casa”. Fui criada brincando de casinha e boneca, sonhava em ser princesa e acreditava que precisava e ia achar, meu príncipe encantado. Assisti ao filme “A Pequena Sereia” mais de 50 vezes, sabia as falas e músicas decoradas. Com ela, eu internalizei que “o homem abomina tagarelas, garota caladinha ele adora”. Escrevo isso ainda sentido o ritmo e a melodia daquela música.

Porém tive também outros sonhos. Eu me lembro que quando criança sonhei em ser aeromoça, sonhei também em ser do programa médico sem fronteiras, e ir para países subdesenvolvidos, cuidar de quem não tinha acesso ao mínimo para sobreviver. Resgatei essas memórias na psicoterapia. Assim como me dei conta de

que não encontrei no meu caminho histórias que mostrassem e validassem esses lugares para mim.

Por muito tempo, o que me era latente foi que eu PRECISAVA casar. Tenho muitas lembranças dessa minha busca, eu achava que o meu problema era não ter uma família estruturada; isso porque meus pais se separaram quando eu tinha 11 anos. Não saberei confirmar desde quando, mas tenho a impressão de que sempre sonhei em ser mãe. Hoje eu sei que esses eram meus dispositivos amoroso e materno, funcionando a partir das mensagens que o mundo me passava por ser mulher, como traz muito assertivamente a Dra. Valeska Zanello.

Aos 18 anos tive meu primeiro filho, fruto de uma relação de seis anos, com um homem que inclusive me violentava fisicamente. Porém, nessa relação eu tinha o que sentia falta em casa, eu tinha a tal família estruturada: a mãe que não trabalhava fora e que se sacrificava pelos filhos e pela família, que cuidava da casa e do trabalho doméstico, que reunia a família na hora das refeições, que me recebia com a comida quentinha. Isso sim era família! Era aquilo que eu buscava nas minhas relações, e era aquilo que eu ia buscar para os meus filhos.

Minha mãe casou muito jovem, e ela me relata hoje que não queria casar. Mas na época ela ‘teve que’, pois engravidou e a família dela a exigiu isso. Minha era uma mulher linda, livre, ela saía, bebia e dançava com amigos. E, após a separação, ela deixava as três filhas com outra adulta – avó, tias, babás - e ia viver. Eu presenciava isso, essa alegria e essa vida desejante dela. E isso era conflituoso para mim: por vezes eu sentia raiva e tristeza por não ter aquela mãe cuidadora; ao mesmo tempo eu tinha a sensação de liberdade e alegria quando a via naqueles movimentos, e isso mexia comigo de uma forma boa.

Tantas coisas eram confusas para mim. Minha mãe parecia estar bem sem um homem na sua vida. Ao mesmo tempo ela me dizia que o homem devia prover, o homem devia manter a casa. Já meu pai não perdia oportunidade de me dizer que eu ficaria só se continuasse a ser como eu era: respondona e “briguenta”, segundo ele. Era o que também me dizia Úrsula, a bruxa da história da pequena sereia. E isso me marcou demais. Eu o amava, e queria ser a Pequena Sereia. Acreditei nisso a ponto de aturar muitas relações e padrões abusivos, para não receber o pior castigo a uma mulher: não me casar e não constituir uma família.

Quando meu primeiro filho nasceu, eu achava que iria brincar de boneca. E quando me vi responsável por uma vida foi muito difícil e traumatizante. Na época

minha mãe sugeriu que eu tinha que ir morar com o pai do meu filho na casa da família dele, mas eu não quis, pois já sofria com aquela relação abusiva. Então, segui minha nova vida de mãe na casa da minha mãe. Eu era muito jovem, queria sair, beber, ir as festas, curtir. Mas embora sempre tivesse apoio para deixar meu filho e ir me divertir, eu tinha que voltar e me responsabilizar.

Entre o nascimento de meu filho até conhecer o pai da minha filha do meio, vivi cerca de cinco anos entrando e saindo de relações amorosas que em geral foram abusivas. Até que conheci o pai da minha terceira filha, um homem branco, concursado, educado, galante.... Enfim teria encontrado o príncipe dos meus contos de fadas: ele tinha estabilidade financeira e não me explorava, ele me assumia publicamente como sua namorada, cozinhava para mim, era muito carinhoso e romântico, e encantava meus olhos com sua beleza dos filmes que me faziam suspirar. Namoramos alguns poucos meses. Terminamos e eu sofri muito; aliás, términos eram muito sofridos para mim, eu idealizava muito uma vida a dois.

Oito meses depois desse rompimento conheci o pai da minha filha do meio. Passamos 12 anos juntos, foi uma relação boa, de muito cuidado e zelo. Porém, eu sentia falta do meu corpo vibrando; afinal, ele era meu par amoroso e eu deveria sentir o desejo pulsando sempre nessa relação. Então busquei muitas igrejas, achando que lá encontraria a tal paz e as respostas que precisava, queria sanar esses conflitos. Entretanto lá eu só encontrei mais confirmações daquilo que eu já ouvia a vida inteira: padres e pastores me diziam que “a mulher sábia edifica o lar”. A mulher sábia seria mesmo aquela paciente e calada das histórias do meu pai e dos contos de princesas.

Quando nos separamos, reencontrei o meu príncipe de 17 anos atrás. Aquele belo aos meus olhos, dos meus contos de fadas, não sabia eu que era um verdadeiro Barba Azul; figura que eu conheci depois no livro “Mulheres que correm com os lobos”, de Clarissa Pinkola Éster. Meu corpo vibrava com o que tínhamos juntos; mas era tão bom quanto era ruim e massacrante. Havia violência psicológica, controle e possessividade, havia agressividade, mesmo sem agressão física, havia desespero, ansiedade e frio na barriga, eu vivia pisando em ovos.

Ele dizia que ‘sonhava em ser pai’ e falava exaustivamente o quanto queria realizar esse sonho e que eu era a mulher perfeita para isso. Eu muito encantada com essa fantasia da princesa que teria seu “felizes para sempre”, sequer atentei aos sinais tão evidentes. Eu não tinha consciência dos problemas da maternidade, mesmo com outros dois filhos, acreditava na história da maternidade que era vendida; e de acordo

com ela, eu não teria encontrado ainda o parceiro certo, ou não teria conseguido ainda ser a mulher certa. E eu queria realizar aquele sonho de menina, o sonho de casar com o amor da minha vida e formar “minha família de comercial de margarina”.

Em poucos meses engravidei. Mas já na gestação meu corpo entendia que aquela situação não era boa ou confortável; eu precisava me calar para manter o conforto do pai da minha filha, pois ele controlava cada coisa que eu queria fazer, inclusive as músicas que eu queria ouvir no parto. Quando a nossa filha nasceu, um pouco antes fui morar na casa dele, mas as brigas e discussões eram cada vez mais frequentes, ora porque ele implicava com minha filha do meio e com o jeito como eu a criava e a acolhia. Ora porque ele ia viver a vida dele e fazer coisas que o deixavam feliz e não observava a minha sobrecarga e responsabilidade com as crianças. Eu pedia que ele lesse, para se preparar junto comigo para uma criação respeitosa e ele só ignorava. Para mim, ficava cada vez mais nítido que ele nada mudaria na rotina e na vida dele, e que o sonho dele sobraria para mim.

Não era a primeira vez que eu me deparava com problemáticas como aquela que eu estava vivendo. Durante o puerpério da minha filha do meio, na busca de meios para estabelecer a amamentação, comecei a ter acesso a informações que tratavam da humanização do parto e nascimento, criação respeitosa e outras temáticas que me oportunizaram conhecer conteúdos feministas: ouvi o termo violência obstétrica pela primeira vez, ouvi sobre o patriarcado e o controle de corpos de mulheres. A partir desses materiais passei a me interessar sobre a história das mulheres e muito mais. Na época, eu cursava a faculdade de enfermagem e passei a buscar cursos e congressos voltados a essas temáticas. O que foi aos poucos me causando muitas inquietações, e isso foi só o início da transformação que passei.

Em meio àquele sofrimento que eu, de certa forma, conhecia, mas não sabia nomear, eu tinha muitas conversas com minha prima fotógrafa. Nessa época, ela fazia parte de um projeto de rodas de apoio ao puerpério, e sempre me indicava muito aqueles encontros; insistindo que eu deveria ir. Não dei muita atenção no início, nem pensei sobre aquilo, até porque eu estava “no olho do furacão” do puerpério, vivendo várias dores ao mesmo tempo, minha filha caçula com apenas dois meses, meu mais velho morando sozinho em outro apartamento e uma relação amorosa completamente conturbada e instável. Então, um dia, no meio disso tudo, eu só aceitei o convite e fui.

Quando minha bebê estava com três meses comecei a frequentar essas rodas. Lá, reencontrei a Débora e a Liliane (que eu já conhecia das rodas de gestantes).

Aquele local era tão acolhedor: recebia mulheres mães e crianças pequenas, sem imposição de regras, com conforto, chá quentinho, conversas superabertas, provocações sobre a maternidade e sobre os lugares e comportamentos postos a nós mulheres ao longo da vida. Foi tão potente que não parei mais de ir.

Naquele ano, mês a mês, comecei a conhecer mais mulheres mães e cada nova roda eu me sentia mais inquieta e mais pertencente. Não havia só “reclamações”, havia diálogo, escuta ativa, partilhas e informações. Num desses encontros perguntei à Débora se ela poderia ser minha psicoterapeuta, pois eu vivia um momento crítico da relação conjugal. Ela confirmou, e acertamos tudo. Dali em diante, semanalmente eu tive o apoio da psicoterapia, presencialmente, além das rodas mensais.

Assim seguimos até o final de 2019, eu, ela e as mulheres da roda. Tivemos nossa confraternização das Rodas; foi um dia lindo e feliz, mulheres e seus bebês, abraços, um amor e um cuidado que não me lembro de sentir em outros lugares. Fui aprendendo que estar com e entre mulheres nessas situações que permitem nos colocarmos em movimentos de pensar, trazia-me força, renovação e sensação de pertencimento. Aquele mundo imaginário que eu fui doutrinada a acreditar que era o único possível para mim, por ser mulher, se desfazia, e eu começava a entender que haviam outros lugares, outras formas de existir. Começava a compreender e a acolher quem eu era de verdade: eu era diferente daquelas histórias de princesa.

Foi um processo doloroso, a cada sessão com a Débora eu saía mais mexida, eu me questionava mais, eu buscava mais. E a cada encontro com essas mulheres, todo esse processo só se fortalecia. Passei a ter uma sede de ler e de questionar TUDO que me colocavam como “verdade absoluta”. No meio dessa transformação, de uma separação conturbada com batalha judicial envolvida e do puerpério da filha mais nova, entramos 2020. E em março, foi decretada a pandemia da Covid-19.

No meio do turbilhão que me atravessava, vou eu (vamos nós) viver um período de enclausuramento por tempo indeterminado. Senti pânico por mim, meus filhos, minha mãe, o mundo em geral. Era tudo muito incipiente e novo, eram muitas notícias, ao mesmo tempo muito silêncio e incerteza sobre o vírus. Eu estava voltando ao trabalho há dois meses após uma licença maternidade, férias e licença especial. Naquela ocasião ainda amamentava, mas trabalhava em serviço essencial e não podia parar. Não podia contar com quase ninguém. Minha mãe é idosa e precisou se isolar, minha diarista também precisava se manter com saúde, então ficou em casa, sem trabalhar fora e cuidando dos seus. Eu e meu filho cuidamos da casa,

faxinávamos toda noite, e nos dias que eu tinha que trabalhar fora, minhas filhas ficavam com os respectivos pais.

Após um tempo desconectada das redes sociais, passei a me conectar novamente, especialmente ao Instagram. Eram muitas lives, as pessoas começaram a arrumar formas de produzir e contribuir com informações de qualidade, em meio ao caos e as dores do mundo. Via lives sobre maternidade, criação respeitosa, sexualidade infantil, feminismo, política (o Brasil estava sob o comando de um presidente de extrema direita – foi um período de mais pânico ainda por isso).

Minha terapia passou a ser online, continuei os encontros semanais com a Debi. Não me recordo quando, mas em algum momento ela me falou que estava pensando em promover uma roda de leituras durante esse período de isolamento social e perguntou se eu me interessava. Nem pestanejei, a forma como ela trazia e traz as inquietações me fazia muito sentido; e lendo, pensando junto com outras mulheres, UAU!

Assim começamos. A leitura era de um livro que ela já tinha trazido algumas vezes nas rodas, um que ela gostaria de ler há tempos, mas não teve oportunidade e fazia sentido para ela fazer essa leitura com outras mulheres mães. Ela organizou um formato e propôs um cronograma de leitura, porém sempre deixou muito aberto para nossas sugestões; reforçando que não era obrigatória a leitura para participar, que o mais importante era estarmos juntas.

Para mim foi muito boa essa formatação que ela deu, funcionava. Eu lia os capítulos e a cada 15 dias estava lá para ouvir, falar e me inquietar. Esta leitura em grupo, num grupo de mulheres mães, lendo sobre maternidade, não sobre uma maternidade posta: essa que se “abnega”, se “doa”, se coloca em segundo lugar, que sofre, que ama “incondicionalmente”, que vive cheia de culpas, que não deseja mais que do ser “mãe”. Não era uma leitura assim.

Era uma leitura que trazia história, ou melhor, trazia uma história que não nos contam, que escondem, camuflam, deturpam e não nos dão acesso a conhecer. Ela nos trouxe a nossa história. Foi uma leitura que reverberou muita raiva, muitas perguntas, muitas e mais incertezas; e o melhor, que trouxe certezas (pelo menos algumas). Me trouxe também alívio, tirou culpas, fez eu me sentir pertencente! O começo do livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, de Elisabeth Badinter, foi uma revelação de que eu também pertencia a maternidade, do meu jeito.

Saber daquelas mães que se relacionavam com seus filhos de formas tão diferentes das que eu ouvia que tinha que performar; mães que talvez nem estariam afeiçoadas aos filhos como eu acreditava que era o correto sentir, foi libertador para eu me vincular com os meus da forma como eu podia e queria. Quando tive meu primeiro filho eu me sentia presa; e não entendia que isso era possível. “Mas como assim?”. Eu achava que eu tinha algum defeito, pois queria demais aquele filho e também queria viver! Queria sair, beijar, curtir, beber, farrar. Mas eu não podia, eu TINHA que dar conta do meu filho, e era eu! Não o pai, porque esse nunca deu, mas eu tinha que dar, e eu ficava com muita raiva. Mas cuidava, pois era o que me restava enquanto mulher.

Na segunda gestação eu também não sentia amor quando minha filha nasceu. Não senti nada, nenhuma emoção. Eu planejei o quarto dos sonhos, escolhi o dia que ela nasceria, amamenteei... fiz tudo como mandava a cartilha da “boa mãe” da minha geração. Mas ainda havia muita falta no meu ser. Na terceira gestação, com o “amor da minha vida”, aquele meu “príncipe”, eu pensava: “Agora serei completa”. E nada! Minha filha nasceu em casa, cercada do maior respeito, mas ainda tinham as faltas. “E como podia?!”

Pois é, pode! E era assim comigo. A diferença é que antes das leituras feministas eu não sabia identificar tudo isso, eu não sabia nomear, nem me sentia autorizada a falar sobre isso. E mais, eu não conhecia outras histórias como a minha. Afinal, quantas mulheres mães vemos por aí falando como se sentem verdadeiramente? Ou melhor, quantas mulheres mães vemos por aí falando sobre sentimentos indesejados e ruins diante da maternidade?

O que eu ouvia era sobre uma maternidade santificada, pecaminosa e amaldiçoada (caso a mulher não quisesse). Uma maternidade que supriria absolutamente tudo no meu ser, uma maternidade que me daria tudo que uma mulher precisa e sonha. E essa nunca foi minha experiência de ser mãe. Quero enfatizar que essa conscientização da minha maternidade e do meu materno nada tem a ver com o amor que sinto pelos meus filhos, com o meu senso de responsabilidade diante da vida deles e da criação deles, e isso são processos que eu fiz com as leituras.

Conhecer outras formas de ser mãe, como daquelas mães da história ocidental europeia que nos contava Badinter, não mudou por completo a problemática da minha maternidade, como é o caso da situação da atual ausência paterna, permitida e validada social e judicialmente, na maternagem da minha filha mais nova, por

exemplo. Mas permitiu eu me livrar de pesos e culpas, reconfigurando a minha relação com os meus filhos, com seus pais e comigo mesma; de forma que me autorizo a não performar todas as exigências esperadas para uma “boa mãe”: quando não posso ou não quero, não realizo as tarefas escolares com elas; não me sinto mais obrigada a “gostar de brincar” para dar conta do tempo livre delas; não poupo os pais delas de faltarem ao trabalho quando elas estão doentes e por aí vai.

Eu sempre me achei inadequada como mãe. Essas mães que pintam nas propagandas, na história, na igreja, na bíblia, em tudo que consumimos e nos pregam socialmente. Eu nunca soube identificar os choros dos meus bebês, eu não sentia amor por eles quando estava grávida, eu não me sentia completa e plena só porque era mãe; eu sentia faltas, raiva, angústia e um desejo de liberdade grande, que antes nem sequer sabia nomear. Hoje sei! Foi uma das coisas que me aconteceu após esses processos, o terapêutico e o das leituras feministas, em grupo e sozinha. Aprendi a nomear o que sinto e vivo.

Ler e pensar junto, foi e tem sido essa potência na minha vida. Estudar a partir de mulheres, ouvir mulheres, ler mulheres, tem me trazido mais consciência e sensação de saber sobre mim mesma que qualquer aula que eu já tenha frequentado. Como por exemplo, em maio de 2021, quando passei pela audiência de instrução do meu processo judicial movido contra o genitor da minha terceira filha, foi uma das ocasiões mais violentas que já vivenciei. Após esse episódio passei 36 horas sem dormir, completamente confusa, triste e desesperada.

Foram três mulheres: a juíza, a promotora e a advogada dele, me coagindo, me acuando e me silenciando, a cada frase que eu pronunciava com assertividade e cobrando a responsabilidade dele nos cuidados com a filha. Foi uma violência contra mim, ele mal abriu a boca, não precisava. Eu, por outro lado, me indignava, e era rechaçada. Penso aqui que se eu não estivesse nesse processo de saber como as estruturas de poder funcionam para manter o status quo, muito provavelmente eu estaria ainda hoje destruída. Foram e são momentos de muitas tomadas de consciência e reflexões a partir de nossas próprias histórias, entrelaçadas com as leituras; foram falas e escutas muito poderosas e transformadoras!

Na leitura de “Mães arrependidas”, de Orna Donath, por exemplo, eu fui atravessada por uma percepção: ter me arrependido de ser mãe. E estou bem em me sentir assim, pois aprendi a distanciar o sentimento de arrependimento e culpa, do meu amor e desejo de ter uma relação saudável com meus filhos. Mas também não

sei se estou arrependida, ainda estou nesse processo de compreender. Pois vivo experiências de maternidades diferentes com as minhas filhas de pais diferentes, e cujos contextos são tão diferentes. Uma das maternidades que vivo é sobrecarregada e sufocante; e, na outra, me sinto como um pai presente e socialmente aceito; melhor dizendo, socialmente enaltecido, pois aceito todos os pais são, inclusive os abandonadores. Nesta, em que as responsabilidades são divididas de forma equilibrada, me sinto leve, feliz e uma mãe suficientemente boa.

O processo de tomada de consciência que vivi junto com a terapia, com o grupo de leitura Maternando-se e com as leituras individuais, ainda reverbera na minha vida. Continuo buscando e fazendo outras leituras (individuais), que me ensinam a me entender e a compreender o que é ser mulher nessa sociedade. As leituras sobre arrependimento materno, por exemplo, foram caminhos individuais que me permitiram encontrar lugares para o meu ser mãe para além do que o grupo de leitura tinha me possibilitado até aquele momento.

Hoje consigo perceber com menos borramento as situações as quais estou submetida como mulher e mãe, em vários âmbitos sociais. Por vezes, estar mais consciente e ser uma mulher que se posiciona sobre si me traz muitos incômodos, olhares reprovadores. Colocar-me assertivamente provoca desconfortos e raiva nas pessoas, e tentativas de silenciamentos; pois de mim se espera passividade, submissão e aceitação, sempre! Porém, ainda assim, reflito se saberia (e se gostaria de) voltar a viver sem me apropriar da minha história, pois também tem sido menos ansiogênico, menos adoecedor e muito mais agregador em termos de relações responsáveis, com pessoas interessantes, críticas e cuidadoras no meu ciclo íntimo.

Além do mais, na minha maternidade tenho vivido uma relação mais verdadeira com meus três filhos, em que expresso (assim acredito) o quanto os amo e como eles me importam; mas que eles não são tudo na minha vida e nem darão conta de tudo de que eu preciso para ser feliz. Inclusive, estar sem eles tem sido libertador, potente e necessário! E esta é a MINHA maternidade, não é melhor, não é pior, nem tampouco pecaminosa. Acredito no exemplo e na forma como os estou conduzindo. Especialmente a elas, desejo que algum dia eu seja um exemplo que as ajudem a se fortalecerem enquanto mulheres nessa sociedade misógina. E a meu filho, que eu seja um exemplo de mulher que não se curva a palavras definidoras de homens sobre nós ou nosso jeito de transitar pelo mundo e espaços, e para que ele tenha senso de responsabilidade no lar.

Sigo tentando achar um lugar mais confortável para mim e eles três, entendendo que HOJE quero estar presente e com todos sob meu teto e percebendo que quando não quiser mais, acolherei e serei honesta com todos nós. Carrego bem menos culpas e bem mais alegrias, esperanças e fortalecimento. Ainda hoje me surpreendo com as descobertas que vivencio a partir do processo de conscientização, percepção e escuta aos sinais do meu corpo em cada vivência que tenho.

6 PÓS ESCRITO

Esta última escrita surge com as reverberações do momento da minha banca de defesa desta dissertação. Foi composta com ela, e, de modo como eu fui me posicionando na escrita-pesquisa, foi feita de forma implicada. Portanto, o que se seguem agora são desdobramentos do episódio da minha apresentação, cujas interpelações das falas das avaliadoras convidadas produziram uma série de conexões as quais me levaram a “contemplar esse elemento acadêmico”, como depois nomeia a avaliadora externa Profa. Dra. Marília Silveira.

Eu não queria “dar a palavra final” nesta produção. Não queria escrever uma conclusão; e o texto diz deste posicionamento. Minha resistência, na verdade, é que, a meu ver, a história única da ciência psicológica faz um esforço para produzir (e produz, talvez) um efeito de não deixar dúvidas, de que tudo está bem situado; de garantir que quem lê compreende tal como está sendo argumentado. Essa ciência usa uma narradora tradutora - a pesquisadora - para interferir e analisar as histórias. Assim, distancia a leitora.

Produzimos uma pesquisa-fuxico como uma forma de conhecer que não oferece certezas, explicações ou conclusões. É uma forma narrativa que quer aguçar nossa imaginação de leitoras, quer provocar a sensação de que se não interferirmos a história não estará pronta para seguir adiante. Então, a forma como foi escrita a história única - ou seja, o capítulo final desta dissertação - teve a intenção de levar a leitora a querer entrar na conversa; a querer fuxicar. Ao forjar uma pesquisadora fuxiqueira, quisemos também fazer existir uma investigadora que se constitui na desistência de uma única autoria, pois ela precisa de outras e de mais vozes narradoras para a história continuar.

Com o convite para escrever a sua própria história, usando o espaço de uma dissertação de mestrado para dizer à psicologia acadêmica o que ela considera importante sabermos e fazermos na produção de conhecimento, a Leka nos desacomoda. Ela sabe que nossas produções acadêmicas engajam também políticas públicas para mulheres mães como ela, e oferece a sua história para nos envolvermos com as questões das maternidades em toda sua complexidade e contradições. A pesquisa-fuxico, por sua vez, retira o “airbag acadêmico”, o qual tantas vezes é operado com as nossas análises e conclusões de pesquisadoras, permitindo aos corpos que fazem ciência não sentirem seus incômodos.

Para produzir conhecimento engasgadas com as interpelações que as histórias únicas nos provocam, sobretudo quando as sujeitas tomam suas vozes, é preciso coragem. Pensamos que essa é uma das especificidades que nossa investigação oferece à psicologia, como afirmou a professora Marília. Acreditamos que essa feitura corajosa pode provocar para as psicologias que temem (se) ouvir, (se) conhecer e deixar a outra falar e pensar, o efeito de implicação. E para as psicologias que ainda sofrem sujeições do colonizador, o efeito do “Comigo também é assim! Então, eu também posso!”.

Naquele rito de avaliação pública, uma indagação da Xili sobre caber ou não uma reflexão final neste texto foi recebida e validada pelas convidadas avaliadoras, começando pela Profa. Dra. Susane. Ela, a primeira a se colocar, fez uma discreta reflexão sobre *ter no meu trabalho, um modo único de fazer*; considerando que, para esta produção, era imprecisa a pertinência ou não de um capítulo conclusivo conforme requeria a maneira canônica acadêmica. Eu também não tinha certeza sobre isto. Talvez fosse mesmo importante, pois as próprias considerações que eu havia feito, quando convocada naquela ocasião da apresentação, seriam preciosas e relevantes para a psicologia, como afirmou a Xili.

O que eu sabia (àquela altura todas nós sabíamos!) era que eu não queria escrever uma reflexão final, que as mulheres participantes e coprodutoras da pesquisa não queriam, e que a proposta teórico-metodológica investida não queria. O que queríamos era narrar as nossas histórias do nosso jeito. E o nosso jeito, até aquele momento, vinha sendo composto no sentido de mudar algumas coisas de lugar; como fizemos eu e a Leka quando a ofereço, no capítulo final, o espaço da escrita para ela mesma contar sua história, com suas palavras, da forma como ela quisesse.

Fiz esse movimento, como expus na defesa, buscando escapar das construções eurocêtricas, racistas, sexistas, capacitistas etc., e esperando contribuir para a psicologia enquanto ciência encontrar e/ou produzir rotas de fuga e práticas para manejar suas próprias feridas históricas e marcas coloniais. Fiz essa escolha, a qual foi validada pela minha orientadora, inspirada e sustentada por algumas narradoras-exemplo. Uma delas Grada Kilomba⁴⁰, quando me contou que era preciso ela escrever para se tornar sujeita da própria história. E Chimamanda Adichie (2019,

⁴⁰ Referência ao vídeo “While I write”:

https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfMA9w&ab_channel=GradaKilomba.

p. 23), quando me faz pensar que “como as histórias são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder”.

Retomando, aqui, a oportunidade e o espaço intelectualizado da escrita, veio-me a questão: como vou seguir com essa história? Resolvi assistir ao vídeo gravado da defesa, pois esta havia sido, para mim, uma situação de tensionamentos sobre os fazeres dessa pesquisa e da ciência. E eu queria escrever com aquelas interpelações. Além do mais, eu lembrava que a Marília havia indicado alguns caminhos que talvez me ajudassem a fazer o que eu não queria fazer. E mais! Que me ajudariam a fazer isso sem “desmantelar” minha própria feitura: “E aí você conta esse processo com as reverberações da banca, que eu acho que assim você não desmonta a organização que você fez do texto” (Marília, banca de defesa, 27 de julho de 2023).

Aceitando a proposição de voltar ao trabalho sustentando uma coerência com a organização construída, reconectei-me com uma das principais contribuições intencionadas nessa produção científica, que foi deixar-me transformar nos encontros com as mulheres e suas questões. E de pensar articulando os interesses, as versões e as vozes de todas nós. Recuperei, então, a defesa como um novo encontro de mulheres costurando conhecimentos:

No seu texto, [Débora], fica muito bem situada a importância e os efeitos, pra você, da construção que você faz a partir das leituras, da participação do grupo Maternando-se e da escrita. Daí eu gostaria de te escutar um pouquinho, também eu acho que você já começou a falar na apresentação, sobre a contribuição da sua pesquisa pra área de investigação na qual ela se insere. [...]. Como é que você insere, então, essa sua contribuição específica a outras que já existem nessa área de conhecimento (Susane, banca de defesa, 27 de julho de 2023).

Outro ponto de tensionamento foi disparado com esta indagação sobre os efeitos dessa investigação acadêmica não para mim mas para a área de conhecimento. Precisei imaginar uma circunscrição para psicologia enquanto área de estudo, em que estaria inserido todo o nosso processo original de investigação doméstica, se considerarmos que os efeitos para mim e a construção acontecida com as leituras e a experiência do grupo Maternando-se, na minha vida, na minha prática profissional, e nas vidas das mulheres participantes, estão fora do escopo do que é/foi produzido como efeito na/para a área da psicologia? Onde se situa a psicologia enquanto área de investigação? Existe um único lugar para ela? A academia seria este lugar?

O caminho feito nessa pesquisa foi o de um estudo que começou fora da academia e antes do meu ingresso no mestrado. Iniciou em casa; no caso, a minha. Disto, reafirmamos que problematizar a cisão da vida e do saber cotidiano com a ciência, assim como do privado com o público/com o coletivo, nas práticas de produção de conhecimentos científicos, é uma das contribuições que fazemos. Propomos para a psicologia, como área de investigação, pensar como os saberes das “vozes domésticas” das mulheres mães, sobretudo daquelas que ainda permanecem fora dos lugares de produção de conhecimento sobre elas e de políticas públicas para elas, interferem nos lugares e nas formas dos seus fazeres e dos efeitos/das realidades produzidos/as para elas.

Nosso investimento foi pensar as psicologias como práticas concretas plurais e ações sociais. De modo que elas estão no mundo, e são manejadas nele, inclusive enquanto áreas de saber. Assim, as contribuições dessa investigação para a área de conhecimento das psicologias, a qual se insere no contexto dos estudos das mulheres e das maternidades, ocorrem desde as minhas experiências pessoais como mulher mãe e depois como psicóloga clínica e facilitadora de grupos. Essas, transformaram a psicologia que eu praticava e as relações das mulheres em suas experiências com a psicologia. Como no caso de grupo de leituras em que as participantes se tornaram mais atentas, críticas e conscientes de suas localizações sociohistóricas e raciais nas questões que sofriam e nas produções científicas, inclusive dessa área de conhecimento.

Trazer outras maneiras de narrar e pensar as maternidades e favorecer a compreensão da complexidade das problemáticas do ser mulher mãe - a qual foi apropriada pelas mulheres coautoras desta pesquisa - foi a nossa principal contribuição. Ao expor algumas contradições, ambiguidades e pluralidades das vivências maternas, com as narrativas das próprias mães, este trabalho se soma a outras produções da área as quais questionam o fazer das psicologias; desde a criação de psicodiagnósticos gendrados por construções históricas de gênero, raça entre outras, aos alcances das intervenções clínicas individuais.

Ao se inserir num contexto de práticas e estudos com grupos de apoio e/ou psicoeducativos que se voltam para a gestação, o pós-parto e a maternidade, a experiência com o grupo de leitura Maternando-se e esta pesquisa compõem no sentido de ampliar os alcances e os poderes das vozes das mulheres mães na/para a elaborações dessas ações. Interferindo em nossas práticas psicológicas, as quais

ainda estão impregnadas de uma moral patriarcal e cuja construção teórica dominante foi pensada e feita sobre as mulheres mães e não COM elas, esta produção colabora para as psicologias se comprometerem politicamente com as realidades vividas e narradas por essas mulheres, engajando-se para práticas mais plurais.

Engajamento tal como interpretei na postura da professora Susane durante a banca. A forma como ela se abriu à proposta, e a legitimou, mesmo situada numa área temática, teórica e metodológica diferente da dela. Ela me fez várias interlocuções, como se buscasse uma conversa: “Então assim, ao final da sua pesquisa, assim agora... a gente já tá num outro momento em que você já tá aqui colhendo os efeitos da escrita, da experiência” (Susane, banda de defesa, 27 de julho de 2023). Foi como ela retomou comigo a questão da Renata sobre “como fazer a separação do ser mãe e ser mulher”. Perguntou-me, então, se eu tinha elaborado uma conclusão. Senti-me alegre e grata em compor mais versões minhas com os questionamentos dela.

Assim como eu não tinha respostas para as questões problematizadas nesta dissertação-fuxico; não tenho sobre a pertinência ou necessidade deste *pós-scriptum*. Continuo com o problema, como diz Donna Haraway. Mas também eu não estava preocupada com conclusões rápidas quando escolhi esse caminho. Eu investi nos fuxicos como uma forma narrativa que busca também aguçar a imaginação de quem lê, provocando a sensação de que se não interferirmos na história, se não fuxicarmos, a história não pode passar adiante. Como se faltasse alguma coisa, que pode ser a nossa interpretação, a nossa versão. Além do mais, hoje eu penso que uma pesquisadora fuxiqueira se constitui também na desistência de uma ÚNICA autoria, pois ela precisa de outras e de mais vozes narradoras para a história continuar.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Valtensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BAIA, Luara Paula. **Maternidade tem cor?** Narrativas de mulheres negras sobre maternidade. Curitiba: Appris, 2021. [E-book].
- CÉSAR, Filipa, OLIVEIRA, Alexandra, FONTAINE, Anne-Marie. Modelos sociais de maternidade difundidos em páginas e grupos do *Facebook* em Portugal. **Análise Psicológica**, [s.l.], v. 36, n. 1, p. 47-59, mar. 2018. DOI: 10.14417/ap.1333.
- COLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan-abr, 2016. DOI: 10.1590/S0102-69922016000100006
- COLLUCCI, Cláudia. Há dois anos, morria a primeira vítima da Covid-19 no Brasil: desde a morte da diarista Rosana Urbano, 57, o país já soma mais de 654 mil vítimas fatais da doença. **Folha de São Paulo**. 12 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/03/ha-dois-anos-morria-a-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil.shtml>. Acesso em: 17 mai. 2023.
- CONTI, JOSSELEN. **Margens entre pesquisar e acompanhar**: o que fazemos existir com as histórias que contamos? 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2015. Disponível em: http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2015_d_Josselem.pdf. Acesso em: 17 mai. 2023.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. [PDF].
- DEL PRIORE, Mary. Práticas da maternidade. In: DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 39-90.
- DEL PRIORE, Mary. Prédicas da maternidade. In: DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 93-108.
- DELL'AGLIO, Daniela Dalbosco. **Ecologia do cuidado**: práticas cotidianas e arranjos de imprevisibilidades em uma comuna rural. Orientadora: Paula Sandrine Machado.

2021. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional)– Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

DIANGELO, Robin. Fragilidade Branca. Tradução Anelise Angeli De Carli. Dossiê Racismo. **Revistas UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2018. ISSN 2175-8689. DOI: 10.29146/eco-pos.v21i3.22528.

DINIZ, Débora. Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista. *In*: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Vasleska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

DONATH, Orna. Os caminhos para a maternidade: o que a sociedade dita versus as experiências das mulheres. *In*: DONATH, Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 26-50.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Tradução de Heloisa Jahn. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da min há escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-57.

FAVERO, S. R. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 1–16, 2020. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3518 Acesso em: 18 maio 2022.

FRANÇA, Rayane Oliveira do Vale. **Narrativas sobre gestar, parir e puerperar no contexto da Covid-19**. 2023. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**: Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu (5)**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, p. 07-41, 1995.

hooks, bell. A sororidade ainda é poderosa. *In*: hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Bhuvli Libanio. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. While I write. **YouTube**, 11 maio 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w&ab_channel=GradaKilomba. Acesso em: 18 maio 2023.

KIND, Luciana. **Mulheres e redes**. *In*: MOSCHETA et al. (Org). A dimensão política do pesquisar no cotidiano. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

LEITE, Carolina Alves. **Mães empoderadas**: a maternidade em grupos de apoio a mães em Teresinha. 2017. 74 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)– Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

MACEDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p.187-204, ago. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2022.

MORAES, Márcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 39-50, 2016.

NASCIMENTO, Maria Lívia do; MANZINI, Juliane Macedo; BOCCO, Fernanda. Reinventando as práticas psi. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 15–20, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kVZvS6SmJDZc59Fm5JH98TS/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 jun. 2022.

OLIVEIRA, Érika Cecília et al. “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. spe, p. 179-184, dez, 2019.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues. Memórias, subjetivação e educação no tempo presente: como as representações de violência sexual são abordadas nos livros didáticos de História? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 466-502, set-dez, 2019.

PACHECO, Gabriela Barbosa. Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: encontro sobre *Canção de ninar*, de Leïla Slimani. **Revista RuMoReS**, São Paulo, v. 13, n. 26, jul-dez,. 2019. DOI:10.11606/issn.1982-677X.rum. 2019.161058.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, n. 17, ano 3, p. 18-25, set-dez: 2005.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PUIG DE LA BELLACASA, María. Nothing comes without its world: thinking with care. *The Sociological Review*, 60(2), 197-216, 2012.

SANTOS, Ellen D'Oliveira. **Adora, as pontas soltas do patriarcado e outros fenômenos de se tornar o sujeito do feminismo**. 2021. 72f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2021.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. *EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 114-133.

SILVA, J. M. S *et al.* A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 5 fev. 2023.

SILVEIRA, Marília. **Vozes no corpo, territórios nas mãos: loucura, corpo e escrita no PesquisarCOM**. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SILVEIRA, Marília. Escrever, pesquisar, ensinar, pensar... que mundos produzimos com as nossas práticas? In: QUADROS, Laura Cristina; MORAES, Marcia; BONAMIGO, Irme Salate. **Pensar, fazer e escrever: o PesquisarCOM como política de pesquisa em psicologia**. Chapecó: Argos, 2019.

SOARES, Rai. **A mulher que pariu um peixe: e outros contos fantásticos de Severa Rosa**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SOUZA, Rita de Cássia. Princípios básicos da pesquisa relacional, dialógica e colaborativa. **Pro-Posições**. Campinas, v. 32. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0125>. Acesso em: 5 fev. 2023.

SPINK, May Jane. Clientes, cidadãos, pacientes: reflexões sobre as múltiplas lógicas de cuidado da atenção à saúde. **Saúde Social**, São Paulo, v. 24, supl.1, p.115-123, 2015.

SUSANE, Oliveira. Violência contra as mulheres nos livros didáticos de história (PNLD 2018). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27 (n. 3), 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n358426#:~:text=did%C3%A1ticos%20de%20Hist%C3%B3ria%2C%20aprovados%20no,ensinado%20e%20aprendido%20nas%20escolas>. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n358426. Acesso em: 5 fev. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa do tempo, 2021.

ZANELLO, Valeska. **Saúde metal, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska *et al.* Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 2022. DOI: 10.1590/1806-9584-2022v30n286991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zGZmKbD67GCXCyC8mKmwwSj/#> . Acesso em: 5 fev. 2023.

APÊNDICE



Maternando e Aprendendo

grupo de leitura, escuta e autoconhecimento

O quê?

Leitura e estudo em grupo online do livro "Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno" de Elisabeth Badinter.

Como?

Leitura individual, por capítulos, de uma versão digital, e realização de oito encontros pré-agendados, para discussão e trocas de experiências entre as participantes com facilitação da psicóloga. E proposição de atividades para exploração de tecnologias que possibilitem outras experiências identitárias, tais como: filmes, músicas, textos, etc.

Por quê?

A ideia de que o amor materno é instintivo, distribuída pela lógica ocidental capitalista (patriarcal, machista, misógena e sexista), leva mulheres a escolhas e performances inconscientes de maternidade; gerando sofrimento e adoecimento.

Para quê?

- Ajudar a nomear as experiências sofridas e dar esperança;
- Facilitar a desconstrução do dispositivo materno como identidade de gênero;
- Politizar o sofrimento, pela partilha; Facilitar a identificação e construção de lugares de pertencimento;
- Mobilizar mudanças objetivas nas performances das participantes.

Quem?

Grupo fechado de mães., com no mínimo 5 e no máximo 10 inscritas.

Quando?

Aos domingos, das 16h às 18h, quizenalmente.
Com previsão para início em 10 de Maio de 2020.

Qual os meios?

Salas de reunião, via plataforma skype, para os encontros e discussões online; e grupo fechado no telegram.



Como se sustenta?

Será proposta como sustentação uma relação de troca saudável: a psicóloga entrega tempo e compromisso; e as participantes se dispõem a entregar também. Contudo, os papéis e formas de compromisso são distintos.

Papéis e compromissos da psicóloga:

- Fazer as leituras antecipadamente, buscando referências e outras fontes de conhecimentos para explicar às participantes; bem como elaborando proposta de experimentações interpeladas pela leitura;
- Manter o sigilo dos encontros, das informações e das trocas;
- Fazer escuta ativa, e mediar a comunicação do grupo.

Papéis e compromissos das participantes:

(Construir com o grupo)

- Fazer as leituras antecipadamente;
- Manter o sigilo dos encontros, das informações e das trocas;
- Manter frequência nos encontros virtuais, com ausência máxima de 02 encontros;
- Participar na avaliação e formatação do trabalho, com depoimentos e feedback;

Encontros:

10 de Maio: Prefácio à edição de bolso – 9; Prefácio - 19; I. O AMOR AUSENTE - 25; e 1. O longo reinado da autoridade paterna e marital - 29
 24 de Maio: 2. A condição da criança antes de 1760 - 53
 07 de Junho: 3. A indiferença materna - 85
 21 de Junho: II. UM NOVO VALOR: O AMOR MATERNO - 145; 1. Em defesa da criança - 149
 05 de Julho: 2. A nova mãe - 201
 19 de Julho: III. O AMOR FORÇADO - 237; 1. O discurso moralizador herdado de Rousseau, ou "Sophie, suas filhas e suas netas" – 241
 02 de Agosto: 2. O discurso médico herdado de Freud - 295
 16 de Agosto: 3. As distorções entre o mito e a realidade - 331; PARAÍSO PERDIDO OU REENCONTRADO? – 367
 30 de Agosto: Encerramento e fechamento do grupo.